

**Contributos para o estudo do comportamento informacional: estudo
dos hábitos de leitura dos bibliotecários públicos da Rede Municipal
de Bibliotecas de Lisboa**

Ana Rita da Fonseca Neto Marques

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e da
Documentação**

Outubro, 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Informação e da Documentação, realizada sob a orientação científica da Mestre Paula Ochôa e da Professora Doutora Maria de Lurdes Rosa

Declaro que esta dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa,de de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

O(A) orientador(a),

Lisboa,de de

AGRADECIMENTOS

À Mestre Paula Ochôa e à Professora Doutora Maria de Lourdes Rosa, pela orientação científica e acompanhamento.

Aos professores do mestrado em Ciências da Informação e da Documentação, por todas as aprendizagens, conhecimentos consolidados e experiências partilhadas.

À Câmara Municipal de Lisboa, nomeadamente à Divisão de Gestão de Bibliotecas e aos bibliotecários e demais profissionais das bibliotecas da Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa, pela disponibilidade e ajuda fornecida à realização deste trabalho. Sem os depoimentos dos bibliotecários inquiridos esta investigação não teria sido possível.

À Ana Amaro, Paulo Soares, Pedro Dias e Susana Carona, pela camaradagem, entreajuda e Amizade.

À Isabel Branco e Rita Simões, companheiras de leituras.

À Tânia Pinhão, companheira de sempre.

À minha família, pelo apoio e incentivo diários.

Ao Paulo Sampaio, por tudo.

RESUMO

ABSTRACT

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDOS DO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL: ESTUDO DOS HÁBITOS DE LEITURA DOS BIBLIOTECÁRIOS PÚBLICOS DA REDE MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS DE LISBOA

ANA RITA DA FONSECA NETO MARQUES

PALAVRAS-CHAVE: hábitos de leitura, comportamento informacional, cultura profissional, promoção da leitura, bibliotecários públicos, Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa

KEYWORDS: reading habits, informational behaviour, professional culture, promotion of reading, public librarians, Lisbon's Rede Municipal de Bibliotecas

A presente dissertação visa apresentar e discutir os hábitos de leitura dos bibliotecários públicos da Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa na perspetiva dos estudos do comportamento informacional. O trabalho procura identificar as finalidades das leituras realizadas por esses profissionais e as formas de promoção da leitura por eles desenvolvidas, quer em contexto profissional quer em contexto familiar, mostrando que a leitura consiste numa competência que deve integrar a cultura profissional desta classe.

This dissertation aims to present and study the reading habits of public librarians who work in Lisbon's Rede Municipal de Bibliotecas within the informational behavior perspective. The object is to identify the purposes of those readings, define the promotion of reading habits carried out by same librarians, both in professional and

familiar contexts, showing that reading consists of an ability that must integrate the professional culture of this professional class.

Não há talvez dias da nossa infância que tenhamos tão intensamente vivido como aqueles que julgámos passar sem tê-los vivido, aqueles que passámos com um livro preferido.

Marcel Proust (1991[1905])

Não importa, pois, se a biblioteca se lê, se ouve ou se vê.

Maria Luísa Cabral (1996)

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: Enquadramento Teórico.....	4
I.1. Comportamento Informacional	4
I.2. Hábitos de Leitura.....	5
I.2.1. Uma História Repleta de Transformações.....	5
I.3. Literacia.....	7
I.3.1. Plano Nacional de Leitura.....	8
I.4. O Papel da Leitura na Sociedade da Informação.....	11
I.5. Os Papéis do Bibliotecário Público.....	12
I.6. A Cultura Profissional do Bibliotecário Público.....	15
Capítulo II: A Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa.....	17
II.1. A Biblioteca Pública.....	17
II.2. A RMBL.....	19
Capítulo III: Metodologia.....	21
Capítulo IV: Apresentação e Análise dos Resultados.....	26
IV.1. Relação com a Leitura.....	27
IV.2. Finalidades da Leitura.....	35
IV.3. Promoção da Leitura.....	39
Capítulo V: Comportamento Informacional dos Bibliotecários Públicos da RMBL Evidenciado a partir dos Seus Hábitos de Leitura.....	44
Conclusão.....	48
Bibliografia.....	ix
Apêndice A: Guião da Entrevista	xvii

Apêndice B: Formação académica dos bibliotecários.....	xvii
Apêndice C: Categorias e subcategorias da entrevista.....	xviii
Apêndice D: Transcrição das entrevistas realizadas aos bibliotecários públicos da Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa.....	xx
Apêndice E: Grelhas de Análise.....	lxxxii
Anexo A: Modelo do processo de procura de informação de Carol Kuhlthau.....	cxxiii
Anexo B: Modelo geral do comportamento informacional de Wilson.....	cxxiii
Anexo C: Modelo do comportamento de procura de informação de Wilson.....	cxxiv
Anexo D: Modelo revisto do comportamento informacional de Wilson e Walsh.....	cxxiv
Anexo E: Domínios de competências e aptidões do Euro-Referencial I-D.....	cxxv
Anexo F: Serviços disponibilizados pela RMBL.....	cxxvi

INTRODUÇÃO

A presente dissertação pretende responder à pergunta de partida *Qual o comportamento informacional evidenciado pelos bibliotecários públicos da Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa, a partir dos seus hábitos de leitura?* Considera-se ser fundamental a sua investigação no que concerne ao desenvolvimento da cultura profissional dos bibliotecários, nomeadamente a competência da leitura, intimamente ligada à literacia e à alfabetização, âmbito para o qual a biblioteca pública deve direcionar a sua missão e objetivos.

A escolha da Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa (RMBL) deve-se ao facto de se tratar de uma rede de referência, com história biblioteconómica e provas dadas nesse domínio, ao que acresce o número significativo de 16 bibliotecas que a compõem, bem como os seus profissionais, nomeadamente bibliotecários e técnicos profissionais de biblioteca, que constituem a amostra da presente investigação.

Numa altura em que se pretendem elevar os níveis de literacia em Portugal, todos os mediadores da leitura têm um papel fulcral, verificando-se uma preocupação crescente com a cultura do livro e da leitura, dada a característica pluriforme que detêm na sociedade da informação. Neste sentido, a biblioteca pública constitui uma fusão de suportes diversificados, de serviços, de informação que se transformará em conhecimento, surgindo assim como espaço privilegiado de acesso ao mesmo – como ferramenta de intervenção social. Trata-se, pois, de um processo criador, uma vez que o que se pretende é que se desenvolvam nos utilizadores competências que lhes permitam agir na sociedade em que se encontram inseridos, que possam escolher e contribuir para o seu desenvolvimento.

O estudo do comportamento informacional é uma das principais áreas de investigação das Ciências da Informação¹, mas é ainda pouco usual em Portugal. Neste contexto, reveste-se de grande importância a elaboração de um estudo sobre o

¹ Os estudos de utilizadores constituíram a área de investigação inicial, considerando-se vários períodos de maior intensidade: **1963-1975** – com a exploração de diferentes aspetos do comportamento da procura da informação (uso da coleção, uso dos catálogos, padrões de comunicação, padrões de necessidades de informação, segmentação de utilizadores por ocupação profissional); **1976-1988** – com o estudo de atitudes, necessidades de informação e comportamentos de pesquisa, níveis de literacia e barreira ao uso da informação; **1989-1999** – com a construção de modelos de comportamento face à informação e exploração do papel da informação no quotidiano. A partir de **2000**, todas estas questões são colocadas para a pesquisa da utilização de recursos eletrónicos e avaliação da qualidade da pesquisa.

comportamento informacional de um grupo profissional desta área, de modo a perceber as suas necessidades informacionais, as modalidades de procura de informação que utilizam ao efetuarem as suas pesquisas de informação e as formas de utilização que dão à própria informação. A área de investigação destes profissionais centra-se na gestão da informação, o que abrange a sua organização, armazenamento, pesquisa, difusão e análise, bem como a formação de utilizadores, entre outras tarefas, pois aos bibliotecários exige-se que possuam competências transversais a várias áreas do saber.

Assim, procuram-se identificar modalidades do comportamento informacional dos bibliotecários e as formas como estas se refletem no seu desempenho profissional, para compreender os mecanismos informacionais nos hábitos de leitura destes profissionais e investigar o que leem, para que fim e como mobilizam as suas leituras, pessoais e profissionais, identificando, caracterizando e diferenciando os diversos tipos de informação para a realização de pesquisas com uma finalidade profissional, bem como de lazer.

Sendo os bibliotecários públicos essenciais no âmbito da promoção da leitura, torna-se pertinente investigar o que leem, para que fim e de que modo mobilizam as suas leituras, pessoais e profissionais. Dada a especificidade e constante evolução da Ciência da Informação, estes profissionais devem manter-se atualizados, com vista a um melhor desempenho profissional. Assim, um dos traços distintivos desta classe profissional no comportamento informacional deverá ser os seus hábitos de leitura, e, enquanto profissional e cidadão, o bibliotecário deve caracterizar-se pela realização de leituras para fins profissionais, assim como para fins de lazer, o que comprova o enraizamento de um hábito que se estende aos domínios profissional e pessoal, razão pela qual se considerou interessante alargar a investigação à esfera familiar e identificar hábitos de promoção de leitura nesse contexto.

No âmbito deste estudo exploratório qualitativo, apresentam-se os seguintes objetivos:

- Estabelecer uma relação entre as competências inerentes à profissão do bibliotecário público e a contextualização, missão e perfil de competências da Rede de Bibliotecas Municipais de Lisboa;
- Conhecer os hábitos de leitura dos bibliotecários públicos desta rede;

- Identificar e problematizar o comportamento informacional dos bibliotecários face à atual estratégia de gestão de competências profissionais, a nível nacional e internacional.

Neste sentido, a partir da pesquisa realizada, que serviu de base ao enquadramento teórico, apresentam-se as seguintes hipóteses:

- 1) Os bibliotecários possuem hábitos de leitura, pois, quer pela função profissional que desenvolvem quer pelo facto de serem cidadãos conscientes que se querem manter informados, encontram-se, deste modo, disponíveis para a leitura e leem com bastante frequência;
- 2) Na medida em que necessitam de estar permanentemente atualizados, dada a constante inovação no campo das Ciências da Informação, bem como do conhecimento em geral, os bibliotecários leem para fins profissionais;
- 3) Os bibliotecários leem para fins de lazer, encontrando na leitura uma forma de evasão e ocupação de tempos livres que lhes proporciona bem-estar;
- 4) No âmbito da sua profissão, estes profissionais desenvolvem atividades de promoção da leitura diversificadas, de acordo com a rede em que se encontram inseridos e com a comunidade que envolve as bibliotecas que a constituem, e, desta forma, estendem a promoção da leitura ao contexto familiar.

Foi utilizada uma metodologia qualitativa, a entrevista centrada, colocada a uma amostra de 16 bibliotecários² da RMBL, através de um guião previamente realizado, sendo que os depoimentos recolhidos através de gravação áudio e posteriormente transcritos constituem o *corpus* deste trabalho. Para a análise do conteúdo das entrevistas, recorreu-se à metodologia de Laurence Bardin (2004).

No Capítulo I, apresenta-se o enquadramento teórico relativamente ao comportamento informacional, hábitos de leitura, literacia, PNL, biblioteca pública, bibliotecário público e a sua cultura profissional; o Capítulo II é dedicado à RMBL; no Capítulo III, refere-se detalhadamente a metodologia utilizada, bem como os documentos de referência que a sustentam; o capítulo IV apresenta a análise dos

² Coordenadores ou indicados por estes, registando-se casos em que não existia nenhum bibliotecário e outros em que o profissional indicado pelo coordenador para colaborar neste estudo desempenhava funções de técnico profissional.

resultados; e no Capítulo V demonstra-se o comportamento informacional dos bibliotecários evidenciado através dos seus hábitos de leitura. Finalmente, é apresentada a conclusão do estudo realizado.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

I.1 Comportamento Informacional

Ao longo da história das Ciências da Informação, muitos têm sido os estudos centrados nos utilizadores. Segundo Wilson e Walsh (1996), a necessidade informacional *«is a psychological concept, since it refers to a mental state or states and a good deal attention has been given to the idea, its subjective character and the motivation for the expression of need or the physiological drives that result in the expression of need»*.

De acordo com o modelo de procura de informação de Kuhlthau (2004) (ver Anexo A), quando um utilizador procura uma determinada informação, pode vir a experienciar alguma incerteza, na medida em que, durante esse processo, utiliza vários documentos, de modo a reforçar o seu conhecimento. Neste sentido, o modelo proposto pela autora divide-se nas seis fases seguintes: iniciação – ao partir do que já sabe, o utilizador procura mais informação sobre determinada necessidade informacional, de modo a reforçar o seu conhecimento –; seleção – o utilizador define o que deve investigar e estabelece de que modo vai realizar a sua pesquisa –; exploração – o utilizador seleciona a informação que considera mais adequada –; formulação – a partir da informação a que acedeu, o utilizador tem agora uma maior compreensão acerca do que motivou a sua pesquisa, visto que a incerteza diminui e a confiança aumenta, tornando-se tudo mais claro –; recolha – o utilizador reúne apenas a informação relevante e já sabe que caminho deve seguir –; apresentação – o utilizador é agora capaz de explicar a outros os novos conhecimentos que adquiriu.

No que respeita aos tipos de necessidade informacional, e de acordo com Wilson, estes inserem-se em três categorias: necessidade de uma informação nova; necessidade de clarificar uma informação que já se possui; necessidade de confirmar uma informação que já se possui.

Para Wilson (2000), o comportamento informacional está associado à procura da informação, seja ela ativa ou passiva, e ao seu uso. Deste modo, a procura de informação, que por sua vez decorre de uma necessidade informacional, visa dar resposta a essa mesma necessidade, tendo, assim, uma finalidade informacional.

Wilson e Walsh (1996) identificam também as variáveis que consideram estar presentes no processo de procura de informação: pessoais, emocionais, educacionais, demográficas, sociais/interpessoais, meio ambiente, económicas, fontes de informação (acesso, credibilidade, canais de comunicação).

Um marco importante na Ciência da Informação é o modelo de procura de informação (Wilson, 1981) referente a um indivíduo face a uma necessidade informacional, mostrando as relações entre os diversos domínios conceptuais (ver Anexo B). Este modelo seria posteriormente complementado pelo modelo do comportamento de procura de informação proposto pelo mesmo autor (1999) (ver Anexo C). Por sua vez, o modelo revisto de Wilson e Walsh (1996) permite aferir a satisfação da necessidade de informação (ver anexo D).

Resumidamente, o comportamento informacional segundo este autor (2000) consiste numa necessidade informacional que desencadeia no sujeito uma ação de procura de informação e, conseqüentemente, a sua utilização e o modo como esta é transferida em diversas situações. Assim, é essa necessidade que conduz, efetivamente, a um comportamento de procura em múltiplos contextos da vida quotidiana. É à luz deste modelo que se analisarão os resultados obtidos através das entrevistas realizadas (ver Apêndice E).

I.2 Hábitos de Leitura

I.2.1 Uma História Repleta de Transformações

A palavra escrita foi, sem dúvida, uma das grandes façanhas do Homem, não obstante, a invenção da imprensa transformou o mundo e, a partir do século XIX, a tecnologia sofre uma evolução significativa ao nível da produção de papel, que passa a ser fabricado a partir de pasta de madeira, e, ao deixar de ser raro, torna-se mais barato,

o que veio a impulsionar, ainda mais, a expressão do pensamento intelectual, que mais facilmente poderia ser disseminado pelo mundo, ao mesmo tempo que a promoção da leitura começou a ser uma intenção e preocupação.

Todos estes acontecimentos conduziram ao desenvolvimento das sociedades. A possibilidade de uma impressão em série muito contribuiu para a consolidação da profissão de bibliotecário e os profissionais afirmaram-se como grupo profissional.

Os livros impressos melhoraram de sobremaneira o acesso à informação, o que só se tornou possível com a criação de catálogos nas bibliotecas, que levantou a questão da organização da informação e do próprio acesso, pois era fundamental que os leitores pudessem ter conhecimento de que livros poderiam encontrar nas bibliotecas. Foi desta forma que se levou a cabo a impressão de alguns catálogos e a criação de bibliografias, e, um pouco mais tarde, a criação de obras de referência. O reconhecimento dos bibliotecários estendeu-se aos indexadores, editores e compiladores de enciclopédias.

Com o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), e ao encontrarmo-nos na sociedade da informação, que se caracteriza também pelo digital e pela ligação em rede, que se deve à Internet, tal cenário tem levantado inúmeras questões sobre a natureza e função dos suportes. Assistimos à convivência de suportes tradicionais com suportes essencialmente tecnológicos e, ao longo do tempo, temos verificado que há suportes que se vão tornando obsoletos e que rapidamente evoluem ou são substituídos por outros.

Como afirma Roger Chartier (2001), o período em que nos encontramos representa uma transformação mais significativa, porque congrega uma série de alterações que até ao momento tinham tido uma ocorrência separada. Neste sentido, assistimos a profundas alterações às técnicas de reprodução do texto, bem como ao seu suporte e consequente transformação que sofrem as práticas de leitura, o que não havia acontecido antes, dado que certas transformações, como a do códice ou da impressão, não transformaram a forma do livro e a própria leitura não sofreu alterações significativas. Todavia, o que se verifica é uma constante evolução transformadora ao nível da reprodução dos documentos, do suporte e do modo de leitura que decorre das modificações das duas variantes anteriores.

A nossa relação com o conhecimento, com o saber, sofreu uma revolução. A edição eletrónica e a leitura no ecrã, bem como os dispositivos portáteis de leitura de textos digitalizados e os diversos formatos em que os documentos são publicados requerem novas aplicações de *software* para a efetivação de um novo tipo de leitura. Houve uma alteração profunda na disponibilização da informação e no modo de comunicar. Não obstante, como a mudança é rápida e constante, temos dificuldade em perspetivar a realidade futura.

No entanto, temos de estar atentos a situações de infoexclusão e, neste sentido, há que apostar na formação dos leitores e utilizadores, pois um dos grandes objetivos das Ciências da Informação é a manipulação do seu objeto de estudo.

Como refere Derrida (2001), coexistirão sempre modelos antigos com novas possibilidades. Tal afirmação decorre do pressuposto de uma relação de competição, mas também de complementaridade entre os diversos suportes que encerram o discurso, dando origem a várias formas de literacia. O que está na base de todo o processo de evolução é o facto de que a escrita se foi adaptando aos vários tipos de suportes.

I.3 Literacia

Segundo Delgado Martins *et al.* (2000: 13), «*A palavra literacia tem vindo a ser utilizada para recobrir um novo conceito acerca das capacidades de leitura e de escrita: pretende distinguir-se de alfabetização por não ter em conta o grau formal de escolaridade a que esta, tradicionalmente, estava ligada. Enquanto alfabetização refere a condição de se ser (ou não) iniciado na língua escrita, independentemente do grau de domínio que dela se tenha, o conceito de literacia adquire um significado mais vasto, referindo capacidade de utilização da língua; trata-se de um conhecimento processual, em aberto.*»

Para a literacia muito tem contribuído a escola, verificando-se também uma preocupação como a aprendizagem ao longo da vida. Neste sentido, é importante referir os profissionais que colaboram neste processo de aprendizagem: professores, pais, encarregados de educação, bibliotecários, animadores e outros mediadores de leitura. Nos primeiros anos de vida, é fundamental que a criança entre em contacto com o

espaço que é a biblioteca e com os profissionais que lá trabalham, aqueles que, independentemente do grau de ensino da criança ou do adulto, funcionam como adjuvantes da aprendizagem ao longo da vida, que passa por tornar mais consistente a literacia, acompanhando a evolução da própria sociedade.

Há uma preocupação evidente, iniciada no século XX, com a cultura do livro, que, por sua vez, aparece associada à leitura, tornando-se, assim, num processo que integra a sociedade e que se espera poder ser para todos, não só os que integram já o próprio processo, mas também aqueles que se afirmam como leitores em potência ou futuros leitores. Este processo tem vindo a sofrer alargamentos com novas estratégias de desenvolvimento de uma literacia digital.

I.3.1. Plano Nacional de Leitura

De acordo com o *site* do Plano Nacional de Leitura (PNL), trata-se de «[...] *uma iniciativa do Governo, da responsabilidade do Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares*». O objetivo principal desta política pública consiste em «[...] *eleva os níveis de literacia dos portugueses e colocar o país a par dos nossos parceiros europeus. [...] Destina-se a criar condições para que os portugueses possam alcançar níveis de leitura em que se sintam plenamente aptos para lidar com a palavra escrita, em qualquer circunstância da vida, possam interpretar a informação disponibilizada pela comunicação social, aceder aos conhecimentos da Ciência e desfrutar as grandes obras da Literatura*».³ O público-alvo são as crianças desde a primeira infância até à idade adulta, tendo incidido, na primeira fase da sua consecução (2007-2011), naquilo a que é designado por «[...] *público-alvo prioritário [...] as crianças que frequentam a Educação Pré-escolar e as crianças que frequentam o Ensino Básico, em particular os primeiros seis anos de escolaridade*», sendo que «*professores, pais, encarregados de educação, bibliotecários, animadores e mediadores de leitura*» constituem o grupo de responsáveis pela operacionalização dos objetivos deste plano. Assim, a biblioteca pública tem um papel fundamental para o sucesso do PNL, ao colocar à disposição dos utilizadores as obras recomendadas, bem como sensibilizá-los para a leitura das mesmas, trabalhando,

³ O PNL é uma política pública contemporânea do Plano Tecnológico, apresentada em 2006.

também, em parceria com as escolas⁴. A este respeito, é importante destacar que a RMBL é parceira do PNL, tendo sido estabelecido um acordo de cooperação, um trabalho conjunto da Direção Municipal de Cultura e do Departamento de Educação e Juventude, partindo do financiamento para a aquisição de livros pelas bibliotecas escolares⁵ e promovendo ações de divulgação e formação a alunos e professores.

Segundo o relatório *A Dimensão Económica da Literacia em Portugal: uma Análise* (2009), o PNL demonstrou ser necessário na prossecução da literacia dos cidadãos, constituindo-se esta como uma ferramenta fundamental para o crescimento económico e desenvolvimento social. Deste modo, competências literácitas ajudam a reforçar a competitividade do país e, de acordo com este documento, a literacia dos adultos assume-se como alvo primordial, visto que as competências de literacia que um adulto possui estão relacionadas com a melhoria das condições de vida ao nível profissional, social e da saúde, daí que seja igualmente determinante um investimento na literacia familiar, que atingirá várias faixas etárias.

Posto isto, o relatório destaca o PNL no âmbito das reformas educativas levadas a cabo em Portugal, sendo referido que tal potenciará a igualdade económica e social relativamente aos outros países, ao serem melhoradas as competências de literacia.

Uma avaliação externa realizada ao PNL, intitulada *Avaliação do Plano Nacional de Leitura: Os Primeiros Cinco Anos* (2011), concluiu que houve um aumento do número de bibliotecas escolares, ao mesmo tempo que se verificou que as bibliotecas são mais frequentadas, tendo ocorrido uma melhoria relativamente aos resultados dos alunos e uma diminuição das desigualdades no que concerne à leitura, o que resultou numa manifesta melhoria das competências de literacia. A biblioteca pública tem participado no PNL mais concretamente ao nível da promoção da leitura na comunidade, bem como em iniciativas transversais, que se traduzem, segundo esta avaliação, basicamente por: «*suporte à concretização dos objetivos do PNL através da sua ação continuada de promoção da leitura nas comunidades locais; reforço do*

⁴ Com o estabelecimento do Decreto-Lei n.º 103/2012, de 16 de maio, as bibliotecas públicas foram associadas aos arquivos, passando as políticas públicas referentes aos arquivos e bibliotecas públicas a ser geridas pela Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, que resultou da fusão da Direção Geral do Livro e das Bibliotecas com a Direção Geral dos Arquivos.

⁵ O programa da Rede de Bibliotecas Escolares (<http://www.rbe.min-edu.pt/np4/home>) tem apresentado resultados positivos, segundo a *Avaliação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares* (2010), e encontra-se atualmente numa fase de consolidação.

relacionamento com as escolas e bibliotecas escolares (BE); disponibilização de apoio técnico e logística às BE (SABE)».

Ainda segundo o referido documento, os impactos positivos da primeira fase do PNL podem ser verificados: «[...] *na criação de um clima social favorável à leitura; no envolvimento de uma variedade de atores sociais na promoção da leitura; na geração, reforço ou atualização de recursos, instrumentos, perspetivas e capacidades de promoção da leitura e da literacia; na intensificação das atividades de leitura, na mudança de atitudes em sentido favorável à leitura; e no desenvolvimento de competências de literacia (e das novas literacias) – sobretudo entre crianças e jovens em contexto escolar, mas também junto de outros contextos sociais e de outros segmentos da população, em particular familiares dos anteriores (crianças e jovens) e adultos em percursos de qualificação*».

Esta política deve ainda ser inserida na dinâmica europeia da Agenda Digital para a Europa (2010-2020)⁶, que tem como «*objetivo geral extrair benefícios económicos e sociais sustentáveis de um mercado único, com base na Internet rápida e ultrarrápida e em aplicações interoperáveis*», visando «*um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo*» da Europa, o que, a longo prazo, dará origem a alterações económicas e sociais ao nível do digital. Deste modo, este documento orientador procura definir a importância subjacente às TIC no que respeita ao cumprimento dos objetivos da Europa, na medida em que o seu uso generalizado será sinónimo de uma melhor atuação nos campos económico e social, bem como de uma melhor qualidade de vida.

Assim, entre os vários domínios de ação da Agenda Digital, destaca-se a melhoria da literacia digital, das qualificações nesse âmbito e a inclusão na sociedade digital, visto que a chamada era digital pressupõe «*responsabilização e emancipação*», ao mesmo tempo que «*a origem social ou as qualificações não devem constituir um obstáculo ao acesso a este potencial*», sendo que é condição necessária a existência de profissionais qualificados que possibilitem que se verifique o funcionamento eficaz das TIC, de modo que estas possam ser uma mais-valia económica e social. Por

⁶ Lançada pela Comissão Europeia em março de 2010. A European Bureau of Library, Information and Documentation Associations (EBLIDA), associação de bibliotecas que defende o seu papel na União Europeia, tem acompanhado este processo, defendendo a constituição de uma política de informação comum para as bibliotecas europeias, nela se incluindo todas as tipologias organizacionais.

consequente, com o fito na literacia e qualificações digitais, afigura-se determinante que no seio da Europa todos os indivíduos sejam capazes de fazer uma boa utilização destas ferramentas, assim como de todas as formas de comunicação em ambiente digital. Concomitantemente, é importante que se promovam estratégias que visem direcionar os jovens para os cursos associados a esta área do conhecimento, verificando-se um aumento e melhoria das ofertas profissionais e das competências digitais. Na prossecução de tais objetivos, é essencial que todos os cidadãos europeus, independentemente da sua circunstância, se sintam parte integrante da sociedade digital.

Nessa estratégia, uma das áreas de intervenção em consolidação diz respeito ao funcionamento das bibliotecas públicas enquanto serviços para desenvolvimento da cidadania e de uma cultura digital, reformulando e atualizando os seus princípios básicos de apoio à leitura e ao desenvolvimento de competências informacionais.

I.4 O Papel da Leitura na Sociedade da Informação

Seja por lazer ou com um objetivo de investigação científica propriamente dita, ficção ou não-ficção, ler implica sempre uma descoberta e uma aprendizagem, e a sua finalidade será sempre informativa e formativa, independentemente do fim para que se lê. O que se estabelece entre o leitor e o seu objeto de leitura é uma comunhão, uma espécie de diálogo, sendo da responsabilidade dos atores intervenientes fazer nascer no leitor e assegurar a continuidade da sua relação com a leitura, mostrando que é necessário, dada a sua importância no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos, encarando a leitura como uma aprendizagem, visto que os indivíduos não nascem leitores, mas aprendem a lê-lo, e ler acaba por ser um hábito. Como refere Furtado (2000: 189-190), «[...] *ler é uma técnica, mais especificamente, uma técnica de descodificação [...], uma prática social [...], uma forma de gestualidade [...], uma atividade associada a uma determinada posição do corpo [...], uma forma de sabedoria [...], um método*», tendo sido «*considerada durante muito tempo como uma via de instrução ou distração e pode ser concebida hoje como atividade voluntária apenas pelo prazer do leitor*».

I.5 Os Papéis do Bibliotecário Público

Desde sempre se atribuiu grande importância à circulação da informação e do conhecimento. O desenvolvimento do setor das telecomunicações, e em especial da Internet, contribuiu para um mundo mais desenvolvido, em que as distâncias se esbatem cada vez mais, sendo possível consultar e partilhar uma enorme diversidade de informação. Cabe aos profissionais que se movem no seu âmbito refletir sobre as medidas que ainda poderão ser adotadas, no sentido de melhorar os serviços prestados pelas bibliotecas e contribuir para a revolução do campo de pesquisa e recuperação da informação.

Conforme refere Mendes (1974: 6) relativamente à necessidade social da profissão de bibliotecário, *«É-nos apresentada a profissão como um serviço prestado ao homem que precisa ler [...]»*, que discorre, mais à frente (1974: 8), sobre o futuro do bibliotecário, que se afigura como um *«[...] filtro que, dirigindo o leitor, avalia a pertinência do conteúdo do livro, selecionando o que vale a pena»*. Deste modo, a profissão de bibliotecário *«[...] deverá ser diferente consoante o tempo e as circunstâncias, consoante as novas exigências, consoante os condicionalismos e os meios disponíveis, humanos, económicos e tecnológicos, nas suas relações e interdependências»* (1974: 9).

Já na década de setenta se previa aquilo que seria o ponto de partida para os diferentes papéis do bibliotecário. Calenge (2004) refere as características históricas do bibliotecário, que começou por ser um guardião, uma vez que estava intimamente ligado à preservação da memória, acumulando também o epíteto de erudito, por conhecer a importância do saber e da sua conservação, ao mesmo tempo que desempenha a função de organizador, pois diversas são as tarefas de organização do conhecimento que desenvolve, como a classificação, a indexação, a catalogação e a gestão das coleções, de um modo geral. Em suma, estamos perante um comunicador e mediador que trabalha para a sociedade, reunindo em si várias funções. Independentemente da sua formação, o bibliotecário adaptar-se-á a qualquer tipologia de biblioteca, lidando, ao mesmo tempo, com a atualidade da informação, a sua transmissão e com a iminente transformação dos saberes. Trata-se, deste modo, de uma profissão composta por diversos papéis, assim como a biblioteca pública reúne informação generalista que originará um saber global.

Neste mesmo documento, organizado por Calenge, Anne-Marie Bertrand refere a unidade e diversidade que caracteriza a profissão de bibliotecário e, neste sentido, os seus papéis evoluem à medida que a própria sociedade também evolui.

Os vários papéis desenvolvidos pelos bibliotecários encerram, segundo Luís Cabral (1999), duas características interessantes, na medida em que, por um lado, o bibliotecário se apresenta como um técnico e, por outro, como um criativo, criador de novas dinâmicas. Esta distinção afigura-se já datada porque, nos dias hoje, é difícil dissociar estes dois lados do profissional, cujo raio de ação implica, necessariamente, a diversidade e a criatividade.

Os bibliotecários públicos, tendo em conta a tipologia de biblioteca em que se inscrevem, estão ao serviço de uma comunidade de leitores generalista, trabalhando com um tipo de leitura específico e a incumbência social da biblioteca pública destaca-se, em grande parte, pela promoção da leitura.

Por último, apresenta-se uma síntese das tarefas do bibliotecário público, atendendo ao disposto no Decreto-Lei n.º 247/91, de 10 de julho: conceber e planear serviços e sistemas de informação; estabelecer e aplicar critérios de organização e funcionamento dos serviços; selecionar, classificar e indexar documentos sob a forma textual, sonora, visual ou outra, de acordo com as necessidades específicas dos utilizadores; definir procedimentos de recuperação e exploração de informação; apoiar e orientar o utilizador dos serviços; promover ações de difusão, a fim de tornar acessíveis as fontes de informação primária, secundária e terciária; coordenar e supervisionar os recursos humanos e materiais necessários às atividades a desenvolver e proceder à avaliação dos resultados.

É importante mencionar também os referenciais de competência relativos aos profissionais da informação-documentação. Neste caso, focar-se-á apenas o Euro-Referencial I-D, do European Council of Information Associations (ECIA), que é utilizado em Portugal. Este referencial, de âmbito europeu, pressupõe que os profissionais possuam um conjunto de competências no exercício da sua atividade profissional, enfatizando os conhecimentos, a colocação dos mesmos em prática e as aptidões dos indivíduos, que serão posteriormente aferidas (os domínios de competência

e principais aptidões podem ser encontrados no Anexo E). Assim, este documento aponta as competências e as aptidões que os profissionais da informação- documentação devem possuir, dadas as alterações em larga escala que surgiram com as TIC. Deste modo, o Euro-Referencial I-D afigura-se como um instrumento de certificação de competências e valorização destes profissionais, ao mesmo tempo que lhes permite avaliarem e/ou melhorarem as suas competências.

Note-se que os cursos de especialização em Ciências da Informação se baseiam neste referencial de competências, constituindo um instrumento essencial para a cultura profissional em Portugal. Os mestrados, por exemplo, preparam os alunos para serem profissionais de nível 4 (numa escala de 1 a 4), ou seja, peritos de informação- documentação, na medida em que dominam a metodologia, concebendo novos sistemas, realizando auditorias, gerindo a informação na sua empresa ou numa rede.

Os bibliotecários devem, pois, estar preparados para desenvolver um conjunto de competências que vá ao encontro dos objetivos da sociedade da informação, acompanhando o desenvolvimento que se opera no país em que se encontram, bem como no resto do mundo. Assim devem estar aptos a desempenhar tarefas relacionadas com a gestão da informação nas organizações onde estão inseridos, considerando sempre o papel fundamental que a inovação tem na profissão que exercem. Segundo Carvalho e Longo (2008: 17), «[...] *os bibliotecários devem atuar utilizando sua competência profissional no sentido de educar os usuários, para que estes desenvolvam as competências em informação*».

Verifica-se que o bibliotecário deve promover a aquisição e o desenvolvimento de competências que devem estar já desenvolvidas e consolidadas em si mesmo, sendo determinante para que os cidadãos se tornem autónomos em consequência de dominarem a informação. A formação do bibliotecário é exigente e criteriosa. Para além de uma licenciatura, é necessário que possua também, pelo menos, uma pós-graduação em Ciências da Informação e Documentação (a designação do curso pode variar consoante o estabelecimento de ensino superior), com especialização em Biblioteconomia, existindo já cursos de mestrado e de doutoramento nesta área. Dada a polivalência que deve caracterizar este profissional, é desejável que esteja consciente da importância da formação contínua, na medida em que o leque de áreas do conhecimento

a que deve dar resposta é interdisciplinar e muito vasto. A formação do bibliotecário leva a que o próprio promova o desenvolvimento do seu comportamento informacional, o que é desejável, visto que o seu papel é determinante para o desenvolvimento de competências informacionais nos utilizadores.

I.6 A Cultura Profissional do Bibliotecário Público

Partindo dos vários papéis que o bibliotecário público encerra, estes não podem ser dissociados da cultura profissional da sua classe. Considerou-se o conceito de cultura profissional definido por Caria (2008a: 4): «[...] *quando falamos de Cultura Profissional estamos a referir a grupos ocupacionais cujo trabalho e emprego têm um estatuto e prestígio social elevados, baseado na posse de um título e de uma qualificação escolar de nível superior que permite o uso e aplicação de conhecimento abstrato e científico em ações que são tidas como da competência exclusiva de profissionais e não de amadores*». Deste modo, «[...] *uma Cultura Profissional evidencia um poder político-organizacional quando tem autonomia sobre o processo e a organização do seu trabalho em situação de ação, a saber: (1) o profissional tem possibilidade de mobilizar recursos, numa intensidade e ritmos próprios, e de improvisar ações em contexto, para intervir de modo diferenciado sobre problemas conhecidos, sem que a sua ação seja confundida com a standardização de procedimentos de trabalho; (2) o profissional tem a possibilidade de diagnosticar problemas institucionais, e de avaliar os resultados do seu trabalho, usando conhecimentos, critérios e dispositivos próprios, que não se confundem com as prescrições dadas pelo comando organizacional hierárquico*» (Caria, 2008a: 6).

Não existem ainda estudos sobre a cultura profissional dos bibliotecários públicos portugueses, todavia, há uma necessidade efetiva de se pensar a classe, de esta se pensar a si mesma, para garantir e afirmar o seu profissionalismo. Assim, é fundamental que esta classe profissional desenvolva uma ideologia profissional, pois só desta forma poderá delinear e afirmar a sua cultura profissional.

O âmbito de ação do bibliotecário público é vasto, dada a diversificação de tarefas que desenvolve no âmbito da sua profissão, e a competência da leitura como

hábito surge como um desses papéis, sendo que a partir daqui se pode avançar a proposição «todos os bibliotecários têm hábitos de leitura». À luz desta assunção, que surge associada ao trabalho desenvolvido por este grupo profissional, pode afirmar-se que ter hábitos de leitura é condição *sine qua non* para se ser bibliotecário, e, a existir uma cultura profissional composta por conhecimentos de natureza técnica e capacidade crítica, tal condição deveria participar na sua constituição.

CAPÍTULO II: A REDE MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS DE LISBOA

II.1 A Biblioteca Pública

Segundo o *Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas* (1994), «A biblioteca pública – porta de acesso local ao conhecimento – fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais».

De acordo com a *Constituição da República Portuguesa*, que refere que todos os cidadãos têm o direito de aceder à informação, a biblioteca pública, cuja incumbência social passar por quatro níveis – informação, literacia, educação e cultura –, deve colocar os seus serviços à disposição de todos os interessados, sem que exista qualquer tipo de desigualdade ou fronteira, procurando colmatar todas as necessidades e apresentar recursos diversificados e em vários tipos de suporte, que sejam o retrato da comunidade, assim como a evolução da sociedade.

Segundo Usherwood (1989), «As políticas e instituições públicas como as bibliotecas [...] são potencialmente um meio de estabelecer uma certa igualdade no acesso e uma certa redistribuição da riqueza de informação. Tal acesso é importante porque as capacidades de informação, leitura e literacia são fundamentais para as oportunidades na vida».

Uma biblioteca sozinha, isolada, jamais terá capacidade de responder a todas as necessidades informacionais da comunidade. É imperativo que colabore com outras instituições, nomeadamente bibliotecas de outras tipologias, que participe em programas, que desenvolva projetos, e a sua conduta deve sempre ir ao encontro das constantes mutações da realidade. Deste modo, tem funcionado como parceira das bibliotecas escolares da sua área de atuação, desde 1996, ano da criação da Rede de Bibliotecas Escolares. Anteriormente, segundo Calixto (1996: 87), «Falar de biblioteca escolar em Portugal é falar de algo que não existe [...]. Se fizermos uma ronda pelas escolas de todos os níveis de ensino não universitário do país [...] encontraremos situações extremamente díspares», quer no que concerne à organização e constituição

das coleções, como à inexistência de profissionais especializados, sendo que não devemos esquecer as escolas que não possuem biblioteca. A biblioteca escolar deve apresentar as condições necessárias de apoio ao processo de ensino-aprendizagem, modificando os hábitos existentes e contribuindo para eliminar o choque que os alunos têm quando ingressam no ensino superior e não sabem como usar a biblioteca e dela tirar partido para o sucesso do seu percurso académico. Ora, se a biblioteca escolar não cumpre o seu papel, a realidade das restantes bibliotecas será nefasta, pois não haverá utilizadores interessados em frequentá-la, visto que não foram desenvolvidas competências de utilização. E, quando as bibliotecas escolares não existem, são as bibliotecas públicas que assumem o seu papel, desalinhando, deste modo, a sua missão e objetivos.

A biblioteca pública transformou-se numa realidade híbrida, no entanto, não deve ser confundido o seu papel e esta não deve mesmo substituir outras tipologias de bibliotecas, mas, antes, estabelecer com elas uma relação de complementaridade. De acordo com Leonor Cadório (2001: 55), «*A biblioteca pública, aliada à escola, são elementos muito importantes na socialização da leitura. A biblioteca escolar é um pólo influente nos hábitos de leitura dos alunos e pode trabalhar em parceria com a biblioteca pública local*».

Segundo o *Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas* (1994), «*As coleções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriadas assim como fundos tradicionais*». A Internet entrou na biblioteca e transformou-a, transformando também o perfil dos seus utilizadores, dado o variado número de suportes alternativos que passou a disponibilizar, possibilitando que as diferenças de acesso sejam colmatadas, sendo, por isso, necessária a formação dos utilizadores, como já foi referido. Trata-se, como vimos, de uma ferramenta repleta de potencialidades ao serviço da informação e do conhecimento.

No que concerne ao acesso à sociedade da informação, como nos diz o *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal* (1997: 16), «*É indispensável que todos possam obter qualificações necessárias ao estabelecimento de uma relação natural e convivial com a tecnologia da informação e que seja possível o acesso em locais públicos e sem barreiras de natureza económica que contribua para acentuar a*

estratificação social existente [...]. Para que a Sociedade da Informação possa contribuir de uma forma inequívoca para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar, torna-se necessário tornar as medidas adequadas para que se tire todo o partido das oportunidades que dela advêm e se minimizem as ameaças que dela podem resultar».

Todas estas transformações implicaram um reajustamento dos serviços da biblioteca pública e a emergência do conceito de biblioteca híbrida. A biblioteca pública viu transformado o seu papel de espaço tendencialmente fechado e isolado e o conceito «aberta para o mundo» foi relançado, fundamentando-se cada vez mais o papel da biblioteca como valor acrescentado para a comunidade que serve.

II.2 A RMBL

Seguidora do *Manifesto da UNESCO*, a RMBL proporciona um acesso livre ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação sem quaisquer limitações, colocando à disposição da comunidade as condições que lhe possibilitarão uma aprendizagem ao longo da vida, tornando os indivíduos autónomos na sociedade.

Como pode ser lido no seu *site*, a missão da RMBL é «*promover a(s) leitura(s) e participar na formação de cidadãos conscientes e integrados na sociedade*». Neste sentido, para que esta possa ser cumprida, foi definido o objetivo de «*garantir portas de acesso à informação, tendo em conta as especificidades da comunidade lisboeta e respeitando os/as diferentes: graus de literacia (da comunidade letrada à iletrada); hábitos de leitura (dos leitores compulsivos aos não leitores); grupos etários (dos bebés aos idosos); formas de captação da informação (dos normavisuais e auditivos, passando pelas várias dislexias, às pessoas com incapacidades de visão, audição e outras); nacionalidades (de Portugal ao resto do mundo)*».

A leitura é um dos principais motores da RMBL, dado o seu importante papel no desenvolvimento das sociedades e, deste modo, as bibliotecas surgem como espaços a que regularmente nos podemos dirigir para ler, passando esta prática a ser tida como valor acrescentado para as nossas vidas. Como tal, «*As bibliotecas municipais de Lisboa são, para a população que vive e trabalha na cidade, um recurso fundamental para a criação de hábitos de leitura, para o desenvolvimento harmonioso de crianças e jovens, para a aquisição de competências de leitura e utilização de informação indispensáveis*

ao exercício da cidadania, e para um conhecimento mais amplo da nossa e de outras culturas».

As bibliotecas que compõem a RMBL são as seguintes: Bedeteca, Biblioteca Municipal Camões, Biblioteca Municipal Central (Galveias), Biblioteca Municipal da Penha de França, Biblioteca Municipal David Mourão-Ferreira, Biblioteca Municipal de Alvalade, Biblioteca Municipal de Belém, Biblioteca Municipal de São Lázaro, Biblioteca Municipal dos Olivais, Biblioteca Municipal Maria Keil, Biblioteca Municipal Natália Correia, Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro, Biblioteca Municipal República e Resistência, Biblioteca por Timor, Bibliotecas Itinerantes/Móveis, Hemeroteca Municipal (os serviços disponibilizados pela RMBL encontram-se descritos no Anexo F).

A questão dos hábitos de leitura nem sempre foi central para a sociedade, porém, as transformações ocorridas no tecido social têm colocado esta temática no centro de muitas discussões por não existir em Portugal uma tradição de hábitos de leitura consolidada. De acordo com Freitas *et al.* (1997), dos 53% dos inquiridos que afirmam não ler, estes justificam a sua conduta da seguinte forma: praticamente metade da população diz que não lê por falta de tempo, 38% referem que preferem fazer outro tipo de atividades e 21,5% dizem não gostar de ler. Em Freitas (2007)⁷, comparativamente ao período 1988-1995, em que se tinha verificado um decréscimo na leitura de livros, esta cresceu no período entre 1995 e 2007. Já no que respeita à leitura de jornais e revistas, os valores têm aumentado. Curiosamente, de acordo com esta investigação, registou-se um decréscimo no que concerne à frequência de idas à biblioteca. Muito embora a percentagem mais elevada, 82%, corresponda aos não frequentadores, é a biblioteca municipal que se encontra no topo da lista como o equipamento mais frequentado pelos inquiridos, 11, 8%, que, ainda assim, decresceu significativamente em relação a 1995. E verifica-se já que a biblioteca municipal é mais procurada para o uso da Internet e da multimédia, em detrimento, por exemplo, da leitura ou da pesquisa bibliográfica, conforme refere Eduardo Freitas.

⁷ «Dados que tentam mostrar as alterações verificadas na população portuguesa no domínio da leitura no decurso das duas últimas décadas, destacando-se em particular o período de cerca de doze anos mediado entre os dois últimos inquéritos aos hábitos de leitura realizados no país.»

Muito se fala dos hábitos de leitura da população em geral e dos alunos em particular, mas não sobre as categorias profissionais implicadas no universo dos objetos de leitura, particularmente no que aos bibliotecários diz respeito. Os bibliotecários são, deste modo, intermediários culturais, mediadores e formadores de públicos e, ao estarem inseridos em instituições com determinadas missões e perfil de competências, os bibliotecários públicos da RMBL estabelecem uma relação entre estas e as suas próprias competências profissionais.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

A metodologia qualitativa subjacente a este trabalho é a entrevista centrada, que, segundo Quivy e Campenhoudt (1998), permite analisar a representação de um determinado acontecimento ou experiência, a partir de tópicos concretos. Não obstante o tipo semidiretivo ser o mais recorrente na investigação de cariz social, considera-se que, dado o objeto de estudo em causa, a entrevista centrada possibilitará uma maior aproximação à realidade vivida pelos atores sociais e não apenas uma verificação de hipóteses preestabelecidas. Nesta medida, pode analisar-se uma experiência determinada centrada nos intervenientes, a partir de uma lista de tópicos sobre o assunto em questão, que serão abordados durante a entrevista, sem que exista uma ordem rígida. Ao constituir-se como um método de recolha de informação adequado à análise de um problema específico, permitirá, sobretudo, analisar as práticas dos intervenientes e a reconstituição das suas experiências, por forma a que se recolha o máximo de informação possível para a análise do seu conteúdo.

Importa conhecer os fatores inerentes a este método, pois, caso contrário, estes podem constituir um entrave à própria investigação. Questões tais como as expectativas do entrevistador e dos entrevistados no que respeita às próprias características da comunicação, na medida em que estes poderão não ter a capacidade de responder sem que aquele os encaminhe, da mesma forma que poderão considerar que se trata de um diálogo comum, não se comportando com a seriedade esperada. Neste sentido, é fundamental que o entrevistador não admita a possibilidade de existência de um impulso natural subjacente às respostas dos entrevistados.

Por motivos de tempo e circunstância, o presente estudo pretende identificar uma realidade da área do comportamento informacional de um grupo profissional específico, mais propriamente do grupo de bibliotecários que constitui a amostra, e, uma vez que esta é reduzida e que apenas foi utilizado um único método de observação, os resultados não podem ser generalizados, na medida em que tal metodologia pode apresentar restrições relativamente às representações empíricas dos participantes. Assim, sugere-se a utilização de, pelo menos, mais um método, de modo que os resultados possam ser mais fiáveis.

Independentemente de tais limitações, considera-se que o instrumento utilizado se ajusta, tal como referem os autores, à «[...] *análise de sentido que os autores dão às suas práticas e aos acontecimentos com que se veem confrontados* [...]», assim como à «[...] *reconstituição de um processo de ação, de experiências* [...]» (1998: 193), possibilitando que os dados recolhidos se caracterizem pela precisão. Este método será, pois, complementado com uma análise de conteúdo dos elementos compilados através das entrevistas, para que os mesmos possam ser transformados em informação pertinente, através da qual se poderá partir para as ilações que daí decorrem.

Dada a extensão do universo dos bibliotecários públicos da RMBL, não seria possível realizar entrevistas a todos. Deste modo, optou-se por definir uma amostra constituída por 16 indivíduos, o que corresponde a um bibliotecário de cada uma das bibliotecas que constituem a Rede e, neste sentido, considera-se que é representativa para aquilo que é o objeto de estudo deste trabalho. No entanto, uma vez que, à data do estudo, nem todas as bibliotecas dispunham de um bibliotecário ou este não se encontrava disponível, os entrevistados caracterizam-se da seguinte forma: oito bibliotecários com funções de coordenação, três bibliotecários indicados pelo bibliotecário coordenador, um técnico superior sem especialização em Biblioteconomia com funções de coordenação, três técnicos profissionais com funções de coordenação e um técnico profissional indicado pelo bibliotecário coordenador.

O guião da entrevista, constituído por 13 tópicos de resposta (ver Apêndice A), foi elaborado de acordo com a pergunta de partida colocada: *Qual o comportamento informacional evidenciado pelos bibliotecários públicos da Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa, a partir dos seus hábitos de leitura?* Concomitantemente, esta

elaboração teve sempre presente os objetivos inicialmente traçados, bem como as hipóteses colocadas. No Apêndice B, podem ser encontradas as habilitações académicas dos bibliotecários.

A fase das entrevistas foi precedida, por um lado, pela análise da literatura pertinente e relevante sobre comportamento informacional, sociologia do livro e da leitura, hábitos de leitura, profissão de bibliotecário, cultura profissional, bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, Plano Nacional de Leitura, literacia e RMBL, bem como sobre a elaboração, aplicação e análise de entrevistas. É fundamental perceber quais os papéis dos atores, para apurar o seu novo perfil e o seu fulcral contributo no que à leitura respeita, percebendo de que forma as suas competências se interligam com aquilo que é a biblioteca onde desenvolvem a sua atividade e de que forma atuam relativamente à leitura. Ao difundir, o bibliotecário constitui-se como um intermediário cultural, que se caracteriza não só por ser um mediador, mas também por ser um formador de públicos.

Para a análise de conteúdo das entrevistas realizadas, recorreu-se à metodologia apresentada por Laurence Bardin no seu livro *Análise de Conteúdo* (2004). Esta análise é composta por três fases: pré-análise, exploração e tratamento dos resultados e interpretações.

Quanto à exploração do *corpus*, num primeiro momento, procedeu-se à *leitura «flutuante»*, que, segundo Bardin (2004: 90), «[...] consiste em estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações».

No que se prende com a *escolha dos documentos* analisados, como foi já referido, esta foi definida a montante, de acordo com o caso em estudo, e as respostas obtidas através da realização das entrevistas, ao constituírem o *corpus* deste trabalho, respeitam as regras da *exaustividade*, procurando-se mostrar toda a informação; *representatividade*, sendo que a amostra escolhida deve representar o universo constituído por todos os bibliotecários da RMBL; *homogeneidade*, segundo a qual o método que preside à recolha dos dados deverá ser o mesmo, bem como o tema e os indivíduos respondentes não deverão apresentar disparidades; *pertinência*, a partir da qual os documentos poderão ser relacionados com a finalidade da investigação; e

exclusividade, na medida em que um mesmo elemento não deve poder integrar-se na classificação de várias categorias.

A partir das primeiras leituras das respostas dadas às entrevistas, foi possível refletir sobre as hipóteses referenciadas, definindo Bardin por hipótese «*uma afirmação provisória que nos propomos verificar, confirmar ou infirmar, recorrendo aos procedimentos de análise*» (2004: 92).

Por conseguinte, as primeiras leituras permitirão o estabelecimento de índices e, por sua vez, de indicadores, que possibilitarão a organização dos índices, que poderão ser constituídos pelos temas que se repetem com alguma frequência e que, desta forma, são recortados do texto «[...] *em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para registo dos dados*» (2004: 94). Assim sendo, de acordo com Bardin, neste caso, prepara-se o material através da edição das entrevistas transcritas e das questões que vão sendo anotadas.

A fase de exploração dos dados consiste na sua organização em unidades de registo, permitindo descrever o seu conteúdo. Trata-se da codificação, que, segundo Bardin, deve ser desenvolvida atendendo a regras específicas para a descrição do conteúdo, e que é realizada tendo em consideração três níveis: o *recorte*, que consiste na escolha das unidades; a *enumeração*, segundo a qual se definem regras de contagem; e a *classificação e agregação*, a partir das quais se estabelecem categorias.

A unidade de registo é um aspeto muito importante no âmbito da codificação, por se tratar de uma unidade que possui significado, e, neste sentido, realizou-se uma análise temática do conteúdo das mensagens, operação que ofereceu certas dificuldades decorrentes da própria ação do recorte, visto que as unidades semânticas tanto ocorrem em parágrafos, como em períodos, ou apenas em partes destes. Para que as unidades de registo possam ser compreendidas e codificadas, poderá recorrer-se às chamadas unidades de compreensão, que consistem no contexto que as integra e que poderão ser, por exemplo, palavras ou parágrafos, consoante os tipos de unidades de registo. Não obstante, há que ter em conta a dimensão das unidades de contexto, que é determinada pelos critérios de custo e pertinência.

Quanto às regras de enumeração, «*É necessário fazer a distinção entre a unidade de registo – o que conta – e a enumeração – o modo de contagem*» (Bardin,

2004: 101). Nesta medida, considerou-se a *presença* como indicador, sendo que foi prestada igual atenção à ausência, uma vez que esta, a existir, poderá apontar para um certo significado, podendo «[...] *manifestar bloqueamentos ou recalcamientos* [...] *ou traduzir uma vontade escondida* (2004:102). Como refere Bardin, «*Qualquer escolha de uma regra (ou de várias regras) de enumeração assenta numa hipótese de correspondência entre a presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associação da manifestação da linguagem e a presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associação de variáveis inferidas, não linguísticas. É conveniente procurar-se a correspondência mais pertinente*» (2004:106). Portanto, a regra ou regras de enumeração escolhidas deverão relacionar-se com as hipóteses ou questões norteadoras, para que sobressaia o objeto que está a ser estudado.

A análise qualitativa surge frequentemente associada à *categorização*, que «[...] *é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos carateres comuns destes elementos*» (2004: 111-112). Logo, a categorização é uma operação que assenta na esquematização da informação, possibilitando a sua correlação e consequente ordenação, e que deve obedecer a duas etapas: *inventário*, a partir do qual se isolam os elementos, e *classificação*, a partir da qual, com a repartição dos elementos, se pode organizar a mensagem, passando os dados a estar organizados.

A qualidade das categorias é determinada pela presença de alguns fatores tais como a *exclusão mútua*, sendo que cada elemento só pode existir numa categoria; *homogeneidade*, na medida em que deverá existir apenas um nível de análise em cada categoria; *pertinência*, segundo a qual cada categoria deve estar direcionada para os objetivos e intenções da investigação e do investigador; *objetividade* e *fidelidade*, ou seja, a definição de variáveis, bem como a precisão dos índices e indicadores segundo os quais um dado elemento integra uma categoria deverão ser claros, de modo que a subjetividade do investigador não interfira com o resultado da análise; e *produtividade*, verificando-se que os resultados se caracterizam pela inferência, o estabelecimento de novas hipóteses e a exatidão dos dados apresentados.

Os indicadores que integram cada categoria decorreram, portanto, da análise das unidades de registo, e os dados são apresentados em quadros, adaptados de Cruz (2007), permitindo uma verificação mais clara dos mesmos⁸.

As entrevistas decorreram nas bibliotecas da RMBL. A gravação áudio das mesmas foi autorizada e realizada por meio de gravador.

De seguida, apresenta-se uma análise às categorias estabelecidas por indicador, procurando-se, com as conclusões alcançadas, traçar o perfil dos bibliotecários da RMBL de acordo com a pergunta de partida colocada inicialmente, bem como com os objetivos delineados.

Com o intuito de valorizar esta abordagem e trazer dados significativos para a investigação, apresenta-se, posteriormente, o perfil coletivo dos bibliotecários públicos da RMBL.

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta parte corresponde à análise dos dados, quer dos que se obtiveram a partir das entrevistas realizadas quer através de conclusões inferenciais, o que permitiu que aos dados pudesse ser atribuído significado, tendo sempre presente o quadro teórico apresentado. A apresentação dos resultados é feita por meio de quadros representativos das categorias estudadas, que podem ser consultados no Apêndice E. A fim de tornar a análise mais clara e detalhada, apresentam-se excertos das respostas dos entrevistados, o que permite contextualizar e fundamentar os resultados, assim como demonstrar as suas intenções discursivas.

Por questões de confidencialidade, as unidades de registo, bem como os excertos referentes aos depoimentos dos entrevistados serão identificadas com o código alfabético que os distingue. As categorias e subcategorias do guião da entrevista podem ser consultadas no Apêndice C.

⁸ Os quadros não dispensam a consulta das grelhas de análise com as unidades de registo, que se apresentam no Apêndice E.

IV. 1 Relação com a Leitura

Esta categoria pretende demonstrar de que forma se caracteriza a relação dos entrevistados com a leitura, no sentido em que se verifica o tipo de representações que têm das dimensões subjacentes ao hábito de ler (ver Quadro 1).

Quadro 1 –Subcategoria *Refletem sobre o significado e objetivos da leitura.*

Subcategoria	Indicadores	Bibliotecários
Refletem sobre o significado e objetivos da leitura (100%)	A leitura como aprendizagem, conhecimento e meio de desenvolvimento do ser humano	88% (14/16)
	A leitura como prazer e atividade de ocupação de tempos livres	69% (11/16)

Verifica-se que os respondentes refletiram sobre o significado e objetivos que a leitura tem para si, tendo identificado claramente dois grandes indicadores, que se prendem, por um lado, com critérios de conhecimento, aprendizagem e desenvolvimento e, por outro, com critérios associados ao prazer e à ocupação dos tempos livres.

Muito provavelmente, devido à sua profissão, a esmagadora maioria dos bibliotecários associou a leitura à aprendizagem, conhecimento e desenvolvimento, «[...] porque uma pessoa que goste de ler está dentro de qualquer assunto» (Ba); «É uma forma de aprendizagem [...]» (Bb) «[...] para responder à minha profissão com mais qualidade, com mais profissionalismo, e com uma técnica cada vez mais aperfeiçoada» (Bb).

No que respeita ao campo do prazer e à ocupação de tempos livres, mais de metade dos bibliotecários mencionou estes critérios, que também presidem às leituras que efetuam, pois, «Independentemente da minha área de trabalho, da minha profissão, ler, para mim, é um prazer» (Bb). E até mesmo um tipo de leitura que poderia ser feito num outro âmbito que não a procura de prazer acaba por ser feito nesse sentido, tal como refere (Bh): «Leio, sobretudo, por prazer, mesmos os ensaios.»

De acordo com os depoimentos dos bibliotecários, ler significa, sobretudo, conhecimento, aprendizagem e desenvolvimento do ser humano e, ainda que em menor escala, prazer e ocupação de tempos livres.

No que respeita à subcategoria **Refletem sobre o gosto pela leitura** (ver Quadro 2), como nenhum bibliotecário mencionou não gostar de ler, apresenta-se apenas um indicador, que respeita à menção feita relativamente ao gostar de ler. Mais de metade dos entrevistados referiu especificamente o gosto pela leitura, o que, de certa forma, os caracteriza como leitores. Leem, como se constatou, baseados em critérios relacionados com o conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento, por um lado, e por prazer e ocupação de tempos livres, de tempos de lazer, por outro, e fazem-no com gosto, que, de acordo com a sua profissão, se não existisse, poderia ser nocivo, não só para o seu desenvolvimento profissional, mas também pessoal, porque o bibliotecário, como profissional da informação, lida diariamente com a leitura no que respeita ao ato de ler, mas não só, porque, ao trabalhar com o bem informação e sendo detentor das competências que lhe permitem manipulá-la, lida, também, com a sua representação simbólica, não só dos livros que se encontram nas estantes, mas de todos os suportes em que os documentos são disponibilizados, na sua esmagadora maioria, para serem lidos. Deste modo, *«O bibliotecário evolui de função de zelador do livro para incorporar características do bibliófilo, que cultua o livro. Os conselhos profissionais consideram que além do princípio da organização e difusão do conhecimento, a ação deste profissional é marcadamente pedagógica, quando estimula o interesse pelo livro, pelo hábito de ler, contribuindo para o desenvolvimento intelectual do leitor, aprimorando a sua formação e direcionando as atenções para as tecnologias e conhecimento científico»* (Carvalho, 2002).

No entanto, importa realçar que cerca de um terço dos inquiridos não mencionou especificamente o gosto pela leitura. É certo que, no decorrer de uma entrevista, em que o respondente discorre sobre determinados temas, há sempre a possibilidade de se perder relativamente aos tópicos de pergunta. Ainda assim, é significativo o facto de cinco indivíduos não o terem mencionado, visto que estamos a falar de mediadores e promotores da leitura.

Quadro 2 –*Subcategoria Refletem sobre o gosto pela leitura.*

Subcategoria	Indicador	Bibliotecários
Refletem sobre o gosto pela leitura	Mencionam o gosto pela leitura	69% (11/16)

Os indicadores que sobressaem na subcategoria **Identificam os locais/formas de acesso aos documentos** (ver Quadro 3) permitem verificar que os bibliotecários da RMBL acedem aos documentos de formas diversificadas.

Quadro 3 –*Subcategoria Identificam os locais/formas de acesso aos documentos.*

Subcategoria	Indicadores	Bibliotecários
Identificam os locais/formas de acesso aos documentos (100%)	Em bibliotecas	69% (11/16)
	Por aquisição	75% (12/16)
	Na Internet	31,3% (5/16)
	Por oferta	13% (2/16)

Não é de estranhar que mais de metade dos entrevistados recorra à biblioteca por forma a aceder aos documentos por meio de requisição, nomeadamente no que concerne ao empréstimo interbibliotecas, que é um dos serviços que a RMBL disponibiliza aos seus leitores, sendo que em qualquer biblioteca da rede pode ser requisitado um documento que se encontre noutro equipamento. Muito embora os entrevistados recorram às bibliotecas da rede em trabalho, há a possibilidade de se dirigirem a bibliotecas de outras localidades, como refere (Bo): «[...] *tenho lido livros que vêm para a biblioteca ou que requesito a outras bibliotecas*». Conhecedores do serviço e das suas vantagens, que acabam por ser um dos grandes pilares de qualquer biblioteca, os bibliotecários aproveitam os documentos que se encontram ao seu dispor, em seu redor ou à distância de um empréstimo interbibliotecas ou de uma ida a uma biblioteca de outro local. Não obstante esta forma de acesso, há, porém, bibliotecários que não recorrem à rede enquanto utilizadores no sentido de requisitarem documentos, chegando a afirmar que «*Tal como muitos outros, eu sou um bibliotecário que nunca foi frequentador de bibliotecas enquanto utilizador*» (Bc). Assim, verifica-se que a maior parte dos entrevistados acede aos documentos por aquisição. Ainda que para uns a compra não seja a forma mais usual de chegar a um documento, como se verifica pelo

depoimento de (Bb), «[...] *raramente compro, a não ser que seja mesmo um livro técnico para a minha área* [...]», outros afirmam de forma perentória «*Compro*» (Bl), e no que concerne aos locais onde realizam as suas compras, são mencionadas as livrarias e os alfarrabistas.

Mais de metade dos entrevistados requisita os documentos, mas poderá considerar-se uma surpresa verificar que a grande maioria opta pela aquisição. Tal manifestação comportamental poderá estar relacionada com duas ordens de razões. Por um lado, apesar de conhecerem o serviço de empréstimo usual e interbibliotecas, e de ser um dos produtos que disponibilizam dentro da área de negócio em que atuam, como já foi referido, em Portugal não há uma tradição de ida à biblioteca, razão pela qual alguns bibliotecários não usufruem desse serviço. Por outro lado, como qualquer outro produto, o documento é um objeto e, como tal, como acontece com a grande parte dos objetos/produtos com que diariamente se lida, opta-se pela aquisição, não esquecendo, contudo, que os amantes da leitura preferem ter a sua própria biblioteca e contribuir para a sua expansão, o que é possibilitado pela compra, que também permite fazer um certo tipo de uso do documento que advém da pertença.

No que respeita ao acesso a documentos digitais, 31,3% dos bibliotecários referem que utilizam este meio de acesso: «[...] *recorro bastante a publicações que estão online*» (Bd). Recuperando o conceito de biblioteca híbrida, já mencionado neste estudo, as bibliotecas apresentam, atualmente, documentos em vários tipos de suportes, e o digital veio para ficar, sendo escusado referenciar todas as vantagens e benefícios decorrentes da sua utilização. Como tal, o profissional da informação, apto que está para lidar com as novas tecnologias e com os dispositivos e produtos que entraram no dia a dia de todos, fá-lo em contexto profissional, ainda que, enquanto utilizador, a Internet não seja, à partida, como se verifica, a forma e local de acesso que estes profissionais preferem. Como foi já mencionado, a tradição continua a ser o suporte em papel, «[...] *sou da geração do papel. Eu cheiro o papel, o livro*» (Ba), porém, como afirma (Bf), «*Acho que as bibliotecas digitais vão ser o futuro*», no entanto, ainda há um caminho a percorrer.

No que concerne ao último indicador, uma parte muito pequena de bibliotecários referiu a oferta como forma de aceder aos documentos. A referência pouco significativa

a esta forma de acesso poderá ser atribuída a questões de recordação, e, neste sentido, é possível que muitos não tenham referido a oferta por falta de lembrança⁹.

Relativamente ao acesso aos documentos, dos depoimentos dos bibliotecários sobressai o livro como objeto em que se pensa imediatamente quando se fala em leitura e em acesso¹⁰. Assim, os bibliotecários da RMBL optam por adquirir os documentos e um número menor opta pela requisição em bibliotecas, aparecendo depois a Internet como meio de acesso.

Relativamente à subcategoria **Elegem locais para a prática da leitura** (ver Quadro 4), um quarto dos bibliotecários entrevistados refere que lê nos transportes públicos, como o comboio ou o autocarro, aproveitando, deste modo, os períodos em que deco as suas deslocações. A casa surge como o local em que os bibliotecários mais leem, sendo que quase a totalidade dos entrevistados a referiu como um dos lugares para a prática da leitura. Depois, há tipos de leituras associadas ao espaço «casa»: «*O livro sobretudo em casa*» (Bi); «*Em casa, e o que eu leio mais em casa é a parte técnica*» (Bl).

Quarenta e quatro por cento dos entrevistados referem também que leem ao ar livre e os espaços de eleição são as praias, as esplanadas e os jardins. Estes espaços, dado o contacto com a natureza que muitas vezes escasseia nas cidades e arredores, acabam por proporcionar momentos de bem-estar e, por essa razão, são eleitos para uma atividade com as mesmas características, a leitura. Como refere (Bd): «*Gosto da leitura ao ar livre, acho que é muito relaxante.*» A biblioteca é também um espaço referenciado por 31,3% dos entrevistados como local para a prática da leitura. Neste caso, sobressaem também motivos de ordem prática, ou seja, os bibliotecários não se dirigem a bibliotecas para aí realizarem as suas leituras, o que efetivamente acontece é aproveitarem o espaço onde trabalham para esse fim, sendo que a utilização é feita a dois níveis: nos períodos de descanso – «*A minha hora de almoço é passada lá em cima na sala a ler*» (Bj) –, ou nos períodos em que a biblioteca não está tão cheia – «[...] às

⁹ Considerou-se importante referenciar esta forma de acesso involuntária, na medida em que o destinatário de um documento para fins de leitura será, eventualmente, alguém que gosta de ler e que o faz como um hábito.

¹⁰ A título de curiosidade, a palavra «livro» e a sua forma no plural, «livros», foram referenciadas 271 vezes pelos bibliotecários nos seus depoimentos.

vezes, quando tenho de estar de serviço no balcão de empréstimo... Leio às vezes um pouquinho na biblioteca. Pouco, mas quando estou de serviço no balcão de empréstimo, quando há assim uma calmazinha, vou folheando» (Bo). Muito embora a biblioteca seja um espaço referido por alguns bibliotecários, outros há que justificam o facto de não usarem a biblioteca onde trabalham por não terem possibilidade de o fazer durante o horário de expediente: «Estando numa biblioteca, eu não tenho tempo para ler quando venho ao serviço da biblioteca, porque aqui nós, de facto, recebemos algumas publicações, que vão para as carrinhas, porque isto é o serviço de apoio a bibliotecas itinerantes» (Bd).

Quanto à leitura noutros espaços fechados, uma parte muito pouco significativa dos entrevistados fez menção a locais com estas características, como o café e o carro existindo, contudo, outros locais, como leva a crer o depoimento de (Ba): «Tenho sempre livros à minha volta e leio em qualquer lado [...]».

Quadro 4 –Subcategoria Elegem locais para a prática da leitura.

Subcategoria	Indicadores	Bibliotecários
Elegem locais para a prática da leitura (100%)	Nos transportes públicos	25% (4/16)
	Em casa	94% (15/16)
	Ao ar livre	44% (7/16)
	Na biblioteca	31,3% (5/16)
	Noutros espaços fechados	19% (3/16)

Relativamente à subcategoria **Refletem sobre a disponibilidade para a leitura e a frequência com que lêem** (ver Quadro 5), a maior parte dos bibliotecários, 69%, considera estar disponível para a leitura e lê com frequência: «Leio todos os dias [...]. Se for qualquer coisa da área profissional em que, de momento, tenha que dar mais atenção ao assunto, carrego mais nesse setor, senão, vou ao sabor das leituras [...]» (Bi). Deste modo, a maior parte dos bibliotecários, para além de estar disponível para a leitura, lê com frequência e em grande quantidade, o que se traduz num hábito diário, que se torna mais significativo no período de férias, quando os entrevistados dizem ter mais tempo disponível. Não obstante, há bibliotecários (38%) que, apesar de estarem

disponíveis para a leitura, não leem tanto quanto gostariam: *«Leio, leio. Acho que isso se aplica a qualquer pessoa. Acho que nós já não somos capazes de passar um dia sem ler [...] mas há muitos projetos de leitura adiados, muita coisa que está à espera em casa para ser lida»* (Bc). Obviamente que a vida agitada de trabalho nem sempre o permite, sobretudo quando os profissionais têm filhos, que não dispensam os seus cuidados, como se verifica no depoimento de (Bk): *«eu antigamente lia um livro praticamente todas as semanas, mas agora é um bocadinho complicado, porque a minha vida está muito ligada ao João. [...] Então, tenho um livro na cabeceira, vou lendo aos poucos conforme vou conseguindo. Mas é no verão que ponho a escrita em dia.»*

Posto isto, a maior parte dos bibliotecários da rede está disponível para a leitura e lê com frequência, embora, nalguns casos, a quantidade de leituras fique aquém das expectativas de alguns profissionais.

Quadro 5 – Subcategoria Refletem sobre a disponibilidade para a leitura e a frequência com que leem.

Subcategoria	Indicadores	Bibliotecários
Refletem sobre a disponibilidade para a leitura e a frequência com que leem (100%)	Estão disponíveis para a leitura e leem com frequência	69% (11/16)
	Estão disponíveis para a leitura, mas não leem tanto quanto gostariam	38% (6/16)

«A infância era completamente analógica! Ou seja, havia talvez menos dispersão, e o objeto livro estava a par dos outros objetos-brinquedo. Tudo era tátil e o livro, obviamente ilustrado, era mais um dos brinquedos. Por isso, a minha memória é anterior à leitura, quando ainda não sabia ler e inventava histórias a partir das imagens (ilustração ou BD) que via nos livros. [...] Bom, no meio disto há um ponto fundamental: a disponibilidade dos pais para oferecerem livros, para acompanharem as leituras, para explicarem. Tudo isto se passava em casa, pois assim como não havia playstations, também não havia bibliotecas com atividades infantis nem planos nacionais de promoção de leitura.» (Bi)

Quanto à subcategoria **Refletem sobre a leitura durante a infância** (ver Quadro 6), o depoimento deste entrevistado é bastante ilustrativo do facto de 81,3% dos bibliotecários terem adquirido o gosto pela leitura durante a infância. A oferta era muito reduzida, existiam poucas publicações para um público infantojuvenil e não havia atividades de promoção da leitura como as que hoje conhecemos. Todavia, alguns bibliotecários mencionam que, em crianças, já iam à biblioteca: *«Os meus pais não tinham livros significativos em casa, tinham muito poucos, e eu ia às bibliotecas itinerantes nos jardins»* (Ba). Com este depoimento, contrastam as declarações de (Bg), que refere: *«Lia imenso. Tinha conta na livraria Barata e ia lá buscar os livros que queria, e depois passava lá para pagar.»* Ora, as declarações aqui colocadas são paradigmáticas dos diferentes contextos em que os bibliotecários viveram a sua infância. Nem todos tiveram as mesmas oportunidades e motivações, no entanto, tal disparidade não constituiu obstáculo para que se tornassem leitores durante a infância, tendo mantido esses hábitos desde então.

No que concerne aos bibliotecários que não desenvolveram o gosto pela leitura durante a infância, 19%, tal deveu-se a um primeiro mau contacto com a leitura, como afirma (Bd): *«Não foi logo em criança, até porque as primeiras experiências com a leitura não foram fáceis»*. Ou, como afirma (Bb), apesar de o gosto não se ter manifestado em criança, foi através de uma atividade de promoção da leitura que despertou para a mesma: *«Eu também não gostava muito de ler quando andava na escola, e o meu interesse pela leitura veio de uma Hora do Conto que eu achei tão espetacular e, a partir daí, quis ir ver e ouvir cada vez mais.»*

Quadro 6 –Subcategoria *Refletem sobre a leitura durante a infância*.

Subcategoria	Indicadores	Bibliotecários
Refletem sobre a leitura durante a infância (100%)	Desenvolveram o gosto pela leitura durante a infância	81,3% (13/16)
	Desenvolveram o gosto pela leitura mais tarde	19% (3/16)

IV.2 Finalidades da Leitura

Esta categoria visa demonstrar que tipo de leituras os bibliotecários fazem para fins profissionais e para fins de lazer, a partir da análise dos depoimentos referentes às últimas e atuais leituras que fizeram ou se encontravam a fazer aquando da entrevista, bem como a ausência das mesmas, verificando-se, também, outro tipo de leituras. Entende-se aqui por leitura para fins profissionais a leitura realizada em prol da área profissional em que atuam, quer por iniciativa própria quer por recomendação da entidade patronal. Já a leitura para fins de lazer abarca toda a leitura que não é feita para fins profissionais, ainda que, algumas vezes, possa ser realizada com uma intenção de adquirir um determinado conhecimento sobre uma dada temática.

Quanto à subcategoria **Leem para fins profissionais** (ver Quadro 7), aquando das entrevistas, a esmagadora maioria dos bibliotecários, 81,3%, indicou a última leitura que havia realizado para fins profissionais (os que não indicaram não se lembraram ou apenas indicaram leituras para fins de lazer). Note-se que as percentagens indicadas na coluna «Bibliotecários» correspondem à percentagem 100%, sendo que apenas 81,3% indicaram as leituras. É importante referir que alguns bibliotecários indicaram várias leituras diferentes que, por sua vez, se inscrevem em indicadores diferentes. Dentro das áreas temáticas que sobressaem dos depoimentos, verifica-se que a maior parte das leituras, mais de metade, é realizada no âmbito das Ciências da Informação sobre diversos subtemas. Sublinha-se o facto de alguns bibliotecários se encontrarem a estudar, alargando os seus estudos dentro da área da Biblioteconomia, e as leituras que referiram como tendo sido as últimas realizadas para fins profissionais acontecerem no âmbito dos seus cursos. Porém, visto que estes se inscrevem na área da sua profissão foram consideradas leituras para fins profissionais. Logo a seguir, verifica-se que as últimas leituras dos bibliotecários para fins profissionais se inscrevem nas áreas das TIC e da História.

Relativamente às leituras que se encontravam a fazer, igualmente para fins profissionais, 50% dos bibliotecários estavam a ler para fins profissionais e os que não mencionaram qualquer tipo de leitura para fins profissionais apenas mencionaram as leituras que tinham em mãos para fins de lazer. Os bibliotecários encontravam-se a ler maioritariamente sobre temas da área da Ciência da Informação, das TIC, Gestão de

Recursos Humanos, Direito e Sociologia. Não obstante, cerca de 38% dos entrevistados afirmaram não se encontrar a ler nada aquando da entrevista, o que é bastante significativo, tendo em consideração tudo o que já foi dito relativamente à profissão e às atividades que desenvolvem, sendo os hábitos de leitura uma das características essenciais desta classe.

Ao longo das suas declarações, 38% dos bibliotecários foram fazendo referência a outras leituras para fins profissionais e que se prendem com a tipologia de leituras que costumam realizar. Note-se uma vez mais que entre os 38% dos bibliotecários que fizeram este tipo de referência, alguns mencionaram várias temáticas, que correspondem aos valores que surgem na coluna «Bibliotecários». As referências inscrevem-se maioritariamente na área das Ciências da Informação, seguindo-se as áreas das TIC, História, Recursos Humanos, Arte e Psicologia.

Claramente se constata que há áreas que se repetem pelos indicadores apresentados. A grande maioria das leituras é efetivamente realizada dentro do campo das Ciências da Informação, mas, dada a sua vastidão e as áreas do saber que com ela se interligam para o bom desempenho no local de trabalho, para a melhoria da ação enquanto profissionais de Biblioteconomia, leem sobre um leque variado de temáticas, o que denota o perfil multifacetado e polivalente dos profissionais da informação aqui representados pelos bibliotecários da RMBL.

Quadro 7 – Subcategoria Leem para fins profissionais.

Subcategoria	Indicadores		Bibliotecários
Leem para fins profissionais	Indicam as últimas leituras que fizeram 81,3% (13/16)	Na área das Ciências da Informação	56,3% (9/16)
		Na área das Tecnologias da Informação e da Comunicação	6,3% (1/16)
		Na área da História	6,3% (1/16)
		Na área da Gestão	13% (2/16)
	Indicam as atuais leituras 50% (8/16)	Na área das Ciências da Informação	25% (4/16)
		Na área das Tecnologias da Informação e da Comunicação	6,3% (1/16)
		Na área da Gestão de Recursos Humanos	6,3% (1/16)
		Na área do Direito	6,3% (1/16)
		Na área da Sociologia	6,3% (1/16)

	Não referiram as atuais leituras		13% (2/16)
	Não se encontram a ler nada		38% (6/16)
	Fazem outras referências a leituras para fins profissionais 38% (6/16)	Na área das Ciências da Informação	25% (4/16)
		Na área das Tecnologias da Informação e da Comunicação	6,3% (1/16)
		Na área da História	6,3% (1/16)
		Na área da Gestão de Recursos Humanos	6,3% (1/16)
		Na área da Arte	6,3% (1/16)
		Na área da Psicologia	6,3% (1/16)

Quanto à subcategoria **Leem para fins de lazer** (ver Quadro 8), todos os bibliotecários referiram as últimas leituras que fizeram. Note-se que alguns bibliotecários referiram mais do que um documento e, como pode ser verificado, mais de metade das leituras corresponde a romances, seguindo-se as leituras realizadas na área da Política Internacional, crónicas, cartas, na área da Arte e da Música.

No que respeita às leituras que tinham em mãos aquando da entrevista, 94% dos bibliotecários indicaram as atuais leituras, sendo que alguns referiram mais do que um documento e um bibliotecário não referiu especificamente o documento. Os entrevistados encontravam-se a ler maioritariamente romances, seguindo-se as leituras realizadas dentro da área da História, novelas, coletâneas de textos de autor, entrevistas, revistas literárias, e nas áreas da Filosofia e da Gastronomia. Entre os bibliotecários entrevistados, 31,3% não se encontravam a ler nada, o que vai ao encontro do que se tinha verificado no âmbito das leituras para fins profissionais e que acaba por ser significativo.

Ao longo das entrevistas, 50% dos respondentes referiram tipologias de leituras que habitualmente fazem para fins de lazer e, entre a totalidade dos bibliotecários, 31,3% voltou a mencionar mais os romances, seguindo-se leituras na área da História, 19%, poesia, 13%, e depois, *in ex aequo*, ensaios, banda desenhada, literatura de viagens, literatura clássica, revistas sobre o *jet-set*, e nas áreas da Sociologia, Filosofia, Psicologia, Arquitetura e Desporto. Houve bibliotecários que referiram mais do que um documento ou área temática.

Posto isto, pode afirmar-se que os bibliotecários da RMBL, quando leem para fins de lazer, dirigem as suas leituras para o romance e para a área da História, e esta última opção poderá ter que ver efetivamente com a sua área da formação, na medida em que a maioria dos entrevistados é licenciada em História, como se pode verificar no Apêndice B. Não obstante, habituados a lidar, na maior parte dos casos, salvo os que trabalham em bibliotecas de cariz especializado, com áreas do saber diversificadas, tal pode contribuir para a diversidade dos temas em que as suas leituras se inscrevem.¹¹

Quadro 8 – Subcategoria Leem para fins de lazer

Subcategoria	Indicadores		Bibliotecários
Leem para fins de lazer	Indicam as últimas leituras que fizeram 100% (16/16)	Romance	63% (10/16)
		Crónicas	6,3% (1/16)
		Cartas	6,3% (1/16)
		Na área da Arte	6,3% (1/16)
		Na área da Música	6,3% (1/16)
		Na área da Política Internacional	13% (2/16)
	Indicam as atuais leituras 62,5% (10/16)	Romances	31,3% (5/16)
		Novelas	6,3% (1/16)
		Coletâneas de textos de autor	6,3% (1/16)
		Entrevistas	6,3% (1/16)
		Revistas literárias	6,3% (1/16)
		Na área da História	13% (2/16)
		Na área da Filosofia	6,3% (1/16)
		Na área da Gastronomia	6,3% (1/16)
	Não referem as atuais leituras		6,3% (1/16)
	Não se encontram a ler nada		31,3% (5/16)
	Fazem outras referências a leituras para fins de lazer 50% (8/8)	Romance	31,3% (5/16)
		Ensaio	6,3% (1/16)
		Poesia	13% (2/16)
		Banda Desenhada	6,3% (1/16)
		Literatura de Viagens	6,3% (1/16)
		Literatura Clássica	6,3% (1/16)
		Na área da História	19% (3/16)
		Na área da Sociologia	6,3% (1/16)
		Na área da Filosofia	6,3% (1/16)

¹¹ A título de curiosidade, dentro dos romances que leem, as suas escolhas recaem mais para os *best-sellers* e o autor mais citado foi José Rodrigues dos Santos.

		Na área da Psicologia	6,3% (1/16)
		Na área da Arquitetura	6,3% (1/16)
		Na área do Desporto	6,3% (1/16)
		Revistas sobre o <i>jet-set</i>	6,3% (1/16)

Relativamente a uma preocupação com a atualização diária (ver Quadro 9), 69% dos bibliotecários têm o hábito de ler publicações periódicas, diárias e não só. Neste sentido, da totalidade dos bibliotecários, 63% referiram que leem publicações periódicas, ao passo que cerca de 6,3% afirmaram que leem cada vez mais *blogs*.

Quadro 9 – Subcategoria Evidenciam hábitos de leitura no sentido de uma atualização diária.

Subcategoria	Indicadores	Bibliotecários
Evidenciam hábitos de leitura no sentido de uma atualização diária 69% (11/16)	Publicações periódicas	63% (10/16)
	<i>Blogs</i>	6,3% (1/16)

IV.3 Promoção da Leitura

A categoria **Promoção da leitura** pretende demonstrar as formas de promoção de leitura que os bibliotecários da RMBL, enquanto promotores da leitura, desenvolvem nas suas bibliotecas, assim como uma possível extensão dessas atividades a um contexto familiar, verificando, igualmente se conhecem o Plano Nacional de Leitura e o tipo de opinião que têm acerca deste.

Relativamente à subcategoria da promoção da leitura em contexto laboral (ver Quadro 10), todos os bibliotecários referiram desenvolver atividades de promoção da leitura nas bibliotecas em que trabalham. Entre um leque variado de atividades, a mais mencionada, no âmbito da leitura e dinamização de histórias, foi referida por 38% dos bibliotecários e prende-se, sobretudo, com a «*Hora do Conto*» (Bn). De seguida, surgem atividades como as mostras bibliográficas e as conferências, colóquios e palestras, ambos os indicadores referentes às respostas de 31,3% dos bibliotecários, *ateliers*,

identificação do perfil do utilizador e exposições com 19%, visitas guiadas às bibliotecas e encontros com escritores e outros agentes culturais com 13%, e, com 6,3%, recortes de jornais sobre temas literários, atividades em espaços exteriores à biblioteca (realizados no âmbito das bibliotecas itinerantes) – «*Também temos um projeto com o [...] Hospital de Santa Maria. Não tem a ver com as crianças que se encontram acamadas, mas com os que se dirigem à consulta externa [...]*» (Bd); «*[...] pequena exposição em painel sobre as plantas do jardim, sobre as flores, sobre as árvores [biblioteca de jardim]*» (Bd) –, cursos de literatura, comunidades de leitores, desenho, apresentação de livros, sítios *Web*, associação da literatura a outras artes, jogos tradicionais e contacto com o objecto livro.

As atividades desenvolvidas são validadas dentro do campo da promoção da leitura e muito diversificadas. Note-se, porém, que 6,3% não referiram especificamente as atividades, pois há uma programação centralizada e definida para a rede.

Segundo Ventura (2009: 178), «*Las bibliotecas consideran fomento de la lectura todo o tipo de acciones que suporem un acercamiento a los libros y al conocimiento como podem ser la realización de la hora de cuento, una conferencia de un escritor o un recital poético, pero también un concierto, una conferencia sobre un tema social o científico y la asistencia a una representación teatral o a una ruta literaria*».

Quadro 10 – Subcategoria Promovem a leitura em contexto laboral.

Subcategoria	Indicadores	Bibliotecários
Promovem a leitura em contexto laboral (100%)	Mostras bibliográficas	31,3% (5/16)
	Leitura e dinamização de histórias	38% (6/16)
	<i>Ateliers</i>	19% (3/16)
	Visitas guiadas à biblioteca	13% (2/16)
	Recortes de jornais sobre temas literários	6,3% (1/16)
	Atividades em espaços exteriores à biblioteca	6,3% (1/16)
	Identificação do perfil do utilizador	19% (3/16)
	Cursos de literatura	6,3% (1/16)
	Comunidades de leitores	6,3% (1/16)
	Encontros com escritores e outros agentes culturais	13% (2/16)

	Desenho	6,3% (1/16)
	Exposições	19% (3/16)
	Apresentação de livros	6,3% (1/16)
	Conferências, colóquios, palestras	31,3% (5/16)
	Sítios <i>Web</i>	6,3% (1/16)
	Associação da literatura a outras artes	6,3% (1/16)
	Jogos tradicionais	6,3% (1/16)
	Contacto com o objeto-livro	6,3% (1/16)
	Não definidas	6,3% (1/16)

Quanto à promoção da leitura em contexto familiar (ver Quadro 11), 69% dos bibliotecários referiram desenvolver algumas atividades e, enquanto promotores da leitura, não estendem essa componente de forma significativa ao contexto familiar. Note-se que «[...] *é mesmo de crer que tudo o que ocorre na família em termos de leitura contribua mais fortemente para a criação do gosto do que o que acontece no grupo de pares e na escola... os atos iniciais são em certa medida iniciáticos e, por isso, marcantes*» (Lages, 2007: 153).

É de salientar, contudo, que há bibliotecários que não têm filhos e os cônjuges já são leitores. Ainda assim, tendo em conta a totalidade dos bibliotecários, a forma mais referida, por cerca de 25% dos entrevistados, é a oferta de livros, seguindo-se a menção de leituras e discussão de assuntos, a par das sugestões de leitura, depois a leitura de histórias e a existência de uma biblioteca familiar. Por fim, 6,3% referiram o contacto com o objeto-livro, sendo que também 6,3% referiram atividades especiais de promoção da leitura – «[...] *tenho que ler duas horas por dia, com intervalo de um quarto de hora, com o sistema dos disléxicos*» (Bk).

Quadro 11 – *Subcategoria Promovem a leitura em contexto familiar.*

Subcategoria	Indicadores	Bibliotecários
Promovem a leitura em contexto familiar 69% (11/16)	Leitura de histórias	13% (2/16)
	Menção de leituras e discussão de assuntos	19% (3/16)
	Sugestões de leitura	19% (3/16)
	Oferta de livros	25% (4/16)
	Biblioteca familiar	13% (2/16)

	Contacto com o objeto-livro	6,3% (1/16)
	Atividades especiais	6,3% (1/16)

Quanto ao Plano Nacional de Leitura (ver Quadro 12), todos os bibliotecários conhecem o Plano e mais de metade emite uma opinião favorável sobre o mesmo, considerando que é positivo no âmbito da promoção da leitura, nomeadamente na promoção de autores lusófonos: *«Penso que é ótimo, pois cada vez mais temos que apoiar os nossos escritores, porque somos o parceiro ideal para darmos a ler o que eles fazem, e eles são os parceiros ideais para nos ajudarem cada vez mais a enriquecer os fundos e a enriquecer o conhecimento de toda a gente [...]»* (Ba). Os entrevistados referem também a aproximação entre a educação e a leitura e a promoção da própria profissão de bibliotecário e das bibliotecas: *«[...] é uma excelente oportunidade para uma aproximação entre o setor da cultura e o setor da educação, que nem sempre têm colaborado. O PNL poderá ser um passo decisivo para a nossa profissão e confesso que fiquei muito surpreendido com a publicidade às bibliotecas municipais que tem passado na televisão»* (Bc). O PNL acaba por fortalecer a relação entre a biblioteca pública e a biblioteca escolar, como refere (Bh): *«A vantagem do Plano neste momento é ter uma intervenção na escola bastante grande, porque os primeiros cinco anos, para além de outros projetos em simultâneo, incidem na leitura orientada na sala de aula.»* No entanto, (Bf) refere *«[...] que também tem a ver com as iniciativas que a própria biblioteca escolar tem. Uma lacuna muito grande que há nas bibliotecas escolares deve-se ao facto de estas não terem bibliotecários nem técnicos profissionais», e, «Lamentavelmente, as obras do PNL não têm sido atualizadas por falta de verbas para aquisições»* (Bb).

É de notar, contudo, que cerca de 38% dos entrevistados não confiam totalmente nas vantagens e benefícios do PNL e veem-no com uma certa desconfiança. O Plano, como refere (Bm), *«É o melhor, só que, talvez, nós não tenhamos as condições para acompanhar este PNL»*, e chegam a considerar que os resultados não são positivos.

Quadro 12 – *Subcategoria Conhecem o Plano Nacional de Leitura.*

Subcategoria	Indicadores	Bibliotecários
Conhecem o Plano Nacional de Leitura (100%)	Têm uma opinião favorável do Plano	63% (10/16)
	Não têm uma opinião favorável do Plano	38% (6/16)

CAPÍTULO V: O COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS PÚBLICOS DA RMBL EVIDENCIADO A PARTIR DOS SEUS HÁBITOS DE LEITURA

Os bibliotecários públicos da RMBL consideram que a leitura é, principalmente, aprendizagem, conhecimento e meio de desenvolvimento do ser humano, no entanto, veem-na também como fonte de prazer e atividade de ocupação de tempos livres. Neste sentido, estes profissionais manifestam um gosto pela leitura, que está relacionado quer com as exigências da sua profissão quer com o desfrutar de uma atividade agradável que lhes proporciona saber e distração na ocupação dos seus tempos livres. Trata-se de profissionais que trabalham com a leitura e que, coincidentemente, e como seria desejável, são também eles leitores.

Relativamente ao acesso aos documentos, a aquisição e a requisição em bibliotecas são os meios mais usuais, contudo, também é notória a utilização da Internet para esse fim. Como profissionais da informação, estão de certa forma mais sensibilizados para utilizar este equipamento cultural como meio de acesso, bem como as TIC, visto que os bibliotecários, ao trabalharem com o bem informação, necessitam de dominar as formas de acesso existentes, de modo a otimizarem a capacidade de resposta às solicitações dos utilizadores das suas bibliotecas.

A casa e locais ao ar livre, como a praia, a esplanada ou o jardim, são os espaços de eleição para a prática da leitura, mas os bibliotecários também utilizam a biblioteca, os transportes públicos e outros espaços fechados, como o café e o carro, para esse fim.

Estes profissionais estão disponíveis para a leitura e leem com frequência, mas não têm a disponibilidade de que gostariam para se dedicarem a essa atividade. Ainda que estejam inseridos num ambiente privilegiado e tenham gosto por esta atividade, como foi referido, nem sempre conseguem conciliá-la com as outras práticas profissionais e quotidianas. De um modo geral, os entrevistados desenvolveram o gosto pela leitura durante a infância, o que acabou por potenciar a continuidade dessa prática ao longo dos anos.

No âmbito da finalidade das suas leituras, leem para fins profissionais, destacando-se as áreas das Ciências Sociais e Humanas, Gestão, Tecnologia, Ciências Aplicadas e Arte, e para fins de lazer, onde se verifica um espectro mais alargado, que vai desde a Literatura à Música e à Arte, passando pelas Ciências Sociais e Humanas, Desporto e publicações periódicas, sendo que privilegiam o segundo tipo de leitura. Constata-se também que os bibliotecários procuram atualizar-se diariamente, recorrendo a publicações periódicas e a *blogs*.

Sendo a promoção da leitura um pilar da biblioteca pública, estes bibliotecários evidenciaram ser promotores da leitura, desenvolvendo, para tal, atividades como leitura e dinamização de histórias, mostras bibliográficas, conferências, colóquios e palestras, *ateliers*, identificação do perfil do utilizador, exposições, visitas guiadas à biblioteca, encontros com escritores e outros agentes culturais, recortes de jornais sobre temas literários, atividades em espaços exteriores à biblioteca, cursos de literatura, comunidades de leitores, desenho, apresentação de livros, sítios *Web*, associação da literatura a outras artes, jogos tradicionais, contacto com o objeto-livro, entre outras não definidas.

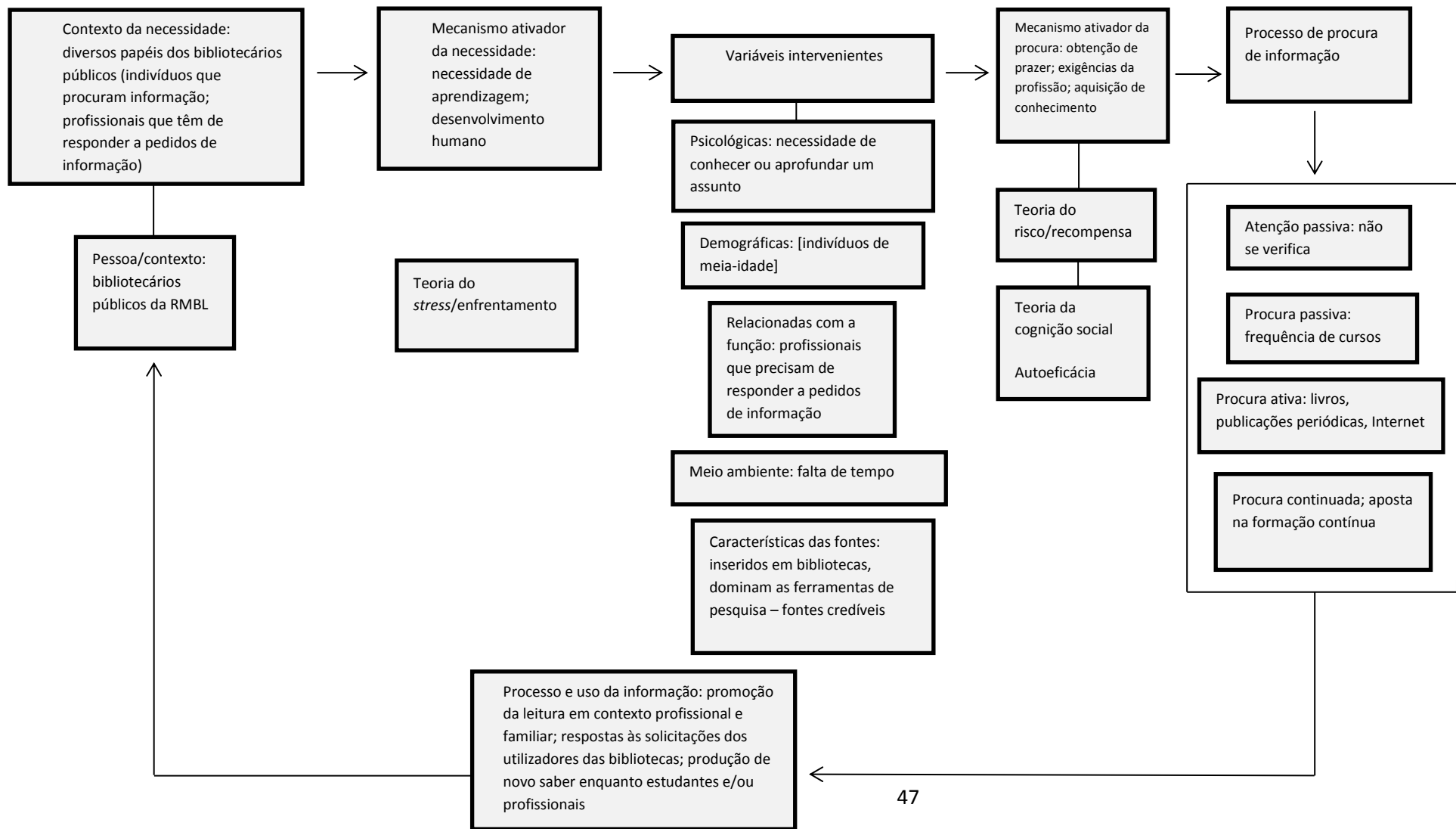
Ainda que com menos expressão e de uma forma não profissional, promovem também a leitura em contexto familiar, através da oferta de livros, menção de leituras e discussão de assuntos, sugestões de leitura, biblioteca familiar, leitura de histórias, contacto com o objeto livro e atividades especiais, como a leitura para disléxicos. Como promotores da leitura, estes profissionais conhecem o Plano Nacional de Leitura e, apesar de existir alguma discordância, a maioria tem uma opinião favorável acerca do mesmo.

Como se pode verificar, trata-se de um grupo de profissionais cuja prática da leitura está enraizada tanto na vida profissional, como pessoal, o que se manifesta nas suas representações, preocupações e hábitos que dela decorrem. Deste modo, face a uma necessidade informacional, independentemente de o contexto ser a sua profissão ou lazer, os bibliotecários empreendem uma procura de informação, com vista à satisfação dessa necessidade, recorrendo às ferramentas que estão ao seu dispor, de modo a poderem utilizá-la no seu dia a dia pessoal e profissional, sendo também aí que se dá o processo de transferência da mesma.

Daqui se conclui que os bibliotecários apresentam competências de gestão informacional e tecnológicas, bem como pedagógicas/formativas e uma visão que se caracteriza por ser prospetiva na gestão da sua carreira ao longo da vida, apostando no desenvolvimento dos seus saberes.

Muito embora a necessidade informacional seja uma experiência subjetiva, inerente, deste modo, ao próprio sujeito (Wilson, 1981, 2000), chama a atenção para o facto de os bibliotecários, no seu contexto profissional, verem as suas necessidades informacionais desencadeadas por terceiros, ou seja, pelos utilizadores que recorrem à biblioteca em decorrência de uma necessidade profissional, acabando, assim, por integrar o bibliotecário no seu próprio comportamento informacional.

À luz do modelo revisto de comportamento informacional de Wilson, a partir dos dados recolhidos, apresenta-se esquematicamente o modelo de comportamento informacional dos bibliotecários públicos da RMBL.



CONCLUSÃO

Ao finalizar-se este estudo, consideram-se validados os seguintes resultados *evidenciados pelos bibliotecários públicos da RMBL, a partir dos seus hábitos de leitura:*

- 1) Os bibliotecários possuem hábitos de leitura, pois, quer pela função profissional que desenvolvem quer pelo facto de serem cidadãos conscientes que se querem manter informados, encontram-se, deste modo, disponíveis para a leitura, e leem com bastante frequência. Esta hipótese foi parcialmente validada. A grande maioria dos entrevistados vê na leitura fonte de aprendizagem e prazer, acede aos documentos e tem locais definidos para a prática da leitura, na medida em que se trata de um gosto que foi maioritariamente desenvolvido na infância. Porém, apesar da sua disponibilidade para ler, cerca de um terço dos inquiridos não o faz tanto quanto gostaria, devido à falta de tempo.
- 2) Na medida em que necessitam de estar permanentemente atualizados, dada a constante inovação no campo das Ciências da Informação, bem como do conhecimento em geral, os bibliotecários leem para fins profissionais. A maioria dos bibliotecários inquiridos demonstrou ler para fins profissionais, mostrando que desenvolve as suas leituras dentro de várias áreas temáticas, no entanto, importa realçar que cerca de um terço não se encontrava a ler para fins profissionais aquando da entrevista, o que é significativo, considerando que se trata de um grupo de mediadores e promotores da leitura.
- 3) Os bibliotecários leem para fins de lazer, encontrando na leitura uma forma de evasão e ocupação de tempos livres que lhes proporciona bem-estar. Aqui, os bibliotecários mostraram ler para fins de lazer, contudo, importa realçar que cerca de um terço não se encontrava a ler aquando da entrevista.
- 4) No âmbito da sua profissão, estes profissionais desenvolvem atividades de promoção da leitura diversificadas, de acordo com a rede em que se encontram inseridos e com a comunidade que envolve as bibliotecas que a constituem, e, desta forma, estendem a promoção da leitura ao contexto familiar. Os bibliotecários empreendem atividades de

promoção da leitura em contexto profissional, no entanto, cerca de um terço destes profissionais não estende esta atividade ao contexto familiar.

Conclui-se que a maioria dos bibliotecários públicos da RMBL possui hábitos de leitura, enquanto cidadãos e profissionais de informação, desenvolvendo as suas leituras dentro de várias áreas temáticas, o que vai ao encontro do conhecimento generalista que necessitam e com o qual, de um modo geral, trabalham diariamente, no sentido de responder às solicitações da comunidade que servem. Sendo a leitura fundamental em todos os domínios da vida dos bibliotecários, empreendem atividades de promoção da leitura dinâmicas, ainda que com muito menos expressão a nível familiar.

Dada a generalidade dos temas que caracterizam as leituras que fazem fora da sua biblioteca, estes revelam uma preocupação séria em conhecer não só diversas áreas do saber, como vários géneros literários. Para além disso, são profissionais que, embora ainda não lidem com os ambientes digitais com o mesmo à-vontade, os sabem manipular e tentam conhecer mais profundamente através das suas leituras. Não obstante as leituras que desenvolvem, voluntárias ou involuntárias, estas prendem-se com a expansão do seu conhecimento; são profissionais qualificados que, para além da sua formação de base, têm desenvolvido estudos no sentido de se especializarem cada vez mais na área em que atuam profissionalmente.

Ao serem agentes culturais, profissionais polivalentes qualificados e promotores da leitura, possuem competências para considerar as oportunidades do meio envolvente a seu favor, podendo apresentar propostas construtivas no sentido de adaptar as condições de trabalho a necessidades reais no que respeita às suas leituras para fins profissionais, bem como para adequação de estratégias adequadas de promoção da leitura, dada a heterogeneidade do raio de ação das bibliotecas dentro da aparente homogeneidade da rede.

Considera-se que o modelo de Wilson, a partir do qual se apresentou a análise, foi aqui também validado. Este estudo acaba igualmente por atuar a outros níveis, designadamente no que respeita ao reconhecimento profissional deste grupo, contribuindo, também, para a promoção do comportamento informacional em Portugal, considerando-se pertinente o seu alargamento ao universo total dos profissionais das bibliotecas da RMBL, técnicos profissionais e técnicos superiores, recorrendo à

metodologia de inquérito por questionário e a sua replicação noutras bibliotecas. Novas questões poderão ser investigadas: Poderá o profissional da informação deixar de o ser fora do seu local de trabalho? Despir todos os papéis que a sua profissão reúne e que constituem as competências de uma biblioteca e de uma rede de bibliotecas que opera numa dada área de negócio, com uma missão e objetivos específicos a cumprir?

O estudo do comportamento informacional revela-se fundamental para a compreensão do ser. Segundo Burnett e Erdelez (2010), o comportamento informacional é comprometido pelas limitações dos sistemas, bem como dos utilizadores que transitaram de um comportamento informacional tradicional. Com o desenvolvimento das TIC, usamos, hoje, ferramentas mais portáteis, o que contribui para uma alteração do contexto e para que os utilizadores tenham uma maior perceção das suas necessidades informacionais, bem como das suas estratégias de aquisição da informação, o que leva a que apresentem outros tipos de necessidades informacionais. Contudo, os autores apresentam também a posição que defende que os novos dispositivos de acesso não se constituem necessariamente como precursores de mudanças no comportamento informacional. Assim, afigura-se importante que a Ciência da Informação, mais especificamente a área dos estudos de comportamento informacional, estabeleça um diálogo com outras ciências que partilham os mesmos conceitos, de modo a criar-se uma linguagem comum relativamente ao tratamento da informação. Esta colaboração interdisciplinar permitirá perceber melhor as necessidades informacionais do Homem, o modo de aquisição da informação e a utilização que lhe é dada, com vista à compreensão do comportamento humano, neste caso, de um grupo profissional específico, uma vez que «[...] *people interact with information many different ways (seeking, browsing, encountering, using, exchanging, avoiding, etc.) and for many different purposes (to complete tasks, to resolve needs, to give assistance to others, to keep themselves entertained, etc.); it is appropriate that information behavior research attend to all of these guises of the phenomenon that simultaneously unites us and makes possible the manifold and divergent approaches that we all take*» (Burnett e Erdelez, 2010: 48).

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Fernando (2007) – *Formar leitores: das teorias às práticas*. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas.
- BARDIN, Laurence (2004) – *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BARTHES, Roland (1987) – *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70.
- BATISTA, ABEL BARROS (1998) – *Autobibliografias*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes (1980) – *Os homens e os livros: séculos XIX e XX*. Lisboa: Editorial Verbo.
- BERTRAND, Anne-Marie *et al.* (2001) – *Les bibliothèques municipales et leurs publics: pratiques ordinaires de la culture. Études et recherche*. [Em linha] [Consult. em dez. 2012] Disponível em <<http://www.livre-paca.org/data/list/docs/bibmunicipalesetleurpublic.pdf>>.
- BLOOM, Harold (2001) – *Como ler e porquê?* Lisboa: Caminho.
- BORGES, Jorge Luis (2000) – *Ficções*. Lisboa: Biblioteca Visão.
- BRITES, Cláudia; SILVA, Vera (2007) – A intervenção social da biblioteca na comunidade: qualificação individual e crescimento coletivo. [Em linha] *Congresso nacional de bibliotecários, arquivistas e documentalistas*, 9, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 28 a 30 de março de 2007 – Bibliotecas e Arquivos: Informação para a Cidadania, o Desenvolvimento e a Inovação. [Consult. em nov. 2011]. Disponível em <<http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM66.pdf>>.
- BURNETT, Gary; ERDELEZ, Sanda – Forecasting the next 10 years in information behavior research: a fish bowl dialogue [Em linha]. *Bulletin of the American Society for Information Science and Technology*, fevereiro e março de 2010. [Consult. em ago. 2012] Disponível em <http://www.asis.org/Bulletin/Feb-10/Bulletin_FebMar10_Final.pdf>.

- CABRAL, Luís (1999) – *As bibliotecas públicas portuguesas: problemas e propostas de desenvolvimento*. Porto: Afrontamento.
- CABRAL, Maria Luísa (1996) - *Bibliotecas: acesso, sempre*. Lisboa: Edições Colibri.
- CADÓRIO, Leonor (2001) – *O gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CALENGE, Bertrand (dir.) (2004) – *Bibliothécaire, quel métier?* Paris: Cercle de la Librairie.
- CALIXTO, José António (1996) – *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa: Caminho.
- CARIO, TELMO (2008a) – A cultura profissional: reconfiguração do trabalho técnico-intelectual e do profissionalismo nas sociedades pós-industriais. [Em linha] *VII Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 25 a 28 de junho de 2008. [Consult. em fev. 2011] Disponível em <http://home.utad.pt/~tcaria/atividades_interesses/com_2008_aps.pdf>.
- CARIO, Telmo (2008b) – O uso do conceito de cultura na investigação sobre profissionais. [Em linha] *Análise Social*, Lisboa, VA3, n. 189 (outubro/dezembro). [Consult. em fev. 2011] Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n189/n189a04.pdf>>.
- CARVALHO, Elisabeth Leão de; LONGO, Rose Mary Juliano (2008) – Informação orgânica: recurso estratégico para tomada de decisão pelos membros do Conselho de Administração da UEL. [Em linha] *Informação e Documentação*, Londrina, v. 7, n. 2, p. 113-33 julho/dezembro. [Consult. em ago. 2012] Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1703/1454>>.
- CARVALHO, Kátia (2002) – O profissional da informação: o humano multifacetado. [Em linha] *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação* – v. 3, n. 5 outubro. [Consult. em ago 2012] Disponível em <http://www.dgz.org.br/out02/Art_03.htm>.

- CHARTIER, Roger (2000) – *Death of the reader? 100-day dialogue: the book & the computer*. [Em linha] [Consult. em nov. 2011]. Disponível em <<http://www.honco.net/100day/02/2000-0531-chartier.html>>.
- CHARTIER, Roger (2001) – *Lecteurs et lectures à l'âge de la textualité électronique*. [Em linha] In *Text-e*. [Consult. em nov. 2011]. Disponível em <http://www.text-e.org/conf/index.cfm?ConfText_ID=5>.
- CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia / ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (2011) – *Avaliação do plano nacional de leitura: os primeiros cinco anos*. [Em linha] [Consult. em ago. 2011] Disponível em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudos/uploads/ficheiros/avaliacao_externa_5_anos_de_pnl_cies.pdf>.
- COMISSÃO EUROPEIA. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: Uma Agenda Digital para a Europa (2010). [Em linha] [Consult. em jan. 2011] Disponível em <<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2010:0245:FIN:PT:PDF>>.
- CRAMER, Eugene H.; CASTLE Marrietta (coord.) (2001) – *Incentivando o amor pela leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CRUZ, Cristina Maria Coelho (2007) – *O professor de português e a promoção da leitura na escola*. Lisboa: [s.n]. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação (área de especialização em Educação e Leitura) apresentada à Universidade de Lisboa, através da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2007. Orientador: Justino de Magalhães.
- CURTO, Diogo (2006) – *Estudos de sociologia da leitura em Portugal no século XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/MCES.
- CURTO, Diogo (dir.) (2004) – *Leitores de bibliotecas públicas. Inquérito à Rede de Leitura Pública na Região de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri.
- DataAngel Policy Research Incorporated (2009) – *A dimensão económica da literacia em Portugal: uma análise*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. [Em linha] (Consult. em dez. de 2011) Disponível

em http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=4458&fileName=645_09_Miolo_Port_EM_3.pdf.

- Decreto-Lei n.º 247/91 de 10 de Julho. Diário da República. I Série-A 156 (1991-07-10) p. 3510-3514.
- DELGADO-MARTINS, Maria Raquel; RAMALHO, Glória; COSTA, Armando (org.) (2000) – *Literacia e sociedade. Contribuições pluridisciplinares*. Lisboa: Caminho.
- DERRIDA, Jacques (2001) – *Le livre à venir. Papier Machine*. Paris: Éditions Galilée.
- DILEVKO, Juris; GOTTLIEB, Lisa (2003) – *Reading and the reference librarian: the importance to library service of staff reading habits*. Jefferson: McFarland & Company.
- ECIA – European Council of Information Associations (2005). Rev. e trad. Leonor Gaspar Pinto para o INCITE. Lisboa: Incite. [Consult. em abr. 2012] Disponível em < http://files.incite.pt/worddoc/EuroReferencial_P.pdf >.
- ECO, Umberto (2002) – *A biblioteca*. Lisboa: Difel.
- FILLOLA, Antonio Mendoza (2004) – *La educación literaria: bases para la formación de la competencia lecto-literaria*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- FISHER, Karen; Erdelez, Sanda; McKechnie (ed.) (2005) – *Theories of Information Behavior*. New Jersey: ASIS&T SIG USE.
- FREITAS, Eduardo (1997) – Os hábitos de leitura: evolução registada em Portugal (versão revista). [Em linha] [Consult. em mai. 2011] Disponível em <<http://www.box.net/shared/hh80fajkkk>>.
- FREITAS, Eduardo (1998) – *As bibliotecas em Portugal: elementos para uma avaliação*. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais.
- FREITAS, Eduardo; CASANOVA, José Luís; ALVES, Nuno de Almeida (1997) – *Hábitos de leitura. Um inquérito à população portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote.

- FREITAS, Eduardo; SANTOS, Maria de Lurdes Lima dos (1992) – *Hábitos de leitura em Portugal: inquérito sociológico*. Lisboa: Dom Quixote.
- FURTADO, José Afonso (2000) – *Os livros e as leituras: novas tecnologias da informação*. Lisboa: Livros e Leituras.
- GILL, Philip (coord.) (2003) – *Os serviços da biblioteca pública*. Lisboa: Caminho.
- KUHLMATH, Carol Collier (2004) – *Seeking meaning: a process approach to library and information services*. Westport, CT: Libraries Unlimited.
- LAGES, Mário F. *et al.* (2007) – *Os estudantes e a leitura*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. [Em linha] [Consult. em out. 2011] Disponível em <<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudos/uploads/ficheiros/estudantes-leitura.pdf>>.
- LANING, M. (1999) – *Professional journal reading: a survey of Kentucky academic librarians*. Kentucky: Kentucky Libraries.
- LESSARD-HEBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald (1994) – *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LOPES, João Teixeira; ANTUNES, Lina (1999) – *Biblioteca e hábitos de leitura: balanço de quatro pesquisas*. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais.
- MARTINS, José Manuel (2005) – *As profissões do livro*. Lisboa: Editorial Verbo.
- MENDES, Maria Teresa Pinto (1974) – *O bibliotecário e a sua circunstância*. Coimbra: [s.n.]. Separata do *Boletim da Universidade de Coimbra*, vol. XXIV, 2.^a parte.
- NEVES, José Soares; LIMA, Maria João; BORGES, Vera (2007) – *Práticas de promoção da leitura nos países da OCDE*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. [Em linha] [Consult. em out. 2011] Disponível em

- <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudos/uploads/ficheiros/praticas-promocao-leitura-ocde.pdf>>.
- NUNES, Henrique Barreto (1996) - *Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal*. Braga: Autores de Braga.
 - NUNES, Henrique Barreto; PORTILHEIRO, Joaquim; CABRAL, Luís (1985) – *Bibliotecas e leitura pública em tempo de mudança*. Porto: BAD, 1986. Sep. Atas 1º Congresso Nacional de BAD, Porto, 19-21 de junho de 1985.
 - PENNAC, Daniel (2001) – *Como um romance*. Porto: Asa Editores.
 - PEONZA, Equipo (2001) – *El rumor de la lectura*. Madrid: Anaya.
 - PORTUGAL. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA. MISSÃO PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (1997) – *Livro Verde para a sociedade da informação em Portugal*. [Em linha] Lisboa: MSI [Consult. em nov. 2011]. Disponível em <http://www.posc.mctes.pt/documentos/pdf/LivroVerde.pdf>>.
 - PORTUGAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Plano Nacional de Leitura. [Em linha] [Consult. em fev. 2011] Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt>>.
 - PORTUGAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Rede de Bibliotecas Escolares: Avaliação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares (2010) [Em linha] [Consult. em jan. 2011] Disponível em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/31/978_972_742_3194.pdf>.
 - PORTUGAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2007) – *Plano Nacional de Leitura: alargar os hábitos de leitura: desenvolver as competências dos portugueses*. Lisboa: Ministério da Educação.
 - PORTUGAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2007) – *Plano Nacional de Leitura: relatório de progresso: maio 2007*. Lisboa: Ministério da Educação.
 - PORTUGAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES (2002) – *Relatório do questionário de avaliação: ano letivo 2000-2001*. Lisboa: Ministério
 - PROUST, Marcel (1991) – *Sobre a leitura*. Lisboa: Vega.

- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (1998) – *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rede de Bibliotecas Escolares. [Em linha] [Consult. em fev. 2011] Disponível em: <<http://www.rbe.min.edu.pt>>.
- Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa. [Em linha] [Consult. em fev. 2011] Disponível em <<http://blx.cm-lisboa.pt/gca/index.php?id=224>>.
- RIGGS, D. (1994) – *What librarians are seeking in the professional literature*. [s.l.]: Library Hi Tech.
- SANTOS, Elvira Moreira dos (2000) – *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes: um estudo em escolas secundárias*. Coimbra: Quarteto.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) (2007) – *A leitura em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação – Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.
- SEQUEIRA, Maria de Fátima (2002) – *Formar leitores: o contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- SIM-SIM, Inês; VIANA, Fernanda Leopoldina (2007) – *Para a avaliação do desempenho de leitura*. Lisboa: Ministério da Educação – Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. [Em linha] (Consult. em out. 2011) Disponível em <<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/PNLEstudos/uploads/ficheiros/avaliacao-desempenho-leitura.pdf>>.
- UNESCO (1994) – *Manifesto da UNESCO sobre bibliotecas públicas* [Em linha][Consult. em set. 2011] Disponível em <<http://www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>.
- USHERWOOD, Bob (1999) – *A biblioteca pública como conhecimento público*. Lisboa: Caminho.
- VENTURA, João J. B. (2002) – *Bibliotecas e esfera pública*. Oeiras: Celta Editora.

- WEAVER, Susan M. (2000) – *The professional reading habits of american librarians*. [Em linha] East Liverpool: Kent State University [Consult. em fev. 2011] Disponível em: <<http://www.ifla.org/IV/ifla68/papers/166-118e.pdf>>.
- WILSON, Tod (1981) – *On user studies and information needs*. London: Journal of Documentation. Vol. 37.
- WILSON, Tod (1999) – *Models in information behaviour research*. London: Journal of Documentation. Vol. 55, n. 3.
- WILSON, Tod (2000) – Human Information Behavior .[Em linha] *Information Science* 3 (1) 49-55 [Consult. em jan. 2012] Disponível em <<http://informationr.net/tdw/publ/papers/2000HIB.pdf>>
- WILSON, Tod; WALSH, Christina (1996) – Information Behaviour: an interdisciplinary perspective. [Em linha] *British Library Research and Innovation Report*, n. 10 [Consult. em jan. 2012] Disponível em <<http://informationr.net/tdw/publ/infbehav/cont.html>>.

APÊNDICE A

Guião da Entrevista

Dimensões	Questões
Relação com a leitura	1 – Significado, gosto e objetivos da leitura 3 – Locais de acesso aos documentos 4 – Locais para a prática da leitura 5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras 8 – Leitura na infância
Finalidades da leitura	2 – Tipos de leitura 6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer 7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer
Qualificação profissional dos bibliotecários	9 – Ser bibliotecário na RMBL 13 – Formação académica
Promoção da leitura	10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral 11- PNL 12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

APÊNDICE B

Formação Académica dos Bibliotecários

Técnicos Superiores	Formação académica			Estudos a decorrer
	Licenciatura	Pós-graduação	Mestrado	
Ba	História	Ciências Documentais, área da Leitura Pública		
Bb	História	Ciências Documentais; Medicina Veterinária; Arquitetura		
Bc	História	Ciências da Informação e da Documentação, variante de Biblioteconomia e Documentação		Doutoramento em Biblioteconomia

Bd	Germânicas (Inglês/Alemão)	Bibliotecária/Arquivista		
Be	História	Ciências Documentais, variante de Biblioteconomia		Mestrado em Biblioteconomia
Bf	Geografia Física	Bibliotecas, Documentação e Arquivos		
Bg	Antropologia; Ciências Político- Sociais	Ciências Documentais, variante de Biblioteconomia		
Bh	História	Ciências Documentais, variante de Biblioteconomia		
Bi	História	Ciências Documentais, variante de Biblioteconomia		
Bj	Serviço Social	Ciências Documentais, variante de Biblioteconomia		
Bk	História	Arquivologia e Biblioteconomia	Geologia e Património Artístico	
Bl	Serviço Social			
Técnicos profissionais	Formação académica			Estudos a decorrer
Bm	Curso técnico-profissional de BAD			Licenciatura em Ciências da Informação e da Documentação
Bn	Curso técnico-profissional de BAD			
Bo	Curso técnico-profissional de BAD			
Bp	Curso de Expressão Dramática, Curso técnico-profissional de BAD			Licenciatura em Ciências da Informação e da Documentação

APÊNDICE C

Categorias e Subcategorias da Entrevista

Categorias	Subcategorias
1) Relação com a leitura	<ul style="list-style-type: none"> - Refletem sobre o significado e objetivos da leitura - Refletem sobre o gosto pela leitura - Identificam os locais/formas de acesso aos documentos

	<ul style="list-style-type: none"> - Elegem locais para a prática da leitura - Refletem sobre a disponibilidade para a leitura e a frequência com que leem - Refletem sobre a leitura durante a infância
2) Finalidades da leitura	<ul style="list-style-type: none"> - Leem para fins profissionais - Leem para fins de lazer - Evidenciam hábitos de leitura no sentido de uma atualização diária
3) Promoção da leitura	<ul style="list-style-type: none"> - Promovem a leitura em contexto laboral - Promovem a leitura em contexto familiar - Conhecem o Plano Nacional de Leitura

APÊNDICE D

Transcrição das entrevistas realizadas aos bibliotecários públicos da Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa

Bibliotecário a

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- Para mim, o significado da leitura é tudo, porque uma pessoa que goste de ler está dentro de qualquer assunto e, portanto, a leitura, quer seja de jornais, por questões de atualização, quer seja de livros, é uma das partes essenciais da nossa vida, da nossa rotina.

O meu gosto pela leitura... penso que não me foi transmitido. Nós às vezes dizemos que se lermos para as crianças mais facilmente se tornam leitoras. Eu fiz isso com a filha que tenho, li muito para ela, li-lhe histórias, e ela tornou-se leitora. Comigo deveu-se mais à tradição oral. Tive avós alentejanos que me contavam histórias, que falavam daquelas histórias que às vezes me assustavam; eram histórias de lobisomens, do capuchinho, em que o lobo corria atrás da avó e a comia. A Psicologia e Sociologia dizem que talvez não seja o ideal, mas foi assim que comecei a gostar de ouvir histórias e comecei a ler. Os meus pais não tinham livros significativos em casa, tinham muito poucos, e eu ia às bibliotecas itinerantes nos jardins. Na altura, havia aquelas bibliotecas no Jardim Constantino, a Biblioteca da Penha de França, portanto, foi assim que me tornei leitora, talvez porque queria ler e sentia que seria através da leitura que teria mais conhecimento dos assuntos. Tornei-me numa leitora compulsiva, gosto muito de ler. Não tenho temas ou assuntos que eu diga «ah, é este, só leio disto». Não, disperso muito, porque acho que é assim que vou aprendendo, a ler e a ouvir o que os outros dizem, para poder ter a minha opinião das coisas.

2 – Tipos de leitura

- Tudo, leio tudo. Sou de uma geração que tem 59 anos, sou da geração do papel. Eu cheiro o papel, o livro. Gosto do cheiro, de mexer, de sentir o papel. Aqui há uns anos,

quando se punha a hipótese «vai acabar o livro em papel e só vai haver o livro no computador», se não me engano, o Dr. Furtado, que estava na altura na Biblioteca Nacional ou na Gulbenkian, já não me recordo, escreveu um livro sobre isso, dizendo que o livro não poderia acabar. As pessoas estavam com essa ilusão. Agora, com os portáteis, os Ipods... Ainda não tenho a minha estrutura mental preparada para isso, mas já vi um «companheiro» de viagem de comboio a ler um livro no Ipod. Eu acho que isso é bom, é ótimo, o que é preciso é ler.

Também tenho necessidade de me atualizar, porque a formação nunca é suficiente, mas leio muito mais por lazer e por prazer.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Hoje em dia, com uma mais-valia que temos na nossa rede de Lisboa, que é o empréstimo interbibliotecas, já não tenho necessidade de comprar, esgotei o limite da capacidade de poder pôr livros onde quer que seja. Desta forma, posso pedir um livro a qualquer biblioteca de Lisboa.

4- Locais para a prática da leitura

- Leio no comboio, no autocarro, no intervalo de qualquer programa de televisão, agarro num livro. Tenho sempre livros à minha volta e leio em qualquer lado, à exceção do sítio relativamente ao qual as pessoas costumam dizer «adoro ler na casa de banho» [risos].

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- A minha disponibilidade é sempre total. Até chegar a casa, demoro uma hora e meia, duas horas, portanto, dá para ler. E, para além disso, também me disponho a ler, porque me descontrai.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Foi um livro sobre bibliotecas públicas, visto que andamos agora todos nestas andanças com os conteúdos funcionais. Salvo erro, é de um colega de Évora, do José António Calixto. O último que livro que li assim por lazer, mas assim um bocadinho

entre comas, foi o daquela jornalista russa, o diário, daquela que foi morta, esse foi o último que li, na semana passada. Chegou à biblioteca também e eu retirei-o logo e li.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Neste momento ainda não tirei nenhum, mas antes, o livro que devolvi foi há quinze dias; devolvi esse e depois levei o da jornalista, mas não me recordo, foi um livro histórico, salvo erro. Estou neste momento a ler as atas do encontro de literatura infantojuvenil em Beja, porque sei que eles primam pela qualidade do que fazem.

8 – Leitura na infância

Respondido em 1

9 – Ser bibliotecário na RMBL

- Neste momento, ser bibliotecário talvez já não seja aquilo que me trouxe para a profissão, porque hoje em dia as pessoas estão muito técnicas. Acho que a técnica ultrapassou um pouco a missão que nos levava, muitas vezes, a ser bibliotecários. Eu aprendi aquelas práticas todas de catalogações, indexação, essas coisas todas, mas foi no meu dia a dia que gostei ainda mais de ser bibliotecária. O que eu mais gosto é de atender público, estar em contacto com o público, portanto, penso que este é o meu papel. Para mim, é o papel mais importante, que sobressai entre todos os outros que o bibliotecário desempenha.

Esta biblioteca tinha um bibliotecário que indexava e um técnico profissional que catalogava. Num congresso a que assisti em Espanha, disseram que o livro já vem tratado e eles põe-nos logo à leitura. Não fico nada feliz quando me dizem que o depósito local não está a ser conseguido pelo tratamento com a rapidez necessária, visto que a nossa capacidade financeira não é suficiente, portanto, dantes, vivia-se, pelo menos, com aqueles livros que vinham para cá.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- A promoção da leitura tem sido definida por um grupo de trabalho centralizado. Eu penso que até a simples mostra bibliográfica que aqui está é uma ótima forma de promoção da leitura. Neste momento, será uma promoção para adolescentes e adultos.

As atividades estão agora a ser planeadas. Algumas atividades pontuais na nossa biblioteca estão também a ser planeadas, mas, como lhe digo, a promoção da leitura parou muito. A centralização é benéfica para o tratamento documental, não temos dúvida, mas acho que, neste caso, para a promoção da leitura não foi o melhor caminho.

11 – PNL

- Penso que é ótimo, pois cada vez mais temos que apoiar os nossos escritores, porque somos o parceiro ideal para darmos a ler o que eles fazem, e eles são os parceiros ideais para nos ajudarem cada vez mais a enriquecer os fundos e a enriquecer o conhecimento de toda a gente, e, para mais, os nossos escritores de literatura infantil, temos muitos e bons. Acho que vai ter resultados muito positivos.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- O meu agregado familiar, neste momento, é constituído por mim e pelo meu marido. Tenho uma filha com dois filhos, que lhes transmitiu a necessidade de ouvir música, ler, portanto, penso que contribuí para ter, pelo menos, mais três pessoas nesta vida que são e serão leitores.

13 – Formação académica

- Sou licenciada em História e tirei uma pós graduação em Ciências Documentais na área da leitura pública.

Bibliotecário b

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- A leitura é tudo e é nada porque o ato de ler desperta sempre algo que nós queremos, em termos de uma aprendizagem, porque é a partir de um livro que sou capaz de sentir aquilo que o escritor sentiu quando pensou escrever aquele texto, aquela frase. É uma forma de aprendizagem. E é nada porque quem começa a ler não quer parar. Só é nada para aquelas pessoas que não criaram um hábito para leitura, por razões várias, porque

em casa não havia um hábito, ou foi perdido por desmotivação, etc. Eu também não gostava muito de ler quando andava na escola, e o meu interesse pela leitura veio de uma Hora do Conto que eu achei tão espetacular e, a partir daí, quis ir ver e ouvir cada vez mais. No fundo, é um pouco a minha história e porque é que eu gosto de ler. Independentemente da minha área de trabalho, da minha profissão, ler, para mim, é um prazer; trabalhar nesta área é outro prazer. De manhã sou a primeira a chegar e a última a sair, e pronto, para mim é um *fait-diver*. Faço com muito gosto e com muito prazer.

2 – Tipos de leitura

- Para além de livros da área de Biblioteconomia, para responder à minha profissão com mais qualidade, com mais profissionalismo, e com uma técnica cada vez mais aperfeiçoada, leio muitas vezes o manual das bibliotecas da IFLA, porque surgem sempre dúvidas, e há sempre necessidade de ir consultar as obras de referência dentro da nossa área. Tirando isso, gosto, por exemplo, de ler um livro que é interessante, que é *Uma História da Leitura*, de Alberto Manguel. Ele tem histórias espetaculares da leitura da mulher, leitura íntima, como se lia, e faz uma abordagem quase desde a Antiguidade até aos nossos dias. Este livro é um livro que eu recomendo a toda a gente. E depois gosto uma coleção que também é muito boa, que está a chegar às bibliotecas, sobre a perspectiva que havia da mulher que lia. *Mulheres Que Lêem São Perigosas*, este é muito interessante também. E depois leio alguns romances. Gosto muito da Gaby Hauptmann, que tem uns títulos muito sugestivos. Não gosto muito da ficção, a ficção não me desperta tanto interesse. Mas leio, leio muito bem um romance da Margarida Rebelo Pinto, *Não Há Coincidências*, e depois, dentro da área da História, porque é a minha formação de base. Eu venho das Humanidades, da História, também tenho necessidade, porque ao fim de uns anos, depois de se acabar a formação, há temas que vamos esquecendo e não podemos estar a atender o leitor a dizer «Ah, e agora isto foi em que século?», «O que é que liga este facto àquele?», de maneira que eu também sinto necessidade de fazer essas leituras. E pronto, acho piada à banda desenhada, apenas para ver como é que de um conto se fazem os balões e se chega àquela conversa própria da banda desenhada. E depois leio muitas revistas científicas, porque a revista traz, de facto, uma informação mais atualizada, mais imediata. E gosto de ler os jornais.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Olhe, raramente compro, a não ser que seja mesmo um livro técnico para a minha área, aí compro. De resto, outro tipo de leitura não compro. Raramente compro, porque tenho acesso, em termos profissionais, a todos os livros que existem na rede, e não só, e vou a outras bibliotecas, e, portanto, só se forem livros técnicos.

4 – Locais para a prática da leitura.

- Olhe, leio em casa. Tenho por hábito nunca adormecer sem ler o que quer que seja, nem que seja umas cartas que estão feitas e eu vou ver se não têm erros. Revistas que levo da biblioteca, também gosto de folhear. Portanto, leio em casa, antes de adormecer.

5 - Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Leio. Em grande quantidade já não será, porque todos os dias, antes de adormecer, leio um bocadinho. Agora depende: se a trama me desperta interesse, sou capaz de ler um romance numa noite.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Para fins profissionais, o manual da IFLA para as bibliotecas públicas. Há dias tive que o rever por causa dos objetivos, por causa da avaliação do desempenho, enfim. E leio muito, esta é uma leitura que está sempre presente nas leituras que faço. Tenho um manual para as bibliotecas públicas, está escrito em espanhol, que é muito bom.

O último que li foi da Gaby Hauptmann. Li-o duas vezes porque, de facto, acho que ela tem uma forma de escrever muito *sui generis*, e depois ela muitas vezes pega na problemática da mulher, na sua relação com o parceiro, e tem uma forma muito própria de contar a trama, e leio com prazer o mesmo romance dela duas vezes.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Estou a ler o manual da IFLA.

Concretamente neste momento, tenho um na mesa de cabeceira, que é a *História do Pensamento no Antigo Regime*, mas ainda só li um bocadinho.

8 – Leitura na infância

- Ainda na escola primária, para aí ao nível da quarta classe, despertei para a leitura. E pronto... deixe ver... olhe, é uma coleção, não é a Alice, é uma coleção... olhe, agora não me recordo do nome... mas que líamos, e hoje estão a ser publicadas novas edições da Heidi. Lia aventuras.

9 – Ser bibliotecário na rede

- É trabalhar para o público, essencialmente, no sentido de o atender cada vez mais e melhor, dar-lhe a informação e abrir-lhe pistas para a sua aprendizagem ao longo da vida. Tecnicamente, acho que sou mais um contributo, para que, de facto, a informação esteja tratada de acordo com as normas em vigor, e pronto, e utilizar essas normas e essas regras.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Eu já fiz parte do grupo de promoção da leitura para adultos. Há alguns anitos, eu levava convidados às várias bibliotecas da rede, e eram atividades mais centradas na informação e na documentação. Por exemplo, ao nível da conservação dos livros, fizemos várias palestras sobre informática. Hoje, em termos de estratégias, fazem-se a nível do público infantojuvenil: a Hora do Conto, *ateliers*, vai-se aos contos tradicionais portugueses... A promoção da leitura neste contexto é programada de duas formas e sempre tendo como suporte a bibliografia indicada pelo PNL. A Hora do Conto é direcionada para as escolas (professores e alunos), sempre à terça-feira de manhã e à tarde, podendo assumir outros formatos como complemento, como por exemplo uma leitura dramatizada, a utilização de fantoches, ou escrita criativa. Como leitura não formal, feita com leitores informais do espaço, abrangendo também os formatos já referidos. Os *ateliers* ocorrem à quinta-feira, também de manhã e à tarde, e obedecem a uma programação que normalmente tem uma exposição como suporte ou algum tema dos que são previamente definidos pela rede de BLX. As visitas guiadas ocorrem à sexta-feira de manhã e à tarde e têm como objetivo explorar a biblioteca em termos dos serviços que presta, da sua coleção e como é que esta está arrumada. O público para estas atividades oscila na faixa etária dos 2/3 anos até aos 14.

11 – PNL

- Aquisição de obras recomendadas no Plano e que servem de suporte às atividades, para além do catálogo de toda a rede. Lamentavelmente, as obras do PNL não têm sido atualizadas por falta de verbas para aquisições.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção de leitura em contexto familiar

- Eu e os meus dois filhos, uma já licenciada e a trabalhar e outro a frequentar licenciatura. Temos o hábito de ler desde pequenos e tentamos manter nem que sejam 15 minutos de leitura antes de adormecer. De férias também se lê e as preferências vão para a ficção, contrariamente ao dia a dia, em que se lê mais não-ficção, devido à atualização sempre importante e necessária às nossas áreas de formação.

13 – Formação Académica

- Licenciada em História e Pós-graduação em Ciências Documentais, Medicina Veterinária, Arquitetura.

Bibliotecário c

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- A nível da leitura, eu acho que tive a vantagem de ter sido exposto, desde muito jovem, à presença do livro. Quando digo «presença do livro», estou a falar no contexto familiar. Tal como muitos outros, eu sou um bibliotecário que nunca foi frequentador de bibliotecas enquanto utilizador.

A leitura, para mim, sempre foi uma companhia, sempre fez parte... Recordo-me desde mesmo muito jovem que, entre as várias coisas que uma criança faz, a leitura esteve sempre presente, portanto, nunca encarei a leitura como uma obrigação necessariamente ligada ao estudo. Sempre esteve presente e isso também condiciona os meus hábitos de leitura hoje em dia, é uma leitura muito lúdica e menos uma leitura profissional.

É evidente que todos nós encetamos a nossa vida a nível académico e também a nível profissional, e eu acho que a leitura está sempre presente. É sempre um abrir de horizontes, é sempre uma busca de alicerces para as opiniões que nós já temos e que vemos confirmadas.

Gosto, gosto de ler, quer do ponto de vista lúdico quer da informação concreta.

2 – Tipos de leitura

- Eu não confundo muito as áreas. Escolho a literatura de ficção para fins lúdicos e escolho literatura científica para fins profissionais. Não faço dessa literatura científica um objetivo de ocupação de tempos livres. Faço uma utilização dessa literatura científica, e, sinceramente, a minha opção vai para a ficção, e mais para a prosa do que para a poesia. Geralmente, leio livros em formato de papel.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Costumo adquirir. Mesmo enquanto profissional da rede de bibliotecas públicas não sou um utilizador muito ativo do serviço de empréstimo. Nem o tempo o permite, ou nem as atividades diárias permitem que aqui, neste espaço da biblioteca, possa fazer um aproveitamento desse tempo para leitura. Costumo comprar o que leio.

4 – Locais para a prática da leitura

- Essencialmente em casa. Deixei de usar transportes públicos, que era um dos outros sítios onde durante todo o período em que estive na faculdade lia. Como eu não vivia em Lisboa, vivia no Barreiro, e as viagens de barco na altura duravam meia hora, eram muitas vezes aproveitadas para ler. Agora, o livro continua a ser uma companhia de férias, de esplanada, de café.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leitura

- Leio, leio. Acho que isso se aplica a qualquer pessoa. Acho que nós já não somos capazes de passar um dia sem ler, mais que não seja uma publicidade que vemos na rua. Se tivermos uma aceção mais vasta da leitura, é evidente que a leitura está presente todos os dias, a todos os minutos. Já fui um maior consumidor. Eu neste momento considero-me mais um comprador da literatura do que propriamente um consumidor da

literatura, no sentido em que continuo a gostar muito de comprar livros, continuo a saber mais ou menos aquilo que gosto, mas há muitos projetos de leitura adiados, muita coisa que está à espera em casa para ser lida.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Tenho de pensar basicamente no que tenho feito. Eu neste momento voltei ao mundo académico, estou a fazer um doutoramento na nossa área, portanto, o último trabalho que eu desenvolvi teve a ver com arquivos digitais, e lembro-me perfeitamente de que a última leitura profissional que fiz foi de uma obra que, por acaso, não está impressa em papel, é uma dissertação de mestrado, ou uma versão dessa dissertação, que foi editada pela Universidade do Minho e que tem a ver com o processo de arquivo digital.

O último livro que eu li penso que foi o último do Saramago.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Neste momento não estou a ler nada, quer para fins profissionais quer para fins de lazer.

8 – Leitura na infância

- Sempre fui bastante disposto, e lembro-me de ser bastante disposto a ler. *Respondida em 1.*

9 – Ser bibliotecário na RMBL

- Eu acho que é cada vez exigido um leque de funções e um desempenho cada vez mais complexo. Penso que o reconhecimento social da diversidade das funções que nós desempenhamos é nulo. Neste momento, dizer «sou bibliotecário» ainda é uma coisa a que a pessoa franze os olhos e pensa um bocadinho naquela imagem da pessoa que está sentada o dia todo e não tem nada para fazer. Basicamente, é isto. Eu acho que, no imaginário de quem não partilha o espaço das bibliotecas e não as frequenta, o bibliotecário é aquela pessoa que está praticamente a tomar conta dos livros. É... é um bocadinho por aí. E, sem dúvida, eu acho que, talvez não de uma forma tão prática, tão terra a terra, nós ainda somos o guardião do livro, o guardião da informação, no sentido em que, de alguma forma, a seleccionamos. Essa seleção acaba por ter, também, as

formas inevitáveis de transposição do que são os nossos gostos e a nossa noção do que é importante e válido. É evidente que nós não podemos eliminar a nossa condição humana neste trabalho, não podemos ser completamente objetivos na seleção dos nossos livros.

Ser bibliotecário na rede, ou em qualquer rede de bibliotecas públicas, em qualquer biblioteca pública, tem também uma componente para a qual muitas pessoas não estão despertas, inclusivamente não estão despertados os profissionais bibliotecários de outra tipologia, que é a questão social, a questão do relacionamento com as pessoas, as pessoas que nos visitam. Não porque estejam interessadas na nossa coleção ou no nosso espaço, ou nos nossos periódicos, mas que nos visitam porque precisam de se sentir, de alguma forma, acolhidas sem qualquer tipo de discriminação. Sentir que alguém tem tempo para as ouvir. Penso que isso é um dos objetivos vitais do nosso desempenho e que, a partir do momento em que o nosso desempenho se baseia em números, uma visita dessa natureza, com a importância que poderá ter para aquele indivíduo, a única contabilização que nos permite fazer é uma entrada na biblioteca. Se calhar, fez-nos «perder», entre aspas, meia hora do nosso tempo, porque há pessoas que têm mesmo necessidade e, de resto, penso que ainda estamos a começar, porque há muitos aspetos qualitativos do nosso desempenho que não são mencionados nestas medidas quantitativas que nos impõem, objetivos e medidas de avaliação.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- A rede de bibliotecas da Câmara Municipal de Lisboa está um pouco atrasada, ou melhor, se calhar até regrediu um pouco em tudo o que são estratégias de promoção da leitura para adultos, sendo que se tem dedicado nos últimos anos à leitura infantil. As nossas estratégias de promoção são extremamente básicas. Não vão muito além da Hora do Conto, mas devo dizer que a generalidade das bibliotecas não tem uma oferta forte a nível de promoção da leitura para público de uma faixa etária um bocadinho mais elevada. Claro que depois também nos é, de alguma forma, facilitada esta oferta, no sentido em que, enquanto espaço, podemos ser facilitadores da realização de atividades por entidades externas que nos solicitem o espaço. As coisas vão acontecendo: cursos livres, conferências. Agora, há muita coisa que pode ser feita. Neste momento, nós não oferecemos clubes da leitura, por exemplo. De resto, importa também dizer que a maior parte das atividades que nós fazemos a nível da promoção da leitura são feitas com

recursos internos, quer materiais quer humanos, e que às vezes as competências reunidas não são as ideais. Os orçamentos para a aquisição extraordinária de materiais, por exemplo, não facilitam, de forma alguma, atividades de alguma visibilidade, e o recurso a empresas ou *freelancers*, que neste momento oferecem os seus serviços, está completamente fora de questão.

11 – PNL

- Como sabe, a Câmara Municipal de Lisboa assinou um protocolo com o Plano Nacional de Leitura e considero que é uma excelente oportunidade para uma aproximação entre o setor da cultura e o setor da educação, que nem sempre têm colaborado. O PNL poderá ser um passo decisivo para a nossa profissão e confesso que fiquei muito surpreendido com a publicidade às bibliotecas municipais que tem passado na televisão.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Vivo sozinho.

Há um leque de pessoas cuja opinião em relação ao livro eu valorizo, e se me sugerem uma leitura, não faço necessariamente o empréstimo desse livro, mas uma sugestão de leitura por parte de algumas pessoas que já identifiquei como tendo um gosto semelhante, tenho-a em atenção, lá está.

13 – Formação académica

- Sou licenciado em História, fiz a pós-graduação em Ciências da Informação e da Documentação na Universidade Nova de Lisboa, na variante de Bibliotecas, terminei em 2007. No âmbito desse curso, fiz um estágio na Biblioteca Municipal de Alcochete.

Bibliotecário d

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- Bem, a leitura, para mim, será como que um instrumento, uma forma de podermos aceder ao conhecimento e à cultura... e também uma excelente maneira de podermos ter prazer em passar o tempo... passar o tempo e não só, é ocupar os tempos livres mas ao mesmo tempo de forma útil e proveitosa, daí que seja muito importante tentarmos, pelo menos nas pessoas que não sabem o que são hábitos de leitura, que nunca os adquiriram, tentarmos que elas percebam como é importante adquirirem competências de literacia, de conseguir ler com leveza, vamos, com prática. Quanto melhor se dominar os códigos linguísticos, mais facilmente conseguimos perceber a ideia daquilo que nos está a ser transmitido, daí que seja muito importante o papel das bibliotecas.

Eu gosto muito de ler. De facto, não foi uma coisa que tivesse sido desde pequenina. Não foi logo em criança, até porque as primeiras experiências com a leitura não foram fáceis, atendendo a que... em casa, era simpático, porque a família ajudava a ler, mas quando fui à biblioteca escolar, e isso aconteceu no liceu, foi um bocadinho complicado, porque eu tinha alguns títulos que me tinham sugerido para a leitura e a articulação com a senhora que estava no atendimento não era fácil. Ela queria facilitar a tarefa dela e dava-nos os livros que estavam mais acessíveis cá em baixo. Nós queríamos um que estava no alto da estante e era mais complicado.

2 – Tipos de leitura

- Eu procuro ser uma pessoa atualizada. Não só na minha área, mas também porque sinto essa necessidade, como ser humano, como pessoa, e como parte do mundo em que nós vivemos, embora a minha atividade se desenrole na biblioteca, portanto, não tenho outra área de intervenção que não a biblioteca e o fazer chegar o conhecimento a quem queira. Preciso de ler para me sentir bem, portanto, de manhã, sempre que posso, leio um pouco o jornal. Tento comprar o *Público*, ou, se não compro, vou ao café. Sabe que, estando numa biblioteca, eu não tenho tempo para ler quando venho ao serviço da biblioteca, porque aqui nós, de facto, recebemos algumas publicações, que vão para as carrinhas, porque isto é o serviço de apoio a bibliotecas itinerantes. Então, antes de começar o meu dia, se posso passar pelo café e tenho um bocadinho, tento ver as notícias de manhã. Ao fim de semana, também temos o hábito de comprar um jornal semanário e o *Courrier*. O maior problema é que fica sempre muito para ler, porque das publicações, por exemplo, eu tenho sempre a preocupação em retirar das páginas

literárias alguma coisa que possa interessar à biblioteca e aos leitores, portanto, não diretamente a mim. Relativamente à leitura profissional, essa, portanto, faço-a quer em biblioteca virtual, porque há determinados assuntos que são necessários ao desenvolvimento profissional e nós queremos implementar o serviço, melhorar qualquer aspeto, e depois recorro bastante a publicações que estão *online*, nomeadamente àquilo que a IFLA tem vindo a publicar regularmente, e de acordo com aquilo que pretendo, ou artigos de opinião de colegas que consigo encontrar na Internet. De vez em quando, se necessário, também recorro a um ou outro livro que possa ser útil para a área em que estou ou para o projeto que estou a desenvolver. O que é mais complicado é ter tempo para ler livros que me agradam, por lazer. Mesmo assim, eu tenho essa preocupação de conseguir, não com muita facilidade, é evidente, porque fica sempre muita coisa por ler. O José Rodrigues dos Santos por exemplo, acho que ele escreve muitíssimo bem e é uma pessoa muito completa em termos de escritor, porque talvez a sua experiência como jornalista o faça ter muita maturidade sobre muitos assuntos, e ter uma visão muito completa, que o faz abordar com bastante facilidade e de maneira leve, que é o que se pretende num romance, mas não será uma escrita pela escrita, o romance pelo romance, mas sim também dando algum conhecimento que me agrada muito. Quem diz José Rodrigues dos Santos também diz José Eduardo Agualusa, que também escreve de forma excelente sobre a realidade angolana. Nunca estive em Angola, mas, de facto, é um escritor que eu admiro muito, porque as coisas que já li dele dão uma visão atualizada do que se passa hoje e que nós muitas vezes sabemos pelas notícias, porque vemos o Telejornal; mas que ele escreve de uma maneira leve, irónica e jocosa, por vezes, e, sei lá, criativa, leve ao mesmo tempo, traduz muito conhecimento, conta-me histórias, romances, enfim. Cada personagem é fictícia, mas podia perfeitamente existir. Como lhe digo, fica sempre muito para ler, quer dizer, também pela profissão. Justamente porque tenho participado num prémio, e esse prémio de literatura internacional tem um *site* que também fica alerta para escritores que não conheço, aliás, é essa a intenção do prémio, também, é dar a conhecer literatura de qualidade e escritores que não seriam conhecidos se não houvesse esse projeto, e isso também faz com que leia alguns escritores que poderia não ter pensado ler. Mais tarde até se podem tornar conhecidos, mas o que é certo é que muitas das vezes foi a necessidade

profissional que me fez descobrir escritores que depois, nos meus tempos livres, também acabo por ler e, de facto, são experiências muito interessantes.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Quando é uma obra que sinto que gostaria de ter, quer seja profissional quer seja livro para leitura de lazer, eu adquiero. Se eu sinto que é uma obra que enriquece a minha biblioteca e que, de antemão, eu sinto que vou precisar daquele livro mais vezes ou que me vai dar muito prazer ler a obra... Se para mim é muito importante ler o livro e ficar com o livro, mais tarde pode acontecer. Outras vezes, o que acontece é que não quero gastar dinheiro em mais livros, até porque tenho uma biblioteca razoável, e por isso, tal como as outras pessoas, nós vamos ter que ir fazendo alguma seleção, e muitas vezes já me tem acontecido ler a obra requisitada na biblioteca e depois acabo por comprar o livro, mais tarde, e fica novo na estante. Mas sou muito pela opinião de que se deve requisitar livros nas bibliotecas. À parte de, profissionalmente, ser essa a ideia que passamos às pessoas, eu nunca aceito quando o contacto com um leitor ou utilizador da biblioteca que me diz «ai, não, não», aqueles potenciais utilizadores, aqueles com que nós estamos muitas vezes a tentar meter conversa, a tentar fazer a divulgação do serviço... Tento sempre dizer «com certeza, não ponho em questão que não possa comprar livros, mas tente compreender a ideia de utilizar a biblioteca», justamente porque nas bibliotecas nós descobrimos sempre outras coisas, tal como acontece quando nos dirigimos a uma livraria.

4 – Locais para a prática da leitura

- Eu gosto muito de ler sentada, mas já tenho experimentado ler na cama. Preciso que a temperatura esteja boa e não posso estar muito cansada, para não ter a tentação de adormecer. Por isso, gosto muito de ler em casa, ou no café, na esplanada... Gosto da leitura ao ar livre, acho que é muito relaxante. Não sei se é por nós termos equipamentos de ar livre. Eu já gostava de ler na praia, por isso sou muito apologista do formato tradicional de livro.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Eu não consigo dizer-lhe exatamente quantos títulos leio por ano. Ainda não fiz essa média, porque acaba por ser muito irregular, e há alturas em que leio muito nas férias, portanto, acabo por conseguir pôr em dia a leitura de lazer, mas gosto de ir lendo ao longo do ano, porque nem todas as férias são iguais, é esse o problema. Mas fica um bocado aquém daquilo que eu gostaria...

6 - Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Teve a ver com uma consulta que fiz a uma documentação da IFLA sobre grupos com necessidades especiais. As pessoas que estão nas prisões, os grupos de pessoas mais velhas que estão em lares. Ainda não desistimos de desenvolver projetos com lares, porque poderíamos dar-lhes uma melhor qualidade de vida. Quem diz a lares diz a hospitais. Também temos um projeto com o hospital, mas este tem a ver com as crianças do Hospital de Santa Maria. Não tem a ver com as crianças que se encontram acamadas, mas com os que se dirigem à consulta externa, em que estão com os pais ou outros acompanhantes. É um excelente local para nós tentarmos motivar a leitura. O contar histórias, o conseguir, de algum modo, cativar a família, até mostrando como é que é, é uma oportunidade boa, porque, noutras ocasiões, as bibliotecas fazem muitas atividades com as crianças, mas, na maior parte das vezes, têm dificuldades em que os pais participem, até porque os pais estão a trabalhar, na maioria dos casos, e por isso ali é uma excelente oportunidade, além de que o tempo passa mais depressa...

As Mulheres do Meu Pai, justamente do José Eduardo Agualusa.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Não estou a ler nada, justamente porque estes projetos estão a decorrer, e outros vão acontecer.

De momento, estou a ler uma obra do David-Mourão Ferreira que já devia ter lido há mais tempo, *Gaivotas em Terra*. É uma obra que já tem bastantes anos, mas é uma obra que mereceu um prémio justamente quando saiu, e eu ainda não tinha tido oportunidade de a ler.

8 – Leitura na infância

Respondido em 1.

9 – Ser bibliotecário na RMBL

- É uma profissão que eu considero aliciante e julgo que, apesar de ser bibliotecária há muitos anos na Rede de Bibliotecas Públicas de Lisboa, há sempre muito trabalho a fazer. Sendo a história das bibliotecas em Lisboa já centenária, sinto que o grande desenvolvimento das bibliotecas se deu nas últimas duas décadas, a partir da década de 90. Tinha já começado nos anos 80, mas a informática veio revolucionar sem dúvida alguma a questão de sermos um catálogo coletivo *online*. De facto, foi excelente podermos ter instrumentos de trabalho que faziam parte do nosso imaginário quando acabámos o curso e entrámos na profissão, e sentimos que as bibliotecas tinham muito para fazer, e realmente há um certo orgulho em poder fazer parte de uma equipa que viveu outras épocas mais difíceis e que com a inovação, com o aperfeiçoamento que foi sendo feito em termos de melhorias, de equipamentos, de aplicação de instrumentos de trabalho e, portanto, da informática à documentação... e continuo a achar que as coisas não estão feitas, portanto, há uma evolução grande, e nós que estamos nesta perseguição temos passos qualitativos a dar e uma aprendizagem constante. No fundo, é isso que é ser bibliotecário hoje.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Neste setor, nós temos tido alguma dificuldade em desenvolver projetos, apenas porque o serviço foi reestruturado, ou está ainda a ser reestruturado, há menos tempo do que as outras bibliotecas e, por isso, a promoção da leitura nem sempre consegue ser uma prioridade, dados os recursos humanos que temos. Contudo, penso que é possível participarmos nos projetos coletivos que estão lançados para a rede e que procuramos pôr em prática. O Plano Nacional de Leitura é realmente uma prioridade... Especificamente, nós temos tido um equipamento de ar livre no Jardim da Estrela, um quiosque de leitura que é uma biblioteca de jardim desde 1937, o que significa que temos também tentado, para além de termos publicações, livros, fazer qualquer coisa com aquele público. E, muitas vezes, há alguns projetos que fazemos sozinhos, nomeadamente pesquisas sobre assuntos que achamos que podem ter interesse para o nosso leitor na biblioteca de jardim, e fazemos uma pequena exposição em painel sobre

as plantas do jardim, sobre as flores, sobre as árvores, uma coisa um pouquinho diferente do que a rede manda.

11 – PNL

- Olhe, eu ainda vou refletir sobre esse assunto, mas julgo que é uma iniciativa excelente. Não é uma coisa original em Portugal, porque já se tinha ouvido falar da sua existência noutros países. De facto, autarquias e escolas devem ser parceiras, e isso é uma forma de aproveitar os recursos existentes e de irmos ao encontro das necessidades das crianças que estão na idade de aprender a ler, ou não, depende do estágio, não é? Portanto, desenvolver competências de leitura nos vários grupos etários é o mesmo que nós trabalhamos nas bibliotecas nacionais, o objetivo é comum.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- O agregado familiar é reduzido, porque somos duas pessoas, só, o que significa que estamos disponíveis para saber o que se passa à nossa volta. Relativamente aos artigos que lemos, às notícias nos jornais, muitas vezes comentamos em casa, e as preferências literárias de cada um de nós às vezes são diferentes, o que é salutar, porque traz, a nível da informação, um contributo que pode ser até uma boa motivação para outras leituras.

13 – Formação académica

- A minha área de formação é Germânicas, Inglês/Alemão, e depois fiz o curso de Bibliotecária/Arquivista

Bibliotecário e

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- O que é que significa a leitura? A leitura é um meio de cultura, um meio de lazer, é um meio de fazer informação, de processar informação, para atingir o conhecimento. Nós podemos fazer diversos tipos de leitura: uma leitura basicamente para nos divertirmos, para lazer, ou simplesmente a nível técnico, relacionado com a nossa profissão.

Eu gosto de tudo, sobretudo de leitura de desporto. Adoro literatura de desporto. Não quer dizer que o que eu gosto mais seja aquilo que eu leio mais, não é? Também gosto muito de literatura de viagens, histórica... Gosto de tudo, leio um pouco de tudo... Gosto de literatura clássica também.

2 – Tipos de leitura

- Aquilo que eu leio mais é com fins técnicos, a nível profissional. Há três tipos de leitura: há passiva, reativa e proactiva. A passiva é a leitura de ficção, por lazer. A reativa surge associada à elaboração de projetos. Se vejo que vai surgir um projeto num determinado sentido, então vou à Internet, à Amazon, vejo o que é que há sobre aquele tipo de literatura, aquele tipo de documentos, e depois ou tiro fotocópia, ou imprimo, ou até encomendo. Finalmente, há a vertente proactiva: «gosto disso e vou ler», ou «daqui a um ano vou ter que fazer isto, vou começar a ler». O que eu leio mais a nível técnico tem um pouco a ver com os projetos em que estou envolvido. Ou então, a nível pessoal, porque gosto mais, porque tenho uma certa relação com as novas tecnologias, contacto com catálogos *online*, e por aí fora.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Eu nunca tive assim um grande hábito de comprar livros. Nesse aspeto, não fui muito privilegiado, sempre estive associado às bibliotecas, desde os meus 10 anos. Sempre que precisava de um livro, raramente comprava: ou ia à biblioteca, ou então conseguia o livro porque me emprestavam ou alguma coisa do género.

4 – Locais para a prática da leitura

- Em casa e aqui.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Eu leio com frequência textos, sobretudo textos a nível da profissão... Isso leio com frequência. Não consigo dizer com que frequência vou, por exemplo, à Internet. Se sai um novo artigo, leio. Vou também muitas vezes ao *site* da IFLA ver o que há sobre as linhas de orientação sobre um determinado assunto, e ou leio diretamente do computador, ou imprimo e levo para casa; às vezes faço resumos.

6 - Últimas leituras para fins profissionais ou de lazer

- *O Codex*. Para o trabalho não me recordo.

7 – Atuais leituras para fins profissionais ou de lazer

- De momento, estou a ler um artigo sobre as cores associadas à CDU e estou também a ler sobre o depósito, como é que os depósitos a nível internacional são organizados, por exemplo, e também tenho lido muita coisa sobre gestão.

Não, não estou a ler nada.

8 – Leitura na infância

- Lia banda desenhada, gostava muito dos super-heróis... Gostava dos Estrunfes, Lucky Luke, o Zorro, o Super-Homem, os heróis da banda desenhada, gostava de ler aquilo tudo. Lia também muitos jornais. Aliás, o meu gosto por jornais começou por jornais de desporto, *Record*, *A Bola*, por aí fora. Às vezes tenho o hábito, não digo que faça isso todos os dias, mas de manhã vejo os jornais. Vejo os nossos, às vezes passo pelos franceses, ingleses, americanos, e fico por aí. Não é todos os dias, mas faço questão de fazer com frequência. Voltando outra vez à parte da infância, comecei pela parte da banda desenhada, lembro-me do primeiro livro assim maçudo, sem qualquer tipo de quadradinhos, que foi o Tom Sawyer. Gostava muito daquele tipo de livros de pessoas rebeldes.

9 – Ser bibliotecário na rede

- Ser bibliotecário na rede é um desafio, sobretudo é um desafio. E depois, para além do desafio, é contribuir de certa forma para que a rede se altere na sua filosofia facilmente. Sobretudo, essas são as chaves que temos que gerir ou com que temos de lidar. Como é que nós podemos fazer isso? Com uma série de documentação de serviço, num centro de informação. Um bibliotecário na rede não tem que estar parado, não tem que ter uma atitude passiva. Sobretudo, um bibliotecário na rede tem que ser uma pessoa proactiva. Isto porque eu acho que a nossa rede é das coisas mais antigas que existem em Portugal, é uma coisa que já existe desde 1800, século XIX, portanto, se formos por este critério, temos muitos e muitos anos, a nossa responsabilidade é maior. Logicamente que isso

tem interesse e outro tipo de desafios, logo, a pessoa tem muito mais vícios, e se tem mais vícios é mais complicado gerir os vícios. Ao contrário das redes, outras bibliotecas que surgiram há menos tempo podem construir uma equipa adequada às necessidades, e aqui não. Aqui há desafios em relação a tudo, porque está erguido há muitos anos, e depois é aplicar um bocado os conceitos de Biblioteconomia associado aos recursos existentes e àquilo que queremos fazer. Às vezes o principal problema é encontrar o equilíbrio para isso, porque não podemos, desde logo, fazer tudo o que queríamos e gostaríamos, e quando estamos a tirar o curso, é do género «ai não, isto se fosse numa biblioteca fazia isto assim e assim», mas as coisas não são bem assim, e pronto, a nível da rede é um desafio.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Nós aqui, a nível da promoção da leitura, associamos sempre com a coleção. Sobretudo, o ponto geral é associar o tipo de atividade à coleção. A nível da promoção da leitura, eu acho que estamos a iniciar um processo, ou seja, a nível de Lisboa, na minha opinião, não existe uma grande cultura na promoção da leitura. O que acontecia até aqui era basicamente trabalhar para escolas, mas o público, famílias, eram completamente esquecidos. Pronto, houve uma exceção, a partir de 2003 houve uma viragem nesse sentido para as famílias. Neste momento, nós estamos a iniciar um bocado, a tentar apalpar o terreno, ou seja, ver o que as pessoas gostam e o que não gostam, analisar um bocado o perfil das pessoas que vêm à biblioteca, e também aqui do meio envolvente. Acaba por ser um ponto negativo a nível da promoção da leitura, aqui nesta biblioteca. Temos tido alguns cursos de literatura. Começámos por ver como reagiam as pessoas e reagiram muito bem, no espaço de menos de um dia preenchemos cerca de 30 vagas, depois começámos por tentar fazer uma comunidade de leitores, coisa que não tem acontecido com frequência, isso a nível de promoção de adultos. Depois a nível de promoção infantil, pronto, continuamos a trabalhar para escolas, começámos a ter umas ideias a nível de criar dias específicos para as famílias, para essas pessoas perceberem como é o dia na Biblioteca Central, temos projetos nesse sentido, e fazemos questão de associar sempre à coleção.

11 – PNL

- A rede é parceira há pouco tempo. A minha opinião sobre isso é favorável, logicamente, porque acho que realmente a autarquia de Lisboa tem que funcionar quer a nível de promoção quer ao nível das escolas. Acho que as bibliotecas não devem parar por aí, pelo PNL, porque usam os seus esforços só no sentido das escolas. Ou seja, a autarquia de Lisboa faz o protocolo do PNL, mas não volta o seu negócio somente para escolas, porque nós temos que ver também as bibliotecas públicas, não só as bibliotecas escolares, e isso poderá ser negativo se não houver uma estratégia nesse sentido. Estabelecer parcerias, abrir horizontes permite-nos destacar mais uma vez a coleção, e até aqui não tínhamos possibilidade para isso, ou seja, há uma série de vantagens que podemos usufruir.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Eu vivo em união de facto, mas muitas vezes falamos de livros, porque a minha companheira também é bibliotecária. Falamos mais de livros técnicos porque ela também dá formação. Muitas vezes discutimos os livros que ambos estamos a ler, fazemos comentários como «já viste isto, isto e isto, e isto é importante para isto, e podias fazer isto». Não dizemos «olha, lê isto», mas trocamos ideias. Por exemplo, se aparece um artigo ou um livro que ela sabe que me pode interessar, envia-me o *link*, e vice-versa.

13 – Formação académica

- História, depois tirei a pós-graduação em bibliotecas, fiz a tese de mestrado em bibliotecas digitais, mas entrei noutro curso, tenho a tese feita mas não está entregue.

Bibliotecário f

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- Acho que é fundamental para o desenvolvimento integral de cada pessoa fazer leituras de qualquer tipo. Depende um bocadinho, talvez, dos gostos pessoais de cada um. Para mim é muito importante porque quanto mais se lê, mais se desenvolvem os raciocínios,

e a escrita, e isso é fundamental. Acho que é quase impossível passar sem ler. Há épocas na nossa vida em que temos mais hábitos de leitura, mais necessidade de «devorar» as coisas. Depois, há outras alturas em que as coisas começam a ser assim mais ponderadas. Tem a ver um bocadinho com o tempo que cada um de nós dispõe, com os hábitos. Tenho de dizer uma coisa que é horrível, mas a partir do momento em que comecei a trabalhar nas bibliotecas passei a ler menos, e quando digo isto a alguém, as pessoas ficam um bocado admiradas: «Como é que é possível estares a trabalhar numa biblioteca e ser assim?» Mas o nosso trabalho na biblioteca não é propriamente conhecer a obra toda, mas sim poder mostrar essa informação aos leitores, então os livros técnicos passam à frente. Penso que, sem a leitura, é impossível ter o mínimo de cultura geral. Gosto imenso de ler, mas não me serve qualquer coisa. Já cheguei a pegar num livro, achar que aquilo é muito interessante e depois não consigo continuar. Tenho outro hábito que é horrível: quando estou cansada, se acho que o livro vale a pena, vou passando, lendo na diagonal, leio os capítulos da frente, e depois volto atrás, é mesmo leitura na diagonal.

2 – Tipos de leitura

- Gosto mais do livro, porque acho que o gosto de folhear, o cheiro, e a possibilidade de me sentar aqui ou acolí torna-o muito mais interessante; ler um livro na praia ou no jardim é espetacular. Gosto do ambiente digital, porque acedemos com muita facilidade e podemos «viajar» dentro do próprio documento, e acho que é muito importante. Pode fazer-se o *download*, pode ficar gravado no computador, embora eu seja um pouco avessa a ler no computador, só aquilo que é mesmo importante; tenho tendência para imprimir, mesmo que saiba que se pode sublinhar, prefiro imprimir, pegar no papel, escrever as notinhas de lado, porque, quando se trata de documentos para o trabalho, estas são fundamentais para ter a perceção daquilo que li. Se é um documento de lazer, claro que prefiro o livro, em papel. Já experimentei o audiolivro, mas não acho piada nenhuma, porque normalmente tudo me soa um bocadinho a teatro, e eu não sou muito apreciadora de teatro, por isso acho que não é assim o melhor, mas o futuro são os *e-books* e os audiolivros, sem dúvida nenhuma. Acho que as bibliotecas digitais vão ser o futuro.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Eu costumo requisitar. Houve uma altura em que adquiria, mas agora estou numa fase de empréstimos através das várias bibliotecas. Quanto aos documentos digitais, é em casa, porque gosto de alguma calma, a não ser que seja uma coisa muito importante. Gosto imenso de ler em casa. Quando estou com espírito para ler, leio em casa.

4 – Locais para a prática da leitura

Respondido em 3.

5 – Disponibilidade para a leitura, frequência e quantidade

- Eu tenho hábitos de leitura. Por norma, todos os dias leio alguma coisa, pelo menos meia hora. Às vezes tenho é muitas leituras prolongadas, porque meia hora é muito pouco tempo para ler. Se o livro me interessa mesmo muito, sou capaz de o ler num dia, mas tem que me interessar muito, de outra forma não. Quando são documentos técnicos, aí é preciso gerir muito bem o tempo, e às vezes leio durante um período mais prolongado, porque é obrigatório.

6 – Últimas leituras para fins profissionais ou de lazer

- Li qualquer coisa sobre gestão da qualidade, agora não posso precisar, mas não li um livro completo, li vários artigos sobre o tema.

Li um romance de literatura de cordel, se calhar, porque andava muito cansada... não me lembro do título, mas descontraíu-me imenso, li-o numa tarde. Depois percebi que na biblioteca tem tido muita saída, porque é uma coisa muito *soft* («abraça-me» qualquer coisa, é assim uma coisa... Isabel Wolff).

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Atualmente, não estou a ler nada para fins profissionais.

Tenho uma coisa engraçada para ler, uma brincadeira: um livro de receitas de um senhor que apresenta um programa de televisão, acho-lhe piada.

8 – Leitura na infância

- Eu sou de uma aldeia do Norte do país onde as únicas bibliotecas que tínhamos eram as itinerantes da Gulbenkian, que iam de 8 em 8 dias, ou de 15 em 15 dias. De qualquer das formas, eu penso que na Escola Primária transmitiam-nos o gosto pela leitura, e os livros passavam de mão em mão, tínhamos x tempo para os ler. Há uma coleção que li em miúda que me marcou muito, que era do Rui Romano, não me lembro dos títulos. Sei que devorava! Os meus pais mandavam-me apagar a luz e eu apagava, claro, e quando percebia que estavam a dormir, acendia a luz e ficava até às quinhentas a ler aquilo tudo! Lia imensa banda desenhada que os meus irmãos escondiam debaixo dos colchões. Levantávamos os livros na biblioteca, cada um requisitava o livro que queria. Depois houve uma altura em que a biblioteca deixou de ir, e houve uma quebra muito grande na leitura.

9 – Ser bibliotecário na rede

- Acho que é um trabalho aliciante. Para mim é muito aliciante, eu gosto imenso, gosto mesmo muito. E gosto do trabalho de referência, o serviço de referência, porque gosto muito de relações humanas, e o facto de poder contactar com pessoas completamente diferentes, com gostos completamente diferentes, com interesses completamente diferentes enriquece-me. É fundamental criar necessidades no próprio utilizador, de acordo com o utilizador, e tentar não impingir. Eu tenho muita dificuldade quando alguém me diz «sugira-me um livro». Não sugiro nenhum livro a ninguém, porque o que para mim pode ser espetacular pode não valer literalmente nada. Acho que a rede está a começar a funcionar como rede, e acho que é muito importante o intercâmbio, e gosto imenso. Eu era de Ação Social e depois vim para a biblioteca. Foi uma passagem um bocado brusca, mas como gosto muito de relações humanas, acho que isso ultrapassa tudo.

10 – Promoção da leitura em contexto laboral

- Como sabe, nós na rede temos a promoção da leitura mais ou menos organizada. Cá na biblioteca, temos uns colegas que são técnicos profissionais e que têm as competências para essa promoção da leitura, e normalmente faz-se ou através do conto, *ateliers* ou mostras bibliográficas. Neste momento, na biblioteca, estamos com poucos leitores, as colegas devem ter dito isso, que o número de leitores tem diminuído, a não ser a

Biblioteca Central, que têm cada vez mais, a Orlando Ribeiro também tem muito boas instalações, o que chama as pessoas. Eles também têm um público ligeiramente diferenciado, a biblioteca está inserida num ambiente de classe média-alta e, à partida, os hábitos de leitura são diferentes. Neste momento, cá na biblioteca, estamos a tentar apostar em mostras bibliográficas. Vamos vendo mais ou menos os assuntos. Estamos a tentar fazer uma sobre o tema das viagens, países, roteiros, para incentivar um bocadinho a leitura sobre destinos de férias, mesmo que as pessoas não os possam fazer. Temos outra mais ou menos programada, que vamos fazer em agosto, sobre o gosto dos leitores, sobre os livros que marcaram os próprios leitores. Às vezes também temos encontros com escritores na parte infantojuvenil. Tivemos a Matilde Rosa Araújo, que foi uma coisa deliciosa. Como nós não temos muito espaço, acabamos por ficar um bocadinho limitados aqui à biblioteca e pouco mais, não temos espaço de manobra para mais nada, para conferências ou outra coisa qualquer.

11 – PNL

- Eu acho que é fundamental, não é? E o facto de ter começado esta implementação na rede escolar é muito importante, porque é na escola que os meninos começam a aprender a ter o gosto pela leitura. Vou dizer uma coisa que é muito triste: com certeza que já ouviu dizer que os meninos quando se portam mal vão para a biblioteca. A biblioteca é vista assim com um papão lá do sítio, e quem se porta mal vai para lá. Eu penso que está a mudar um bocadinho. Eu não critico os professores. É verdade que os professores têm muito trabalho para fazer, e terem mais atividades extra é capaz de ser um bocadinho complicado, e às vezes, também, as bibliotecas escolares têm um número muito restrito de documentos, daí que talvez não seja o mais apetecível para os professores, que também têm de cumprir o programa e ficam com pouco tempo para ir à biblioteca. Agora, penso que também tem a ver com as iniciativas que a própria biblioteca escolar tem. Uma lacuna muito grande que há nas bibliotecas escolares deve-se ao facto de estas não terem bibliotecários nem técnicos profissionais. Penso que o PNL vem colmatar algumas dessas necessidades, ao levar um número cada vez maior de autores e também de documentos para as próprias bibliotecas, e isso é fundamental. É importante que alguém da área, com formação em Biblioteconomia, vá para a biblioteca, porque ninguém faz omeleta sem ovos, não é? Os professores aprendem a

fazer catalogações, indexações ou outra coisa qualquer, tudo bem, agora dinamizar...É preciso um técnico profissional ou bibliotecários, e há tantos bibliotecários no desemprego, podia ser algo a valorizar... E dar algum incentivo às próprias bibliotecas escolares. Penso que o PNL está a ter um bom trabalho.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Eu sou solteira, por isso vivo sozinha, mas tenho sobrinhos, e então, por sorte, os meus sobrinhos gostam muito de ler, gostam imenso de ler, e sempre que é possível, ultimamente nas prendas de Natal e de aniversário, querem sempre livros, são os livros que surgem como presentes. E também para os restantes familiares, preocupo-me.

13 – Formação académica

- Sou de Geografia Física, imagina? E fiz a pós-graduação em Bibliotecas, Documentação e Arquivos.

Bibliotecário g

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- É um espaço para poder viajar, distrair-me, aprender, relaxar. É muito importante, se não tiver assim meia dúzia de livros na minha mesa de cabeceira não vivo. Gosto de ler, mas não que me pressionem para ler. Se acho aquilo uma chatice, não leio. Ler, para mim, é ter prazer. Se não me dá prazer, não leio.

2 – Tipos de leitura

- Para fins profissionais não faço muita leitura, porque cá não há livros. Há livros em Espanha, no Brasil, e quando vou de férias compro, mas vejo muitas coisas na Internet. Vejo quase todos os dias algumas coisas, aprendi muita coisa a brincar na Internet há 20 anos, quando quase ninguém andava, e andávamos nós na Universidade do Minho, portanto apanhei o comboio antes deles e aprendi já muita coisa. E depois, em lazer,

adoro romances históricos. Ontem passei ali na livraria, estava fechada, mas o livro tinha saído, era *A Rainha da Moda*, que é sobre os filhos da Maria Antonieta, e eu tenho um fetiche sobre a Revolução Francesa e a Maria Antonieta, e agora estou mortinha para ir ao *Shopping* daqui a bocado e comprar o livro.

3 – Locais de acesso aos documentos

Antes não comprava. Quando tinha dinheiro, primeiro comprava os livros que eu podia ler... O bibliotecário tinha de comprar para todos, mas primeiro comprava para mim. Fico eu com a maior parte, não é, e só depois fazia o papel de bibliotecária. Então vivia aqui ao pé da biblioteca, que achava ótimo, podia ler os livros que quisesse, e não tinha que os ter em casa, porque detesto ter livros em casa.

4 – Locais para a prática da leitura

- Na praia, na esplanada, em casa, e tenho que estar sozinha.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Sou capaz de, por semana, ler não sei quantos livros, e leio mesmo. Gostava tanto de poder tirar um dia para estar em casa a ler, e sou capaz de ler não sei quantos livros a seguir, e compro um e compro outro, e depois durante um mês ou dois não me apetece ler nada, nem me venham cá com livro nenhum.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Li uma sobre a gestão da coleção, sobre as diferentes políticas da base de livros.

Por lazer, li um livro que se chama *A Ferver*. É sobre um cozinheiro que cozinha muito bem, que toda a gente lhe chaga a cabeça para cozinhar para os amigos, e ele tristíssimo porque ninguém cozinha para ele, porque toda a gente tem medo. É um livro muito giro, está muito bem escrito e traduzido.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Vou comprar *A Rainha da Moda* e o segundo volume d'*Os Pilares da Terra*. Para fins profissionais não me apetece.

8 – Leitura na infância

- Lia imenso. Tinha conta na livraria Barata e ia lá buscar os livros que queria, e depois passava lá para pagar.

9 – Ser bibliotecário na rede

- Não sei. Deve ser horrível ser bibliotecária. No meu tempo, arranjar emprego toda a gente arranjava, pode ser a coisa mais fascinante do mundo se a pessoa ficar, e aí pode-se fazer tudo. Eles entram velhos e saem novos... É fascinante se se gosta, deve ser um pesadelo quando não se gosta. E dá para tudo. Se for bibliotecário você pode fazer tudo o que quiser, desde concursos de culinária, que já fizemos na altura das castanhas; pôr os velhotes a aprender via Internet... e ficam a saber tanto de Internet como nós.

10 – Formas de promoção da leitura

- Temos as normais, mas há quase oito anos que a Câmara não compra livros, e ninguém vem, hoje em dia, a uma biblioteca ler Camilo Castelo Branco. Antes, o livro saía num dia, eu saía de casa, passava pela Barata, chegava cá e catalogava, e o livro era exposto; as pessoas vinham cá. Bastava à noite falarem no lançamento de um livro na televisão. Agora não compram nada, as coisas vêm do depósito legal, ou por causa da tal rede, é catalogada em rede, e então os livros demoram muito tempo a cá chegar. Depois estão ali, a fazer de *bibelot*, porque ninguém os lê. As pessoas querem o último livro do Miguel Sousa Tavares e não o antepenúltimo, querem o não-sei-quê, não vêm cá para ler o Eça de Queiroz nem coisa nenhuma.

11 – PNL

- Quem não tem dinheiro, não tem vícios. As nossas bibliotecas são 18, e eu acho que eles tinham que ter uma atitude política, que era, de 18, passar para 6, e fechavam as outras. Andam a brincar às bibliotecas...

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Eu tenho dois filhos. A minha filha, quando era miúda, com 16 ou 17 anos, já tinha lido quase a biblioteca toda, na parte infantojuvenil. Eu perguntava-lhe «Já leste não-

sei-quê?», «Já!», «Então, mas aquilo é de quê?», e ela respondia, e hoje continua a ler. O meu filho também acabou o curso, e não leu um livro na vida. Eu uma vez, em causa de desespero, comprei-lhe em banda desenhada a vida do Eusébio, que ele só gosta de futebol e andar de prancha, na água ou na neve, e ele nem a vida do Eusébio leu, portanto nunca leu um livro na vida.

13 – Área de Formação

- Fiz Antropologia, depois fiz Ciências Político-Sociais. Mais tarde, tirei o curso de bibliotecas.

Bibliotecário h

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- Como a Rita sabe, os hábitos de leitura criam-se quando somos pequenos. Por acaso, tive sorte porque, na altura, quando eu era criança, havia muito pouca literatura infantojuvenil, e quando acabei de ler esse tipo de livros, passei a ler os livros dos meus pais, que tinham uma biblioteca bastante boa. Também havia um ambiente familiar que o proporcionava.

Gosto, sobretudo, de ficção, leio alguma poesia e também leio alguns ensaios. Quanto ao significado, a leitura tem muitos significados. Também leio jornais, claro, mas cada vez leio menos jornais e leio mais *blogs*, porque, tirando o *Público*, não há mais nenhum jornal que me agrade, e cada vez vejo mais o *Público online*, só compro à sexta-feira por causa do «Ípsilon». Leio muitos *blogs* porque há *blogs* muito interessantes, bons, e acho que é um espaço mais livre de opinião, sem aquelas regras e espartilhos da própria imprensa. Leio alguns *blogs* da nossa área, há alguns muito bons de colegas nossos bibliotecários que dão muitas pistas para se encontrar mais informação, quer na área da promoção da leitura, que é o que me interessa, quer na área das tecnologias. Estou cada vez mais exigente em relação às minhas leituras, o que acontece em relação aos outros hábitos culturais. Procuro ler o que há de melhor, mas às vezes também me dececiono. Leio, sobretudo, por prazer, mesmos os ensaios.

A leitura é um hábito fundamental porque é uma técnica que tem de se adquirir, e o problema dos miúdos de hoje em dia é que a escola não promove muito essa competência, infelizmente, porque os miúdos têm matérias a mais, e funciona pessimamente. Sou mãe e tenho essa perspetiva, daí a razão do Plano Nacional de Leitura. A leitura tem de ser um hábito e permite, sobretudo, a interpretação, e quem interpreta pode criar a sua própria visão do mundo, ter mais conhecimentos e criar massa crítica. A leitura, hoje em dia, é um conceito muito vasto.

O meu filho mais velho só lê o *Record*, tem 16 anos, não é leitor, e a minha filha mais nova, que tem 10, começou a ler a sério aos 8. Agora começa a ter outros interesses. Os objetivos são vastos e têm a ver, sobretudo, com a capacidade de ler o mundo.

2 – Tipos de Leitura

Respondido em 1

3 – Locais de acesso aos documentos

- Os *blogs* e alguns *sites*, porque são essenciais, sobretudo do ponto de vista profissional, a informação diária, mas também em termos do gosto pela opinião e reflexão dos outros. Como sou de uma geração em que não havia a prática da biblioteca, as bibliotecas das escolas em que andei estavam fechadas, embora tenha tido uma professora de Português no segundo ciclo do Ensino Básico que fazia uma troca de livros entre os alunos; era uma promotora da leitura. Tenho muito o hábito de comprar em livrarias, quando posso, mas também requesito na RMBL.

4 – Locais para a prática da leitura

- Na cama. Tenho a minha vida de trabalho, os miúdos, e tenho o hábito de ler sempre à noite. No sofá, às vezes, também. Nas férias, leio em todo o lado. Se estiver a ler um livro de que goste muito, também leio nos transportes públicos.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Leio diariamente *blogs* e o *Público online*. No mês de agosto posso ler quatro ou cinco livros e nos outros meses 1. Devo ler entre 15 e 20 livros por ano.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- O último livro que li foi do Pepetela, *Jaime Bunda*. Para fins profissionais, li noutro dia um documento que um colega bibliotecário me enviou, publicado pelo Ministério da Educação, um Manual em pdf para os professores sobre a utilização das ferramentas *Web 2.0* em sala de aula.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Agora estou a ler um livro do Pamuk que se chama *O Meu Nome É Vermelho*. De momento, não estou a ler nada para fins profissionais.

8 – Leitura na infância

Respondido em 1

9 – Ser bibliotecário na rede

- A vantagem de trabalhar num serviço como este é a diversidade. O interessante da rede são os projetos transversais, como é o caso da promoção da leitura, trabalhamos em rede. Também estou a coordenar o protocolo com o PNL, que me interessa bastante, que me proporcionou trabalhar pela primeira vez com o Departamento de Educação.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Promovemos a leitura sempre no contexto da educação pela arte, que agora se chama pomposamente literacia artística. Trabalhamos o texto sempre na perspetiva da ilustração ou da banda desenhada. Temos exposições, em que os miúdos depois fazem exercícios de acordo com as diferentes faixas etárias com base na exposição. As horas do conto também acabam por ter sempre uma parte de ilustração.

11 – PNL

- Eu tenho uma boa opinião acerca do Plano. Nós não inventámos a roda. Se os ingleses têm os níveis de leitura e de literacia que têm e têm um PNL, se os americanos o têm, se países nórdicos o têm, há necessidade de haver da parte do Estado uma série de programas que permitam elevar os níveis de literacia. A vantagem do Plano neste momento é ter uma intervenção na escola bastante grande, porque os primeiros cinco

anos, para além de outros projetos em simultâneo, incidem na leitura orientada na sala de aula. O mais importante que o Plano tem é levar a leitura à escola. Está baseado em bons modelos, como os anglo-saxónicos.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Vivo com os meus dois filhos, como lhe disse, uma rapariga com 10 e um rapaz com 16. É claro que a casa está cheia de livros, mas o meu filho não lê. Quando era pequeno lia. Não se pode obrigar. Nós comprávamos-lhe vários tipos de livros, ele está numa escola com uma boa biblioteca, mas não lê. Mas embora não leia, interessa-se pelo que acontece à volta dele, acompanha a política e faz perguntas. Ela interessa-se mais pela leitura e lê, lê livros com muitas páginas [risos].

13 – Formação Académica

- Sou licenciada em História e fiz a pós-graduação em Ciências Documentais.

Bibliotecário i

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- Há leituras que são... toda a leitura é formativa, não é? Mas umas mais direcionadas para áreas que estamos a trabalhar de momento, que nos importam a nível de formação académica, profissional, o que seja, e há uma leitura pessoal. Recreativa, não percebo muito bem o conceito. Não é para passar o tempo, não é? Mas pronto, é porque sim, porque tem que ser, porque faz parte dos hábitos diários, como comer, embora não direcionada para um fim específico.

2 – Tipos de leitura

- É por lazer, obviamente, mas há sempre qualquer coisa de formativo. Sobretudo, suporte de papel: jornal, revista e livros.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Eu sou frequentador de livrarias, alfarrabistas... Embora trabalhe na área, sou muito pouco frequentador de bibliotecas, só quando tive... Uma parte da minha vida profissional foi delegada à investigação histórica, aí tinha mesmo que ser, mas de resto é por aquisição.

4 – Locais para a prática da leitura

- O livro, sobretudo em casa, preciso de um certo silêncio, de uma certa capacidade de concentração. Depois, jornais, revistas, leio em qualquer sítio: na praia, transporte público, o que seja. Livros, alguns também, mas sobretudo em casa.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Como não o faço para passar tempo, não tenho noção. Leio todos os dias, tenho sempre um ou dois, ou três ou quatro, também depende das leituras que tenho. Se for qualquer coisa da área profissional em que, de momento, tenha que dar mais atenção ao assunto, carrego mais nesse setor, senão, vou ao sabor das leituras, mas todos os dias, quando chego a casa, depois do jantar.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Eu leio pouco para fins profissionais. Sou formado em História, depois tenho pós-graduação em Ciências Documentais. Para fins profissionais, é mais na área da História. De maneira que a última coisa que fiz, as últimas leituras que tive assim, nesse sentido mais profissional, foi em relação... Temos aqui uma exposição relativa a 1908, e foi recordar algumas coisas, fui ler outras, pronto, para estar mais atualizado, e as coisas estarem mais vivas em relação a 1908, para poder acompanhar aqui a exposição. Foi na semana passada, esta semana.

Olhe, acabei ontem ou anteontem o... o que saiu agora, mais recente, do Alexandre O'Neill, *Já Não Está Cá Quem Falou*, um conjunto de crónicas. Publicação póstuma, obviamente, e organização póstuma de um conjunto de crónicas. Acabei recentemente uma coisa do Ruy Castro sobre *jazz* e música ligeira no século XX, estas são assim as mais recentes.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Tenho várias leituras em mãos. Tenho em mãos, vou lendo, vou largando, e depois vou pegando outra vez, *Século Passado*, do Jorge Silva Melo. Estou em leituras que comprei há dois ou três dias, o novo livro de entrevistas do Lobo Antunes, e vou lendo, vou passando aqui e ali, quando me lembro leio um bocadinho, depois ponho de lado, e depois leio outra vez. Anda na pasta uma revista com poesia dedicada ao Jorge de Sena, e sempre que posso leio um bocadinho.

8 – Leitura na infância

- Lembro-lhe que, pela minha idade, pertenço à última geração cuja infância decorreu em ambiente completamente desprovido de recursos digitais: os primeiros computadores pessoais, os ZX Spectrum 48K, apareceram por volta dos meus 12 ou 13 anos, não havia filmes em DVD (o vídeo também não era comum), a televisão emitia menos horas, eram só dois canais e a programação infantil era mais compactada. A infância era completamente analógica! Ou seja, havia talvez menos dispersão, e o objeto livro estava a par dos outros objetos-brinquedo. Tudo era tátil e o livro, obviamente ilustrado, era mais um dos brinquedos. Por isso, a minha memória é anterior à leitura, quando ainda não sabia ler e inventava histórias a partir das imagens (ilustração ou BD) que via nos livros. Quando aprendi a ler devorei os tradicionais clássicos infantis (Anderson e Grimm, sobretudo) mas, especialmente, aqueles títulos de «O Porquê das Coisas» ou uma coleção que havia em fascículos dedicados à História, à Geografia, à Física (elementar, claro) e a outros ramos do conhecimento. Esses foram os primeiros, a que se seguiram as aventuras: muito Salgari, muito Júlio Verne. Depois, no final da infância, como a maior parte da minha geração, devorei a coleção de *Os Cinco* (quando passei a ler dois por dia a minha família ficou preocupada com a minha sanidade!). As séries portuguesas da Alice Vieira e da Isabel Alçada são posteriores e já não as apanhei. Com a adolescência vieram leituras mais «sérias» e aquela coisa horrível dos livros que se tentam ler antes de termos idade para os perceber. Bom, no meio disto há um ponto fundamental: a disponibilidade dos pais para oferecerem livros, para acompanharem as leituras, para explicarem. Tudo isto se passava em casa, pois assim como não havia Playstations, também não havia bibliotecas com atividades infantis nem planos nacionais de promoção de leitura.

9 – Ser bibliotecário na rede

- O que eu gostava... aquilo que eu já fiz... aqui há uns tempos atrás, na rede, possibilitava-me fazer referência ao público, e fazer serviço ao público, quer na área especificamente bibliográfica de referência quer na área das tecnologias da informação (quer a nível de formação quer a nível de apoio ao uso de computadores, de ajudar a fazer trabalhos...). Isso, para mim, é a função mais... para já é a que eu mais gosto, e a que me parece mais relevante para o bibliotecário, é poder ser útil diretamente ao público, na necessidade atual do público. Agora já não faço tanto isso, e também penso que não é isso que me pedem. Pedem-me um serviço de atendimento vago, eventualmente com outras funções internas menos diretas com o público, arrumação da biblioteca, organização da biblioteca, essas coisas assim... que eu não prezo tanto, mas pronto.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Eu trabalhei num sítio onde havia essa preocupação clara da promoção à leitura. Era uma biblioteca generalista, público não-especializado, pronto. Aqui, sendo uma biblioteca especializada, com atividades muito voltadas para um determinado fim, a promoção da leitura decorre naturalmente da nossa atividade, mas não é um eixo principal. Não temos uma atividade metodologicamente vocacionada para. Agora decorrem exposições, conferências, tudo isso que nós fazemos sobre temas relacionados com a História Contemporânea de Portugal. Supomos que as pessoas, para além de virem aqui assistir, interessam-se por isso, e vão ler, investigar. Temos apresentação de livros, que em si já é um estímulo à leitura, não é? A pessoa vem, conhece um novo livro... Decorre daí. Mas focalizada na promoção da leitura... não temos.

11 – PNL

- Eu não tenho uma opinião muito forte. Coisas que vi, coisas que li, coisas... O Plano Nacional de Leitura, não sei... qualquer estímulo à leitura que não esteja relacionado com o sistema educativo, parece-me um bocadinho vazio, parece-me que é a escola o local de eleição disso. E depois o resto, pelo menos pelo que eu tenho visto... a determinada altura ainda acompanhei o processo na sua aplicação prática. Não aqui, mas noutra equipamento da rede. E aquilo era uma, desculpe-me o termo, umas

pessegadas, percebe? Pronto, eu percebo, porque em regime laboral nós percebemos. Há pessoas que têm que ter uma função e que têm de fazer alguma coisa. Isso justifica tudo, pronto, mas o Plano em si, quer dizer, não sei, com certeza foi consciente pelas intenções, mas depois a realização prática daquilo... Como lhe digo, fora da escola, aí sim, e aí nem sequer me manifesto, porque não tenho conhecimento do que se passa. Mas fora da escola... o resto são umas coisas assim um bocado... pronto, mas... não é uma opinião muito esclarecida, confesso, não é, pronto, é aquilo que me parece. Mas um bocado... tenho um bocado de mau feitio com estas coisas, não gosto muito.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Para já, o meu agregado familiar sou só eu e a minha mulher, por enquanto, portanto ainda não tenho essa parte das crianças, que não sei como é que vai ser, mas também não lhes vou impingir os livros. É óbvio que tentarei sempre estimular, mas em casa decorre... Como disse, ler é um ato natural, normal, faz parte dos meus hábitos. Acontece falar sobre isso com a minha mulher, do que estou a ler, de coisas que gosto, lemos coisas de que gostamos um ao outro, decorre daí. É assim uma coisa um bocado natural, sem ser impingida. Porque como eu também tenho assim, lá está, também tenho um bocado de mau feitio, e reagia sempre muito mal às imposições quando diziam «havias de ler aquele livro porque é ótimo», pronto, era certo e sabido que era livro que eu não lia. Acabava por ir para outros, porque tenho esse gosto de ir sempre pelo meu caminho. À descoberta... claro, nunca é por mim. Um autor refere um livro e acabo por ler. Uma imposição direta, isso é mau.

13 – Formação académica

- *Respondido em 6.*

Bibliotecário j

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- Bem, há vários tipos de leitura, portanto, posso ter a leitura que tem a ver com a minha área de trabalho, portanto, aí é uma leitura para desenvolver os meus conhecimentos. Há outro tipo de leitura, que de facto é aquele que eu gosto mais, que é evadir-me, estar noutro mundo, é um *hobby*, é uma forma de ocupar o tempo em que eu não estou a trabalhar.

Quanto aos objetivos, a pessoa não vive só do trabalho, não vive só da família, das contas, da casa... precisa de ter um bocadinho para si, ter um *hobby*. Pronto, há pessoas que têm *hobbies*, o do meu marido é construir, para mim, é sentar-me a ler.

2 – Tipos de leitura

- Leio todos os dias o jornal, costumo comprar o *Público*. Aqui, como dou entrada a todo o tipo de jornais e de revistas, de jornais não tanto, mas revistas, todas as semanas vejo a *Sábado*, a *Visão*, a *Super Interessante*, a *Magazine Artes*, portanto, tenho acesso a todo esse tipo de leitura. A minha hora de almoço é passada lá em cima na sala a ler tudo o que vai entrando, portanto, essa é a minha leitura diária. Depois, tenho sempre um livro comigo, estou sempre a ler qualquer coisa além disso.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Costumo ir muito à Fnac, que fica aqui perto. Nos últimos tempos, praticamente não tenho comprado livros, porque nós temos um sistema de empréstimo nas bibliotecas, portanto, a partir do momento em que determinado livro entra na rede das bibliotecas de Lisboa, eu faço assim: vou à livraria ver os livros que me interessam e vou anotando. Mal eles chegam, vou logo requisitá-los. Como não tenho espaço em casa, tive de parar de comprar, até porque os livros também estão caros, e, de facto, também não se justifica, porque a pessoa lê uma vez. Como recebemos o depósito legal, só tenho de esperar um bocadinho. Se for um livro que tenha a ver com um fim científico, tenho que comprar, porque volta e meia posso precisar de lá ir.

4 – Locais para a prática da leitura

- Leio aqui, em casa, quando vou de férias... Gosto de passar por várias livrarias e espreitar os livros que vão aparecendo, mas esses locais não são para ler, embora se veja muita gente a ler na Fnac. Pode estar ali uma tarde inteira e acaba por ler o livro, mas a mim, não dá muito jeito.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Sim, eu estou sempre a ler, sei lá. Em média, um livro, dois livros por semana. Quando estou de férias ainda é mais, levo assim uma pilha de livros [demonstra o tamanho com as mãos].

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Eu depois não fixo. Vão-me aparecendo, eu vou lendo. O que eu vou lendo é a revista que eu recebo, portanto, isso vou lendo. Tirando isso, não...

Eu estive a ler vários livros da Philippa Gregory que saíram há pouco tempo sobre Henrique VIII, sobre as mulheres de Henrique VIII, Ana Bolena, a herança de Ana Bolena, as irmãs do rei, que ainda agora estive nos cinemas, portanto, estive a ler esses livros todos dela. Depois, a propósito, vi na base de dados e encontrei vários livros sobre cada uma das mulheres, vou requisitando e tenho estado a ler.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Vou lendo o que a BAD divulga aos sócios, documentação distribuída e divulgada em encontros, conferências, etc. da área de bibliotecas, *Cadernos BAD*, outras revistas da área, como as *Páginas A&B*. Leio também várias publicações periódicas sobre esta área, como os *Cadernos de Jornalismo*, *Media XXI*, *Meios e Publicidade*.

No respeito a fins de lazer, leio semanalmente um a dois livros, essencialmente biografias históricas, literatura vária, História.

8 - Leitura na infância

- Em casa sempre lemos muito (pais e irmãos) e tínhamos uma grande biblioteca.

9 – Ser bibliotecário no RMBL

- Ser bibliotecário é importante, para transmitir às pessoas tudo aquilo que se vai escrevendo. Uma coisa é eu ter acesso e saber o que é que existe, outra coisa é disponibilizar um catálogo, que as pessoas agora até podem aceder pela Internet, com muitos pontos de acesso, por autores, por assuntos, portanto, isso, para mim, significa estar a dizer a toda a gente «Leiam isto, leiam isto!» Concretamente aqui na Hemeroteca, portanto, isto para mim também foi uma novidade, porque uma pessoa geralmente, quando está a fazer o curso de bibliotecário, pouco liga aos jornais, às revistas, o mundo geralmente é os livros. Quando vim aqui para a hemeroteca, faz mais ou menos uns 14 anos, também não imaginava que este mundo era assim tão diferente. E, de facto, é bastante diferente, é fascinante, muito mais fascinante que os livros: está sempre a entrar informação. Há uma coisa que eu tenho pena que nós não possamos fazer, que é trabalhar os analíticos dos periódicos, portanto, todos os artigos das revistas, dos jornais. Não digo todos, mas há muitos que são mesmo importantes, e é pena não termos um batalhão de gente, digamos, para fazer esse trabalho, que é uma informação que acaba por passar sem ninguém lhe tocar, porque não imaginam, não é? Nós começámos a fazer um pouco esse trabalho com o nosso fundo antigo. São as publicações do século XVIII, nós temos aqui periódicos desde 1730, e, portanto, temos algumas centenas que fazem parte do nosso fundo antigo. Tivemos aqui um grupo de estagiários que pegavam nesses periódicos e faziam uma ficha, em que identificavam os principais colaboradores artísticos, colaboradores literários, e nós pegámos nesse trabalho deles e começámos a pôr toda essa gente com pontos de acesso nesse fundo antigo. Se nós quisermos ver, por exemplo, todas as publicações em que o Eça de Queiroz colaborou, ou outra pessoa qualquer, neste momento conseguimos fazer esse trabalho.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Nós aqui na Hemeroteca temos um serviço de animação e ação educativa, que faz visitas de estudo a alunos de escolas que queiram conhecer a Hemeroteca. Fazemos conferências, exposições. Temos um serviço bastante dinâmico, que está sempre a produzir este tipo de promoção da leitura. Depois, temos a Hemeroteca Digital, que é onde nós vamos pondo na Internet publicações completamente digitalizadas, que são escolhidas, são seleccionadas, não é? Portanto, no campo da promoção da leitura também

temos assim todo esse tipo de trabalho para chamar as pessoas a uma biblioteca destas, porque as pessoas, de facto, não estão habituadas a uma biblioteca de periódicos. Estão habituadas a ir à biblioteca do seu bairro, vão ver os jornais, ou vão estudar, mas a maior parte das pessoas não está habituada a vir a uma biblioteca de jornais, ainda por cima com um nome destes tão esquisito, hemeroteca.

11 – PNL

- Eu sei que existe um protocolo, existe relações entre as duas sedes. Não conheço, de facto, esse protocolo, não sei muito bem como é que as coisas estão a funcionar. Acho ótimo que as coisas estejam ligadas, principalmente em termos de tratamento técnico é muito importante, que as escolas não percam tempo, até porque a maior parte das escolas não têm bibliotecários nem têm técnicos, vá, têm os professores bibliotecários, que são importantes para apoiar o estudo das crianças, dos jovens, e dinamizá-los na leitura das suas próprias bibliotecas, agora, de facto, acho que é importante que as bibliotecas públicas, por terem esse tipo de pessoal tenham o tratamento técnico dessas publicações, para que a rede das escolas possa vir buscar esse tipo de tratamento, que não estejamos todos a catalogar os mesmos livros. No fundo, quem devia ter esse papel era a Biblioteca Nacional, e é isso que está falado há muitos anos; só que a Biblioteca Nacional tem um atraso grande em termos de tratamento técnico, quer de monografias quer de periódicos.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Sim, nós somos muitos irmãos, portanto, somos uma família que sempre leu muito, sempre teve muitos livros em casa. Não preciso de falar com os meus irmãos sobre determinados livros, porque eu vou a casa deles e eles também têm a casa cheia de livros, andamos todos a ler as mesmas coisas. Em tempos, eu e a minha cunhada líamos aqueles romances históricos e oferecíamos livros uma à outra e dizíamos «ah, não sei se já leste este», «este acabou de sair».

É uma questão de aproveitar o tempo. Eu acho é que as mulheres e os homens têm interesses diferentes. Há homens que também gostam muito de ler e também há mulheres que gostam muito de ler. Em termos familiares, o meu marido também gosta

muito de ler livros históricos, políticos, sobre D. Carlos, D. Amélia, portanto, temos gostos parecidos. Agora, tenho um filho que é, de facto, uma luta, porque o mundo da Internet entrou-lhe e... não digo que ele não leia, porque ele no fundo está na Internet a ler, é outro suporte. Ele estuda, faz trabalhos, vai à Wikipedia, vai à não sei quê, tem a informação toda, mas de facto ler um livro... Ele tem o mesmo livro na mesa de cabeceira há muito tempo. É muito difícil conseguir que ele esteja ali sentado, porque o interesse dele, de facto, é todo o dia, desde manhã até se deitar, é ali sentado ao computador, a mandar mensagens, a conversar com os amigos todos.

13 – Formação académica

- Assistente Social. Fiz o curso de Serviço Social, mas nunca insisti. Depois, fiz o curso de bibliotecas.

Bibliotecário k

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- A leitura é muito importante. Nós, como portugueses, devíamos tentar ler, de um modo geral, as coisas dos nossos autores portugueses, temos bons autores, e a maior parte vai pelos estrangeirismos. Eu leio muito desde miúda, desde os meus três anos que aprendi a ler o jornal... e sempre gostei imenso. Lá em casa sempre lemos tudo. Lia aquelas histórias todas antigas, o *Sandokan*, a *Patrícia*, *Os Cinco*, *O Bando dos Quatro*. Também ia às bibliotecas ver as novidades e lê-las, e também comprava muitos livros. Como sou uma pessoa que sempre gostou de tudo o que é arte, hoje em dia compro os livros todos à base da arte vocacionada para as crianças e como trabalhar a arte nas crianças. Acho que é um campo que, em Portugal, não se desenvolve, faz-se pouco. Incentivar as crianças à leitura e, ao mesmo tempo, tentar verificar quais as suas potencialidades, quer a nível artístico quer a nível musical, a nível de estruturação mental, porque às vezes há pessoas que têm jeito para música, mas se lerem um livro de música e virem os compositores, como é que aquilo foi feito, acaba por incentivar. Nós temos aqui um caso sobre o Beethoven. Toda a gente dizia «ah, isso é um horror, não gosto nada disso». Fizemos uma apresentação em PowerPoint sobre a vida e obra do

senhor, os livros, e o que é facto é que agora as pessoas começam a pensar «aquilo é música clássica mas eu já gosto». Porquê? Porque já têm conhecimento de que o senhor nasceu na época tal, é alemão... Fez com que as pessoas se incentivassem a ler qualquer coisa sobre aquele tipo de música clássica.

Nós temos o caso de um menino que era da Casa Pia e que gostava muito de desenhar. Eu disse-lhe: «Ó Mauro, porque é que não hás de ler um livro sobre um pintor qualquer?» O que é facto é que ele hoje está a estudar no Conservatório de Música, é gratificante; para nós foi uma coisa muito boa.

2 – Tipos de Leitura

- Como estou a trabalhar mais com a parte infantil, uma antiga colega de curso mandame sempre uma lista das novidades por e-mail. Compro alguns, quando posso, não tenho dinheiro para comprar tudo, e tento ver se já se encontram nas bibliotecas e requesito-os. Eu leio mais sobre História, romances, poesia, gosto muito de poesia, mas mais sobre a História do Edificado, da Arquitetura, como é que eram feitos os edifícios em determinado século. Aquelas revistas assim de... como se chamam, revistas cor-de-rosa, praticamente só no verão, para levar para a praia, para descontrair um bocado, mas também levo sempre um livro. Agora, com o meu filho, já não tenho aquele tempo que tinha para leitura. Às vezes, quando vou para me deitar, leio duas, três páginas e dá-me o sono, já não é o que era antes.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Adquiro na Fnac, compro muito na Fnac, tem uns preços acessíveis. Tenho uma amiga que trabalha no grupo Impala, que faz pequenas publicações, e ela às vezes oferece-me livros. São livros mais direcionados para crianças.

4 – Locais para a prática da leitura

- Há vários sítios em que gosto muito de ler. Gosto de ter o meu canto, um cantinho para ler. Tenho um jardim que tem assim um espaço de relva e tenho um alpendrezinho, e às vezes, quando não está ninguém em casa, ou o meu marido e o meu filho estão a fazer outras coisas, vou para lá ler, reler e pensar. Eu gosto muito de ler coisas que já li há anos atrás, porque agora vejo tudo de maneira diferente, é engraçado.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Olhe, eu antigamente lia um livro, praticamente, todas as semanas, mas agora é um bocadinho complicado, porque a minha vida está muito ligada ao João. Como tenho que ler duas horas por dia com intervalo de um quarto de hora, com o sistema dos disléxicos, tenho muito pouco tempo para mim. Então, tenho um livro na cabeceira, vou lendo aos poucos conforme vou conseguindo. Mas é no verão que ponho a escrita em dia, como eu digo, para além daquelas revistas que se lê na praia. Como durmo mais tarde, ou eles dormem mais cedo, a pessoa consegue fazer um bocadinho de lazer e ler.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Li agora um compêndio de vários autores que falam de arte, da Taschen e um livro sobre o Barroco.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Agora tenho na mesa de cabeceira um livro sobre a última rainha de Portugal e ando a ler sobre legislação.

8 – Leitura na infância

Respondido em 1.

9 – Ser bibliotecário na rede

- Acho que há dois pesos que temos que ter. Para já, acho que temos que ver o tipo de documentadores que temos. Apesar de sermos muitas bibliotecas, somos todas diferentes, e temos que ver o público, por exemplo, que frequenta Belém, e não o público que frequenta a Orlando Ribeiro. E acho que devíamos... a chefe devia ter uma autoridade de fazer perante as crianças o que em tempos se fez e agora não se faz, saber quais são os livros que eles gostariam de ter na biblioteca para ler, e talvez aí fosse um incentivo, porque há muita gente que vem cá «Ah, eu quero o livro tal! Ah, não têm.», outras vezes está para catalogação, «Ah, isso já é desatualizado, já tem dois anos.» Porquê? Porque não há verbas. Porque é assim, tudo o que é cultura não tem grandes verbas, e acho que tem que se apostar um bocado mais nisso, e também na projeção do livro. E pode fazer-se projeção do livro de várias maneiras que não se fazem aqui no

nosso país. Aquela parceria que nós tivemos há dois anos ou há três anos com a Casa Pia, que era todas as sextas-feiras a professora vinha cá, eles traziam um saquinho de plástico, escolhiam o livro que quisessem e tinham uma ficha tipo em que punham o nome do autor, o editor, o ilustrador, o título do livro, o número de páginas, como se fosse tipo uma catalogação, à maneira deles. Era uma folha tipo que tínhamos feito, e eles discriminavam isso tudo, e depois faziam um pequeno resumo. Às vezes, a gente via que nem eram eles que tinham feito, às vezes apanhávamos isso, víamos que se estava demasiado elaborado, não era a criança que tinha lido o livro, mas pronto, há coisas negativas mas também há coisas positivas, e há mais coisas positivas. Fiz a programação para 2009, mas já sei que não vou ficar na animação, vem uma colega para substituir, fiquei um bocado triste quando a minha colega me disse isto, porque eu tinha contactado várias pessoas, porque é assim, os nossos meninos aqui da Casa Pia, muitos deles não tinham os cuidados de higiene, e nós tivemos aqui uma palestra há pouco tempo sobre a higiene, até convidei uma enfermeira. É uma projeção que se pode utilizar com livros, porque vai incentivar. Fazem-lhes sempre mostra de livros, e nesse dia tínhamos aqui a mostra dos livros sobre a higiene, oral e corporal, e folhearam e alguns até gostaram de ler e até levaram. Agora até tinha feito um projeto, que era um projeto que ia convidar várias pessoas de desportos e médicos, para falarem de vários temas, até sobre a parte que agora vê-se muito, as crianças novas grávidas, sem necessidade nenhuma, porque agora os centros de saúde até dão tratamento e dão formação. Então eu contactei com uma senhora que trabalha no centro de saúde que está mesmo na parte de planeamento familiar, e vinha cá dizer como é que se usa o preservativo, a pílula, se toma um antibiótico não se deve ter relações, portanto, os fatores de risco e isso tudo. Vamos ver se isso vai avante ou não, e depois também tinha uma coisa muito engraçada que era o nosso capitão, que é o Mário Wilson pai, que ia fazer uma exposição, já tinha falado com o senhor, sobre a vida e obra dele, apesar de ele ainda estar vivo. Mas como foi importante como o Eusébio... como os miúdos gostam de futebol, o que é que vai fazer? Como saíram umas 3 publicações, não sei se tem conhecimento, que é *Os Melhores do Século XX*, é da Asa, em que tem os historiadores, os médicos, e também tem de futebol. Como aquilo é um volume pequenino, tem para aí 40 ou 40 e tal folhas, de certeza que eles iam requisitar. Porquê? Porque alguém a falar no Eusébio e no Mister Wilson, e não sei quê, vai falar naquele...

«Os quatro violinos», aqueles que eram do Sporting, e são essas pequenas coisas, eu acho que isso é um trampolim para eles poderem ler, também.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- A nível laboral, eu própria faço muita procura, faço listagens, vou à minha chefe, a minha chefe... agora isto está um bocado diferente, antigamente não havia isto de fazer as compras para trazer. As compras e... havia um bocado mais de liberdade. Agora mudou a chefe, a diretora municipal, não sei como é que está a funcionar. A diretora municipal é que dizia quais eram os livros que se compravam e quais eram as revistas. Mal, porque é assim, somos 18 bibliotecas em rede, e cada uma tem as suas realidades próprias. Tenho ali uns livros para mostrar, os miúdos gostam muito. Um horror, uma coleção horrorosa, com bruxas e isto e aquilo, e para eles é que é a realidade, é o que eles gostam de ler, e não tem nada a ver com o mundo que os rodeia, e depois não vão preparados para a vida, alguns deles.

11 – PNL

- Acho muito bem nós sermos parceiros, só acho que devíamos abordar isso de maneira diferente. Porque é assim, no ano passado foi um bocado restrito. Eles deram uns livros e há escolas que não trabalharam determinados livros, trabalharam outros, e nós, às vezes, estávamos naquele impasse, que a professora dizia «eu não quero trabalhar este livro, quero trabalhar outro», «vamos trabalhar esse livro», e às vezes havia um bocadinho de complicações por causa dos livros, porque é assim, como está tudo em rede, resolveram que cada biblioteca, o livro era igual para todas, o que também fez mal, fez uma coisa de mal, que foi o afastamento dos professores e de próprias pessoas que vinham à biblioteca ver a Hora do Conto. «Então eu vou a Belém ver a Hora do Conto, amanhã vou à Orlando Ribeiro à mesma hora do conto», estávamos em rede, mas era igual para todas. Acho que isso é que foi uma grande asneira, porque antigamente... e era isso que eu estava a dizer. As pessoas diziam «então eu estive na Orlando Ribeiro...», olhavam para aqui e «ah, eu quero marcar uma atividade, diga-me quais são os livros», são todos iguais, e eu disse «olhe, são regras do departamento e eu não posso alterar», acho que aí é que houve um bocado de falha. Acho que devemos estar em rede, é muito importante, troca de livros, deixar o livro na Camões e ir buscar

em Belém, depois vir da Camões, muito bem, agora trabalhar o mesmo livro nas bibliotecas todas, não. Porque é assim, os próprios professores têm agendado, no início do ano, um calendário que fazem em setembro. Eu antigamente, em setembro, pegava no carro e ia às escolas, ia falar com a diretora e com os professores e perguntava quais eram os temas de interesse que eles tinham para falar na biblioteca, que nós déssemos apoio, e fizemos muitas coisas, teatros de fantoches e tudo, relacionados com os livros do plano de leitura que eles escolheram para aquele ano, e acho que isso assim foi... porque depois uns querem trabalhar uma coisa, outros querem trabalhar outra, e depois na rede são uns obrigatórios e depois dizem-me «vou a Belém, tenho uma Hora do Conto, vou à Camões, tenho a mesma Hora do Conto», só que em horas diferentes, e eu acho que aí é que falhou um bocadinho.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- É assim, nós, em casa, e isto já vem desde família, tenho uma pequena biblioteca, e cada vez adquiero mais livros, e já não tenho espaço para pôr. É assim, o meu marido é economista e não é muito ligado às artes nem a livros, nem nada, só compra coisas ligadas a tudo o que é a parte económica, informática, é uma profissão um bocado complicada. E eu, como sou mais desta área das artes e o meu filho gosta muito, nós compramos muitos livros sobre Arte, História, muita coisa, tenho uma biblioteca bastante recheada, porque depois também herdei livros antigos e pronto, às vezes ia aos alfarrabistas à procura de livros antigo, comprei agora *Oito Séculos de História*, aquele compêndio para ter lá em casa e também para ler, para perceber alguma coisa, pronto, coisas que damos e não sabemos e pronto, tenho livros. O meu marido, pronto, lê mais o *Expresso*, o *Jornal Económico*, lá aqueles calhamaços da área dele e pouco mais. Eu acho que quer médicos, que eu tenho na família, farmacêuticos, economistas e gestores leem mais para a profissão, enquanto que a malta que é de História, de Letras, Psicologia tem um leque maior. Por exemplo, eu leio coisas de Sociologia, de Filosofia, de História, Arquitetura, interesse-me por outras áreas, eles não, é exclusivamente para aquilo que trabalham; também não sei se é por estar na biblioteca, gosto. Na minha casa tenho os livros todos com a CDU.

13 – Formação académica

- Portanto, eu sou licenciada em História, tenho pós-graduação em Arquivologia e Biblioteconomia, tenho um mestrado em Geologia e Património Artístico.

Bibliotecário 1

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- Um aumento de cultura... um enriquecimento dos dados adquiridos... que a gente vai adquirindo na vida, vai completando com as leituras que vai fazendo.

Por um lado, é o prazer de ler... uma pessoa sentir-se bem, estar a ler e ser a ocupação de um tempo. O outro é o do saber. Tenho vários tipos de leitura, vários livros sempre ao mesmo tempo.

2 – Tipos de leitura

- Leio para fins profissionais e por lazer. Tenho sempre livros técnicos, e esses tenho-os sempre lá em casa. É preciso tempo e disposição para ler, porque senão a gente lê e não assimila nada. Esses são os livros técnicos que eu tenho. E depois tenho aqueles livros de lazer, que eu leio nos transportes... são leituras rápidas. Também leio jornais, é normal eu ler um jornal diário todos os dias.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Compro. Não tenho é onde arrumá-los, mas compro e recolho nas bibliotecas.

4 – Locais para a prática da leitura

- Tenho leituras para os diferentes locais. Em casa, e o que eu leio mais em casa é a parte técnica.

5 - Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Leio frequentemente.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Sobre condução de reuniões.

Última leitura para fins de lazer respondida em 7.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Estou a reler o *Sentimento de Si*, de António Damásio. Estou a reler porque às vezes há coisas que tenho na ideia e não tenho a certeza, e vou ver, por isso é que eu compro. Pelo menos, a parte técnica é adquirida por mim. Por lazer, é que eu recorro muito às bibliotecas. A parte técnica é porque muitas vezes eu tenho necessidade de voltar.

Estou a reler *A Filha do Capitão*. Antes desse, também foi o último do José Rodrigues dos Santos, por isso é que eu voltei novamente a *A Filha do Capitão*.

8 – Leitura na infância

- Lia. De facto, os meus pais habituaram-me cedo a ler.

9 – Ser bibliotecário na rede

- Eu não sou bibliotecária. Eu vim para as bibliotecas mais na área da animação. Depois fiquei, e continuo a exercer aqui o cargo. Não achei... não tenho dificuldade. Hoje em dia a biblioteca é entendida também numa forma de animação, e esta, de Timor, tem outras características que não tem uma biblioteca generalista, esta é especializada em Timor. Gosto daquilo que estou a fazer.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Esta biblioteca é diferente das outras. Portanto, ou é mesmo com colóquios, em sessões que faço e aí incentivo à leitura. Os utilizadores costumam vir à procura de documentação específica, por exemplo, para trabalhos de mestrado e doutoramento. Tirando o jornal que é lido, é a nível de estudantes e é muito específico.

11 – PNL

- Considero-o bastante bom, e acho que tem dado resultados, porque, dentro do hábito do plano da leitura, como nós estamos em rede, até há escolas que nos procuram para vir requisitar livros para as próprias escolas. Como nós funcionamos em rede, embora esta biblioteca seja especializada, eles podem vir aqui, e eu noto que há um aumento do número de pedidos de livros, pelo menos de empréstimo.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Eu e o meu marido, só que ele ainda lê mais do que eu.

13 – Formação académica

- Serviço Social.

Bibliotecário m

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- Aprendizagem, penso eu, e passatempo também. Gosto, gosto, leio todos os dias um bocadinho. Quanto aos objetivos, será, portanto, a aquisição de mais conhecimento, principalmente isso.

2 – Tipos de leitura

- Tento fazer uma leitura na diagonal pelas publicações diárias, acho que isso é essencial, e alguma matéria que diga respeito à nossa carreira, que nos possa dar uma outra diretiva de entretenimento.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Normalmente, aqui na biblioteca. A preocupação é saber o que é editado, que é importante para futuras aquisições.

4 – Locais para a prática da leitura

- Aqui na biblioteca e em qualquer parte, tem que se aproveitar. Às vezes, um bocadinho à noite.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Leio com frequência, leio.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- O último... foi aqui na biblioteca, dentro da prateleira de Biblioteconomia, precisamente *Hábitos de Leitura em Portugal*, acho que foi esse o título. O último que li... José Rodrigues dos Santos... *O Sétimo Selo*, penso que foi.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Neste momento não.

8 – Leitura na infância

- A minha infância já vem um bocadinho de trás, ainda por cima lá na província, mas lembro-me perfeitamente das carrinhas itinerantes da Gulbenkian, portanto, todas as terças-feiras, quando ela passava lá pela terra, eu aproveitava.

9 – Ser Bibliotecário na RMBP

- Eu não sou bibliotecário, sou técnico profissional, mas de qualquer maneira, técnico profissional com bibliotecário toca-se, não é? Portanto, o ser técnico profissional ou ser bibliotecária é dar o melhor diariamente, em prol do utilizador.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Ao nível de adultos vamos começar agora, vamos tentar fazer uns colóquios até ao fim do ano. Ao nível infantojuvenil, temos toda a programação da rede, que é desenvolvida na biblioteca. Nós fazíamos, anualmente, durante o ano letivo, uma atividade, um projeto, que englobava várias instituições, mas pronto, temos um projeto anual, que é desenvolvido com várias instituições, portanto escolas, creches, e por aí fora.

11 – PNL

- É o melhor, só que, talvez, nós não tenhamos as condições para acompanhar este PNL.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Somos quatro, portanto, eu tenho dois miúdos homens. Sim, sim, portanto lá está a bibliotecazinha em casa, também.

13 – Área de Formação

- Tenho o 12º ano, tirei o curso de técnico profissional de BAD, mesmo na BAD, e este ano resolvi ingressar na universidade, precisamente em Ciências da Informação e da Documentação.

Bibliotecário n

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- O significado é o conhecimento, não é? E, de facto, tenho gosto pela leitura. Desde que me conheço, praticamente, que tenho contacto com o livro, e de facto acho que é bastante enriquecedor, quer para o nosso futuro, para a nossa atividade... portanto, de facto, para mim, significa a obtenção de conhecimento.

2 – Tipos de leitura

- Olhe, gosto de ler romances, gosto de ler ficção, e, quando era mais criança, todos aqueles livros de aventuras, que eu de facto gostava de ler. O corpo humano... as primeiras aprendizagens.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Compro alguns, outros oferecem-me.

4 – Locais para a prática da leitura

- Tenho por hábito ler em casa, na biblioteca. Já tenho estado a ler nos jardins, ou no comboio. Geralmente ando sempre acompanhada de um livro, o que não significa que o leia sempre.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Disponível para a leitura sou, e gosto muito de ler, desde miúda que criei um hábito de leitura. Agora não tenho tanta disponibilidade. Também, com o trabalho que tenho, chego ao final do dia cansada, e às vezes leio um bocadinho e depois já não consigo... mas gosto muito de ler.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Para fins profissionais, foi portanto este último livro agora das *Regras Portuguesas de Catalogação*, do Dr. José Carlos Sottomayor, e para fins de lazer foi *O Rio das Flores*, do Sousa Tavares.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Eu estou a ler sobre a parte da exclusão social, ligado ao trabalho que tenho nesta biblioteca.

Neste preciso momento não estou, mas ofereceram-me um livro há pouco tempo, estou com a cabeça cansada e não me recordo... mas vou começar a ler, não tive foi oportunidade, e ofereceram-mo na quinta-feira.

8 – Leitura na infância

Respondido em 2 e 5

9 – Ser bibliotecário na RMBL

- Para mim, ser bibliotecário na rede significa, portanto, o facto de termos um importante contacto com o público, o atendimento ao público é muito importante, e acho que isso, para um bibliotecário, é um aspeto relevante. Depois há todo um trabalho de retaguarda, desde a aquisição do livro até à catalogação em si e à arrumação nas estantes, também acho que é um trabalho que é valorizado, e que é importante, porque muita gente desconhece esse processo que o livro tem. Mas acho que, de facto, o público é aquilo que a mim me motiva a estar numa biblioteca.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Atividades de animação e promoção da leitura: a Hora do Conto, os *ateliers*, fazemos os jogos tradicionais também. Tudo isso, acho que são formas de promoção da leitura. Há contactos com escritores e atores. Tudo isso são formas de promoção da leitura.

11 – PNL

- Eu acho que é importante, foi importante, realmente, a assinatura do protocolo para o PNL, e, de facto, é enriquecedor, e é uma forma de nós termos conhecimento daquilo que é mais aconselhável à leitura, não é?

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Tenho duas pessoas.

Sim, nomeadamente a crianças, costumo sempre, quando vão lá a casa, costumo sempre contar-lhes uma história, ler um livro, costumo até fazer um desenho e explicar. Não sempre, mas de vez em quando, quando surge a oportunidade, faço isso. Costumo dar dicas para a leitura, nomeadamente lemos sempre muitos jornais, revistas, isso é... para além dos livros, lemos as publicações periódicas, que diariamente as lemos, quer aqui na biblioteca quer em casa.

13 – Formação académica

- Tenho o 12º, tenho o curso já há alguns anos de BAD, depois tenho toda aquela formação da promoção da leitura, do livro, do livro e da leitura, tudo o que tenha a ver com a área da biblioteca, e tenho alguma formação nesse sentido, nas bibliotecas.

Bibliotecário o

1 – Significado, gosto e objetivos da leitura

- A leitura, para mim, significa duas coisas: informação, que eu considero imprescindível, e também prazer. A leitura, no fundo, é um meio de uma permanente autoinformação.

Gosto, gosto muito de ler, aliás, desde muito pequena, desde criancinha que gosto de ler. Lá em casa havia sempre livros, os meus pais gostavam muito de ler, portanto, eu fui criada entre os livros. Nas prendas que nós tínhamos, fosse nos anos, fosse na Páscoa, fosse no Natal, havia sempre uma prenda que não falhava: era o livro.

Neste momento, e em relação à profissão, há aspetos essenciais. Há o aspeto de uma atualização da informação, que é fundamental. Não só através da leitura, e quando eu falo em leitura, falo na leitura de periódicos também, embora esta atualização, hoje em

dia, seja completada e até bastante melhorada com as novas tecnologias. Nas férias eu gosto de levar um bom livro para ler, e durante o ano todo eu normalmente leio. Tenho um hábito, não sei se é bom ou mau, mas eu às vezes leio dois ou três livros ao mesmo tempo.

2 – Tipos de leitura

- No fundo, faço tudo isso, porque há imensos livros que me interessam... neste momento, portanto, em termos de função pública, nós estamos a atravessar uma fase com a aplicação do novo sistema de avaliação, portanto, eu tenho lido livros que vêm para a biblioteca ou que requisito a outras bibliotecas, livros sobre gestão de recursos humanos, livros relacionados com a qualidade da informação, com a motivação, portanto, no aspeto profissional, interessam-me este tipo de livros, interessam-me os livros relacionados com a profissão. Hoje em dia, essencialmente ligados às tecnologias. O salto que nós demos e que nos obriga a estar permanentemente atualizados. Em termos de leitura por lazer, olhe, neste momento eu estou a ler o livro que me mandaram, que são as *Memórias da Marlene O'Bryant*. Ainda não está publicado em português e consegui a edição francesa.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Compro nas livrarias, porque, periodicamente, passo pelas livrarias, é um hábito que eu tenho desde há muito tempo. Normalmente, tenho o cuidado de não levar muito dinheiro comigo, para não perder a cabeça, porque tenho de me controlar muito em livrarias e casas/lojas onde se vendam discos. E depois, aproveito-me da possibilidade que eu tenho ao trabalhar numa biblioteca inserida numa rede, que é poder requisitar os livros que me interessam. Existe o empréstimo entre bibliotecas, até porque as nossas casas não crescem, e portanto eu neste momento tenho que gerir muito bem o espaço que posso destinar aos livros. Tenho duas filhas que, periodicamente, vão herdando alguns livros, só que já se começam a queixar também de que não conseguem ter espaço para esses livros. A falta de espaço, no fundo, em relação a nós, também tem um aspeto positivo. Nós temos imensos leitores que, por falta de espaço, às vezes nos oferecem livros.

4 – Locais para a prática da leitura

- Olhe, às vezes, quando tenho de estar de serviço no balcão de empréstimo... Leio às vezes um pouquinho na biblioteca. Pouco, mas quando estou de serviço no balcão de empréstimo, quando há assim uma calmazinha, vou folheando. E depois leio é em casa.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Leio todos os dias. Leio sempre dois ou três livros ao mesmo tempo.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- O último que eu li foi aquele diário daquela jornalista russa que foi assassinada.

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Estou a ler, como lhe disse, as *Memórias de Marlene O'Bryant*.

Em termos profissionais, o que tenho estado a ler neste momento, é, realmente, sobre a gestão dos recursos humanos.

8 – Leitura na infância

- Sempre tive muitos livros em casa, e familiarizei-me com os livros desde criança.

9 – Ser bibliotecário na rede

- Eu não sou bibliotecária, sou técnica profissional, embora esteja a coordenar a biblioteca. Para mim, isso tem vários aspetos interessantes. Um é o permitir-me estar permanentemente atualizada, seja em relação a que assunto for. Porque o atendimento do público é extremamente exigente, portanto nós temos de ser enciclopédicos, como é óbvio, mas, para além de recorrer às fontes da nossa função, temos de estar permanentemente atualizados, até porque nos surgem, de vez em quando, perguntas esquisitas: «Olhe, sabe de um assunto que aconteceu não sei onde?» Se a pessoa não lê os jornais, se a pessoa não está atenta aos telejornais, tudo isto lhe escapa, portanto, uma das nossas obrigações é realmente esta, é a permanente atualização em relação à vida, a tudo aquilo que se passa. Em termos profissionais e em termos técnicos, temos que acompanhar toda a evolução que tem havido, quer em termos do tratamento técnico dos documentos, embora neste momento eu não esteja a fazer esse tratamento, mas em termos de interpretação do que está na base, para poder dar informação ao leitor, é

fundamental. Nós temos que acompanhar isso, acompanhar as alterações que houve ultimamente na classificação universal, penso que será isto.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Neste momento, temos o setor encerrado, mas costumávamos desenvolver determinadas atividades com as crianças da escola, desde as mais pequenitas e nunca passávamos do 9.º ano, porque não tínhamos capacidade, quer em termos de recursos humanos quer em termos de estrutura, para poder realizar outro tipo de atividades, a não ser que fossem inseridas num programa geral da rede, por exemplo, relacionado com a parte das ciências. Nós temos algumas atividades muito engraçadas com os alunos do Instituto Superior Técnico. Utilizamos, em relação aos mais pequeninos, as tradicionais, como a Hora do Conto. Normalmente o que nós fazemos é, nos primeiros contactos que as crianças têm, não lhes contamos histórias. Deixamos as crianças à vontade, deixamo-las mexerem nos livros, desarrumarem tudo aquilo que querem, e contactarem com os livros. Esse primeiro contacto é fundamental, e tem resultado. Depois, o que fazemos são aquelas técnicas a que habitualmente se recorre. Fazemos a exposição dos livros mais recentes que nós recebemos. Se há um filme, se saiu um jogo para as consolas que se baseia num livro, nós temos o cuidado de expor isso, porque hoje em dia temos que funcionar ao contrário: temos que partir da eletrónica, digamos, para o documento impresso, no material livro.

11 – PNL

- Eu não tenho uma opinião, embora não a possa fundamentar na prática, porque nós, como temos estado encerrados, não desenvolvemos atividades relacionada com o PNL. Aquilo que eu tenho visto é que, em relação ao contacto que eu tenho com as crianças e às dificuldades que elas têm de leitura, não sei se estará a resultar. De qualquer maneira, nós tivemos o cuidado de, no ano passado, adquirir uma série, completámos a nossa coleção. Já tínhamos bastantes livros que foram inseridos no PNL e tentámos privilegiar nas aquisições que fizemos o PNL, adquirindo os livros que estavam lá mencionados.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Eu sou casada, tenho o meu marido e duas filhas. As minhas filhas já estão casadas, portanto, neste momento, vivo só com o meu marido.

Eu não preciso de fazer isso no meu agregado familiar, porque o meu marido lê bastante, a minha mãe lê, as minhas filhas leem, aliás, quando vêm cá, vão sempre ver o que há para levar. Em relação aos meus netos, que liam bastante, notei aquilo que se nota em relação a esta geração: é que eles ultrapassam os 13, 14 anos e começam a afastar-se um bocadinho dos livros, porque têm outros interesses, têm outras atividades. Eu tenho dois netos, tenho um com 18 anos e tenho outro com 13, que, por enquanto, ainda lê. De vez em quando, manda-me um *e-mail*: «Ó avó, não me queres oferecer este livro?» Neste momento, noto que ele está mais ligado à parte de romance histórico e da ficção científica, é uma opção. Devo-lhe dizer que, quanto à produção literária para estes níveis etários em relação aos rapazes, há uma dificuldade em conseguir livros que os rapazes gostem de ler, e já a partir dos 9, 10 anos. Há mais livros para raparigas, para adolescentes raparigas, do que para rapazes.

13 – Formação académica

- Eu fiz a área de Ciências quando cheguei ao antigo sétimo ano. Frequentei a Faculdade de Medicina durante dois anos, mas depois, por razões familiares, não completei a faculdade. A minha formação tem sido feita na base da autoformação através de cursos profissionais e de atualização, principalmente nos cursos da BAD.

Bibliotecário p

1 – Significado, gosto e objetivo da leitura

- A leitura é quase como uma terapia. Ajuda-me a relaxar, é essencial, e sou viciada em livros. É fundamental para mim todos os dias, apesar de ser mãe, de ter uma criança com 20 meses, ao final do dia ou mesmo quando chego mais cedo ao trabalho, arranjar um bocadinho, ficar no carro 10 minutos a ler, e 10 minutos antes de me deitar, para mim é essencial. É quase um efeito terapêutico, ao final do dia é relaxante, depois de um dia de *stress*, imensas atividades, é compensador e relaxa-me. Cada um tem o seu

hobby, e o meu *hobby* é de facto o que me faz sentir bem, e é esse que me faz, de facto, relaxar, e tentar ter uma noite mais tranquila.

2 – Tipos de leitura

- Depende, é de ondas, depende da fase da vida em que eu estou, não é? Também estou a estudar, além de estar a trabalhar estou a estudar, estou a tirar a licenciatura em Ciências Documentais. Agora, nesta fase, tenho que ler todos os meses a *Pais e Filhos*, é fundamental comprar e ler para me sentir mais segura. Estou a ler muitos livros de Psicologia do Desenvolvimento, porque nós temos muitas dúvidas com o desenvolvimento das crianças e acho que, de facto, lermos coisas na área dá-nos muito mais segurança enquanto pais. Depois, há autores que eu gosto imenso e que faço questão de ler, como o António Lobo Antunes. O facto de trabalhar na biblioteca ajuda-me imenso a descobrir novos autores e a ler coisas que estão a ser editadas no momento. Estou a fazer os destaques da biblioteca e vou ficando atenta a coisas que eu tenho mesmo que ler. Tenho curiosidade relativamente ao último livro do Miguel Sousa Tavares porque li o *Equador* e gostei imenso. E depois há outros autores, autores estrangeiros, que eu gosto imenso, o Gabriel Garcia Marquez, *Cem Anos de Solidão*, autores que, de facto, me marcaram. Depende da altura da vida em que eu esteja.

3 – Locais de acesso aos documentos

- Há livros que eu começo a ler aqui da biblioteca e depois decido que tenho mesmo que adquirir. Isso aconteceu-me com *As Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar; comecei a lê-lo e decidi «Não, não vou ler o livro da biblioteca e vou comprá-lo para mim.» Leio livros da biblioteca, compro em livrarias, mas sobretudo livros da biblioteca. Prefiro o suporte papel, que pode ser lido em qualquer sítio e em qualquer posição, apesar de o suporte digital ser muito útil para aquelas pessoas que não têm possibilidade de o adquirir, permite o acesso a qualquer pessoa via *online*, e é muito útil.

4 – Locais para a prática da leitura

- Leio muito em férias. Gosto muito de ler na praia, para mim é um privilégio poder ler na praia, estar em férias e passar o tempo a ler. Mas também no jardim, quando vou

passar com a Marta, que é a minha filha. E depois na cama, não é? Ao deitar, no carro, são os locais onde eu gosto mais de ler.

5 – Disponibilidade, frequência e quantidade de leituras

- Completamente disponível para a leitura. Ultimamente, não leio as quantidades que desejava, estou desejosa que venham as férias, porque já tenho um conjunto de livros para começar a ler. Às vezes, começo a ficar chateada, porque não arranjo 5, 10 minutos para ler, e ultimamente não tenho lido muito, tanto quanto gostava, mas estou à espera das férias.

6 – Últimas leituras para fins profissionais e de lazer

- Tenho lido livros para o curso, como as *Regras Portuguesas de Catalogação*.

O último livro que li foi as cartas do António Lobo Antunes. O António Lobo Antunes escreve à velocidade do momento, porque é preciso gostar muito do autor para o compreender, porque ele escreve prosa como se escrevesse poesia, e eu acho fantástico, é um autor que preenche, e eu costumo dizer que não posso morrer sem ler os livros todos do António Lobo Antunes, porque ele é muito... muito erótico, muito intenso, e eu gosto imenso dele. Todos os livros que me marcaram, de facto, a nível da Literatura Portuguesa, são, de facto, do António Lobo Antunes. Quem me conhece aqui na biblioteca sabe que quando se fala dele, enfim...

7 – Atuais leituras para fins profissionais e de lazer

- Agora estou a ler um livro sobre tecnologias da informação, mas não me recordo do nome.

Estou a ler o *Fala Comigo*; não me recordo do nome da autora, mas comecei a ler porque ela é professora de escrita criativa na Universidade de Oxford.

8 – Leitura na infância

- Apesar de ter desenvolvido este gosto mais na adolescência, a partir dos 12, 13 anos, comecei de facto a ficar viciada, e lembro-me que o livro que eu li depois várias vezes durante a adolescência foi *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho. Acho que

a partir daí nunca mais fui a mesma leitora e comecei a ser muito mais exigente. Até aí era *Os Cinco*, *O Colégio das Quatro Torres*, que na altura era muito conhecido, mas, de facto, o Alexandre Dumas mudou-me, e a partir daí comecei a ter outro tipo de interesses, outro tipo de gostos.

9 – Ser bibliotecário na rede

Eu sou técnica profissional, mas trabalhar na biblioteca é fascinante. Permite-nos mostrar aos utilizadores o que de melhor há para ler, trabalhar com a diversidade, e isso é realmente muito bom e gratificante.

10 – Formas de promoção da leitura em contexto laboral

- Agora estamos com imensos projetos. Eu gosto muito das mostras bibliográficas e acho que são uma forma de promover a leitura. Como sabe, nós temos um orçamento muito restrito, e uma mostra bibliográfica pode mostrar o que temos de melhor na coleção, e acho que é a melhor forma e a forma mais barata de fazer promoção da leitura. Depois, em conjunto com a Dr.^a Anabela, vamos desenvolver um projeto que se chama «O Perfil das Leituras». É um serviço de aconselhamento; vamos fazer um levantamento bibliográfico de livros de acordo com o perfil de cada utilizador; estamos a começar a elaborar um questionário. Gostava de ter uma entrevista personalizada, falar com a pessoa, porque, muitas vezes, ao falarmos com a pessoa, ela diz-nos o que não está no questionário. E o objetivo também seria encaminhar as novidades para as pessoas, de acordo com os seus interesses.

11 – PNL

- Em relação ao PNL, há livros que eu já ouvi falar. Existem livros que não vão fazer parte. Eu costumo dar muita atenção e escolher para a minha filha. Tenho o hábito de ir ver os livros que eles aconselham no PNL. Dou uma oportunidade ao PNL, até porque eu acho que é preciso fazer alguma coisa, e acho que o PNL é o início, não é? Acho que é preciso dar incentivo às bibliotecas, mas acho que é um início, acho que temos de dar atenção.

12 – Constituição do agregado familiar e formas de promoção da leitura em contexto familiar

- Sou eu, o meu marido e a minha filha, e eu tenho todo o interesse em motivá-la desde pequenina, porque acho que as crianças ao levarem, por exemplo, um livro para o banho, mais facilmente o manuseiam e interpretam as imagens. Eu sinto que, de facto, o trabalho que tive com ela desde pequenina, a mostrar-lhe e a dar-lhe, a brincar com ela com os livros, que já tem reflexos hoje. Como eu sou viciada, é natural que ela também o venha ser. Faço questão que ela viva rodeada de livros e que ela sinta porque, se ela começar a sentir o prazer de manusear um livro, já é um início para descobri-los. Um livro é um ponto de descoberta, um mundo de descobertas, e quando falava no outro dia com uma amiga minha que é advogada, e que eu pensava que tinha outra visão sobre o livro, fiquei chocada quando ela disse «Ah, a minha filha tem mais jeito para as artes.» O livro não é só a literatura, é lindo, é descobrir os animais, os elefantes... Expliquei-lhe o que é uma girafa pelo livro, por exemplo.

13 – Formação académica

- Tirei o curso técnico-profissional em 1997. O percurso académico foi um bocado atribulado, porque eu acabei o secundário e decidi que queria ser atriz. Então comecei a tirar o curso de Expressão Dramática no Chapitô, e comecei a preparar-me para entrar no Conservatório. Entretanto comecei a conhecer o mundo do espetáculo e comecei a ver que, de facto, para constituir uma família... Eu tinha uma de duas opções: ou ia tirar um curso superior, ou ia querer ganhar dinheiro, porque colegas minhas estavam a acabar o curso superior e as perspectivas de emprego eram praticamente nulas. Então fui ao centro de emprego, vi um cartaz que dizia «técnico profissional de biblioteca» e fui tirar o curso. Estou a tirar a licenciatura em Ciências Documentais.

APÊNDICE E

Grelhas de Análise

Categoria 1: Relação com a Leitura

Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo
Refletem sobre o significado e objetivos da leitura	A leitura como aprendizagem, conhecimento e meio de desenvolvimento do ser humano	<p>«porque uma pessoa que goste de ler está dentro de qualquer assunto» (Ba)</p> <p>«A leitura é tudo e é nada porque o ato de ler desperta sempre algo que nós queremos, em termos de uma aprendizagem, porque é a partir de um livro que sou capaz de sentir aquilo que o escritor sentiu quando pensou escrever aquele texto, aquela frase.» (Bb)</p> <p>«É uma forma de aprendizagem.» (Bb)</p> <p>«para responder à minha profissão com mais qualidade, com mais profissionalismo, e com uma técnica cada vez mais aperfeiçoada» (Bb)</p> <p>«Eu venho das Humanidades, da História, também tenho necessidade, porque ao fim de uns anos depois de se acabar a formação, há temas que vamos esquecendo e não podemos estar a atender o leitor a dizer “Ah, e agora isto foi em que século?”, “O que é que liga este facto àquele?”, de maneira que eu também sinto necessidade de fazer essas leituras» (Bb)</p> <p>«É sempre um abrir de horizontes, é sempre uma busca de alicerces para as opiniões que nós já temos e que vemos confirmadas.» (Bc)</p> <p>«Bem, a leitura, para mim, será como que um</p>

		<p>instrumento, uma forma de podermos aceder ao conhecimento e à cultura...» (Bd)</p> <p>«é um meio de fazer informação, de processar informação, para atingir o conhecimento.» (Be)</p> <p>«Acho que é fundamental para o desenvolvimento integral de cada pessoa fazer leituras de qualquer tipo.» (Bf)</p> <p>«Para mim é muito importante porque quanto mais se lê, mais se desenvolvem os raciocínios, e a escrita, e isso é fundamental. (Bf)</p> <p>«Penso que, sem a leitura, é impossível ter o mínimo de cultura geral.» (Bf)</p> <p>«A leitura é um hábito fundamental porque é uma técnica que tem de se adquirir [...]; permite, sobretudo, a interpretação, e quem interpreta pode criar a sua própria visão do mundo, ter mais conhecimentos e criar massa crítica» (Bh)</p> <p>«toda a leitura é formativa» (Bi)</p> <p>«posso ter a leitura que tem a ver com a minha área de trabalho, portanto, aí é uma leitura para desenvolver os meus conhecimentos.» (Bj)</p> <p>«Como sou uma pessoa que sempre gostou de tudo o que é arte, hoje em dia compro os livros todos à base da arte vocacionada para as crianças e como trabalhar a arte nas crianças.» (Bk)</p> <p>«Um aumento de cultura... um enriquecimento dos dados adquiridos...» (Bl)</p> <p>«O outro é o do saber.» (Bl)</p> <p>«Aprendizagem» (Bm)</p> <p>«a aquisição de mais conhecimento» (Bm)</p> <p>«O significado é o conhecimento» (Bn)</p> <p>«A leitura, para mim, significa [...] informação, que eu considero imprescindível» (Bo)</p>
--	--	---

	<p>A leitura como prazer e atividade de ocupação de tempos livres</p>	<p>«Independentemente da minha área de trabalho, da minha profissão, ler, para mim, é um prazer» (Bb)</p> <p>«para mim é um <i>fait-diver</i>» (Bb)</p> <p>«A leitura, para mim, sempre foi uma companhia, sempre fez parte...» (Bc)</p> <p>«uma excelente maneira de podermos ter prazer em passar o tempo... passar o tempo e não só, é ocupar os tempos livres mas ao mesmo tempo de forma útil e proveitosa» (Bd)</p> <p>«A leitura é [...] um meio de lazer» (Be)</p> <p>«É um espaço para poder viajar, distrair-me, aprender, relaxar. É muito importante, se não tiver assim meia dúzia de livros na minha mesa de cabeceira não vivo. [...] Ler, para mim, é ter prazer. Se não me dá prazer, não leio.» (Bg)</p> <p>«Leio, sobretudo, por prazer, mesmos os ensaios.» (Bh)</p> <p>«Há outro tipo de leitura, que de facto é aquele que eu gosto mais, que é evadir-me, estar noutro mundo, é um <i>hobby</i>» (Bj)</p> <p>«Por um lado, é o prazer de ler... uma pessoa sentir-se bem, estar a ler e ser a ocupação de um tempo.» (Bl)</p> <p>«passatempo também.» (Bm)</p> <p>«e também prazer» (Bo)</p> <p>«Cada um tem o seu <i>hobby</i>, e o meu <i>hobby</i> é de facto o que me faz sentir bem, e é esse que me faz, de facto relaxar, e tentar ter uma noite mais tranquila.» (Bp)</p>
--	--	--

<p>Refletem sobre o gosto pela leitura</p>	<p>Mencionam o gosto pela leitura</p>	<p>«O meu gosto pela leitura... penso que não me foi transmitido.» (Ba)</p> <p>«Tornei-me numa leitora compulsiva, gosto muito de ler.» (Ba)</p> <p>«Faço com muito gosto e com muito prazer.» (Bb)</p> <p>«Gosto, gosto de ler, quer do ponto de vista lúdico, quer da informação concreta.» (Bc)</p> <p>«Eu gosto muito de ler.» (Bd)</p> <p>«Eu gosto de tudo» (Be)</p> <p>«Gosto imenso de ler» (Bf)</p> <p>«Gosto de ler» (Bg)</p> <p>«Gosto» (Bh)</p> <p>«Gosto, gosto» (Bm)</p> <p>«tenho gosto pela leitura» (Bn)</p> <p>«Gosto, gosto muito de ler» (Bo)</p>
<p>Identificam os locais/formas de acesso aos documentos</p>	<p>Em bibliotecas</p>	<p>«empréstimo interbibliotecas [...]. Desta forma, posso pedir um livro a qualquer biblioteca de Lisboa» (Ba)</p> <p>«tenho acesso, em termos profissionais, a todos os livros que existem na rede, e não só, e vou a outras bibliotecas» (Bb)</p> <p>«já me tem acontecido ler a obra requisitada na biblioteca» (Bd)</p> <p>«Eu nunca tive assim um grande hábito de comprar livros. Nesse aspeto, não fui muito privilegiado, sempre estive associado às bibliotecas, desde os meus 10 anos. Sempre que precisava de um livro, raramente comprava: ou ia à biblioteca» (Be)</p> <p>«Eu costumo requisitar.» (Bf)</p> <p>«também requisito na RMBL.» (Bh)</p> <p>«Nos últimos tempos, praticamente não tenho</p>

		<p>comprado livros, porque nós temos um sistema de empréstimo nas bibliotecas» (Bj)</p> <p>«recolho nas bibliotecas» (Bl)</p> <p>«Normalmente, aqui na biblioteca.» (Bm)</p> <p>«eu tenho lido livros que vêm para a biblioteca ou que requisito a outras bibliotecas» (Bo)</p> <p>«Leio livros da biblioteca (Bp)</p>
	Por aquisição	<p>«raramente compro, a não ser que seja mesmo um livro técnico para a minha área, aí compro.» (Bb)</p> <p>«Costumo adquirir.» (Bc)</p> <p>«Quando é uma obra que sinto que gostaria de ter, quer seja profissional quer seja livro para leitura de lazer, eu adquiero.» (Bd)</p> <p>«depois acabo por comprar o livro, mais tarde, e fica novo na estante.» (Bd)</p> <p>«Antes não comprava.» (Bg)</p> <p>«Tenho muito o hábito de comprar em livrarias, quando posso» (Bh)</p> <p>«Eu sou frequentador de livrarias, alfarrabistas... [...] é por aquisição.» (Bi)</p> <p>«Costumo ir muito à Fnac, que fica aqui perto.» (Bj)</p> <p>«Adquiero na Fnac» (Bk)</p> <p>«Compro.» (Bl)</p> <p>«Compro alguns» (Bn)</p> <p>«Compro nas livrarias» (Bo)</p> <p>«compro em livrarias» (Bp)</p>
	Na Internet	<p>«depois recorro bastante a publicações que estão <i>online</i>» (Bd)</p> <p>«Se vejo que vai surgir um projeto num determinado sentido, então vou à Internet, à Amazon» (Be)</p>

		<p>«Quanto aos documentos digitais, é em casa» (Bf)</p> <p>«mas vejo muitas coisas na Internet» (Bg)</p> <p>«Os <i>blogs</i> e alguns <i>sites</i>» (Bh)</p>
	Por Oferta	<p>«Tenho uma amiga que trabalha no grupo Impala, que faz pequenas publicações, e ela às vezes oferece-me livros.» (Bk)</p> <p>«outros oferecem-me» (Bn)</p>
Elegem locais para a prática da leitura	Nos transportes públicos	<p>«comboio, no autocarro» (Ba)</p> <p>«Se estiver a ler um livro de que goste muito, também leio nos transportes públicos.» (Bh)</p> <p>«transporte público» (Bi)</p> <p>«comboio» (Bn)</p>
	Em casa	<p>«no intervalo de qualquer programa de televisão» (Ba)</p> <p>«leio em casa» (Bb)</p> <p>«Essencialmente em casa.» (Bc)</p> <p>«gosto muito de ler em casa» (Bd)</p> <p>«Em casa» (Be)</p> <p>«Gosto imenso de ler em casa.» (Bf)</p> <p>«em casa.» (Bg)</p> <p>«Na cama. [...] No sofá, às vezes, também.» (Bh)</p> <p>«O livro sobretudo em casa» (Bi)</p> <p>«em casa» (Bj)</p> <p>«Em casa, e o que eu leio mais em casa é a parte técnica.» (Bl)</p> <p>«Às vezes, um bocadinho à noite [em casa].» (Bm)</p> <p>«Tenho por hábito ler em casa» (Bn)</p> <p>«E depois leio é em casa.» (Bo)</p> <p>«na cama» (Bp)</p>

	Ao ar livre	<p>«esplanada» (Bc)</p> <p>«na esplanada... Gosto da leitura ao ar livre, acho que é muito relaxante. [...] Eu já gostava de ler na praia» (Bd)</p> <p>«Na praia, na esplanada» (Bg)</p> <p>«na praia» (Bi)</p> <p>«Gosto de ter o meu canto, um cantinho para ler. Tenho um jardim que tem assim um espaço de relva e tenho um alpendrezinho, e às vezes, quando não está ninguém em casa, ou o meu marido e o meu filho estão a fazer outras coisas, vou para lá ler, reler e pensar.» (Bk)</p> <p>«Já tenho estado a ler nos jardins» (Bn)</p> <p>«Gosto muito de ler na praia» (Bp)</p> <p>«também no jardim» (Bp)</p>
	Na biblioteca	<p>«aqui» (Be)</p> <p>«Leio aqui» (Bj)</p> <p>«Aqui na biblioteca e em qualquer parte, tem que se aproveitar.» (Bm)</p> <p>«na biblioteca.» (Bn)</p> <p>«Olhe, às vezes, quando tenho de estar de serviço no balcão de empréstimo... Leio às vezes um pouquinho na biblioteca. Pouco, mas quando estou de serviço no balcão de empréstimo, quando há assim uma calmazinha, vou folheando. (Bo)</p>
	Noutros espaços fechados	<p>«café» (Bc)</p> <p>«no café» (Bd)</p> <p>«ficar no carro 10 minutos a ler » (Bp)</p>

<p>Refletem sobre a disponibilidade para a leitura e a frequência com que leem</p>	<p>Estão disponíveis para a leitura e leem com frequência</p>	<p>«A minha disponibilidade é sempre total. Até chegar a casa, demoro uma hora e meia, duas horas, portanto, dá para ler. E, para além disso, também me disponho a ler, porque me descontraí.» (Ba)</p> <p>«Eu leio com frequência textos» (Be)</p> <p>«Por norma, todos os dias leio alguma coisa, pelo menos meia hora. Às vezes tenho é muitas leituras prolongadas, porque meia hora é muito pouco tempo para ler. Se o livro me interessa mesmo muito, sou capaz de o ler num dia, mas tem que me interessar muito, muito, de outra forma não. Quando são documentos técnicos, aí é preciso gerir muito bem o tempo, e às vezes leio durante um período mais prolongado, porque é obrigatório.» (Bf)</p> <p>«Sou capaz de, por semana, ler não sei quantos livros, e leio mesmo. Gostava tanto de poder tirar um dia para estar em casa a ler, e sou capaz de ler não sei quantos livros a seguir, e compro um e compro outro, e depois durante um mês ou dois não me apetece ler nada, nem me venham cá com livro nenhum.» (Bg)</p> <p>«Leio diariamente [...]. No mês de agosto posso ler quatro ou cinco livros e nos outros meses 1. Devo ler entre 15 e 20 livros por ano.» (Bh)</p> <p>«Leio todos os dias, tenho sempre um ou dois, ou três ou quatro, também depende das leituras que tenho. Se for qualquer coisa da área profissional em que, de momento, tenha que dar mais atenção ao assunto, carrego mais nesse setor, senão, vou ao sabor das leituras, mas todos os dias, quando chego a casa, depois do jantar.» (Bi)</p>
---	--	---

		<p>«tenho sempre um livro comigo, estou sempre a ler qualquer coisa» (Bj)</p> <p>«eu estou sempre a ler, sei lá. Em média, um livro, dois livros por semana. Quando estou de férias ainda é mais» (Bj)</p> <p>«Leio frequentemente.» (Bl)</p> <p>«leio todos os dias um bocadinho» (Bm)</p> <p>«Leio com frequência, leio.» (Bm)</p> <p>«Nas férias eu gosto de levar um bom livro para ler, e durante o ano todo eu normalmente leio. Tenho um hábito, não sei se é bom ou mau, mas eu às vezes leio dois ou três livros ao mesmo tempo.» (Bo)</p> <p>«Leio todos os dias.» (Bo)</p> <p>«É fundamental para mim todos os dias [...] arranjar um bocadinho» (Bp)</p>
	<p>Estão disponíveis para a leitura, mas não leem tanto quanto gostariam</p>	<p>«Tenho por hábito nunca adormecer sem ler o que quer que seja, nem que seja umas cartas que estão feitas e eu vou ver se não têm erros. [...] Em grande quantidade já não será, porque todos os dias, antes de adormecer, leio um bocadinho. Agora depende: se a trama me desperta interesse, sou capaz de ler um romance numa noite.» (Bb)</p> <p>«Leio, leio. Acho que isso se aplica a qualquer pessoa. Acho que nós já não somos capazes de passar um dia sem ler [...] mas há muitos projetos de leitura adiados, muita coisa que está à espera em casa para ser lida» (Bc)</p> <p>«O que é mais complicado é ter tempo para ler livros que me agradam, por lazer. Mesmo assim, eu tenho essa preocupação de conseguir, não com muita facilidade, é evidente, porque</p>

		<p>fica sempre muita coisa por ler.» (Bd)</p> <p>«há alturas em que leio muito nas férias, portanto, acabo por conseguir pôr em dia a leitura de lazer, mas gosto de ir lendo ao longo do ano, porque nem todas as férias são iguais, é esse o problema. Mas fica um bocado aquém daquilo que eu gostaria...» (Bd)</p> <p>«Agora, com o meu filho, já não tenho aquele tempo que tinha para leitura. Às vezes, quando vou para me deitar, leio duas, três páginas e dá-me o sono, já não é o que era antes.» (Bk)</p> <p>«eu antigamente lia um livro praticamente todas as semanas, mas agora é um bocadinho complicado, porque a minha vida está muito ligada ao João. Como tenho que ler duas horas por dia com intervalo de um quarto de hora, com o sistema dos disléxicos, tenho muito pouco tempo para mim. Então, tenho um livro na cabeceira, vou lendo aos poucos conforme vou conseguindo. Mas é no verão que ponho a escrita em dia» (Bk)</p> <p>«Disponível para a leitura sou [...]. Agora não tenho tanta disponibilidade. Também, com o trabalho que tenho, chego ao final do dia cansada, e às vezes leio um bocadinho e depois já não consigo...» (Bn)</p> <p>«disponível para a leitura. Ultimamente, não leio as quantidades que desejava, estou desejava que venham as férias» (Bp)</p>
Refletem sobre a leitura durante a infância	Desenvolveram o gosto pela leitura durante a infância	<p>«Os meus pais não tinham livros significativos em casa, tinham muito poucos, e eu ia às bibliotecas itinerantes nos jardins. Na altura, havia aquelas bibliotecas no Jardim Constantino, a Biblioteca da Penha de França,</p>

		<p>portanto, foi assim que me tornei leitora» (Ba)</p> <p>«A nível da leitura, eu acho que tive a vantagem de ter sido exposto, desde muito jovem, à presença do livro. Quando digo «presença do livro», estou a falar no contexto familiar.» (Bc)</p> <p>«Sempre fui bastante disposto, e lembro-me de ser bastante disposto a ler.» (Bc)</p> <p>«Lia banda desenhada, gostava muito dos super-heróis... gostava dos Estrunfes, Lucky Luke, o Zorro, o Super-Homem, os heróis da banda desenhada, gostava de ler aquilo tudo. Lia também muitos jornais. Aliás, o meu gosto por jornais começou por jornais de desporto, <i>Record</i>, <i>A Bola</i>, por aí fora. [...] Voltando outra vez à parte da infância, comecei pela parte da banda desenhada, lembro-me do primeiro livro assim maçudo, sem qualquer tipo de quadradinhos, que foi o Tom Sawyer. Gostava muito daquele tipo de livros de pessoas rebeldes. (Be)</p> <p>«Eu sou de uma aldeia do Norte do país, onde as únicas bibliotecas que tínhamos eram as itinerárias da Gulbenkian, que iam de 8 em 8 dias, ou de 15 em 15 dias. De qualquer das formas, eu penso que na Escola Primária transmitiam-nos o gosto pela leitura [...]. Há uma coleção que li em miúda que me marcou muito, que era do Rui Romano, não me lembro dos títulos. Sei que devorava! Os meus pais mandavam-me apagar a luz e eu apagava, claro, e quando percebia que estavam a dormir, acendia a luz e ficava até às quinhentas a ler aquilo tudo! Lia imensa banda desenhada que os meus irmãos escondiam debaixo dos</p>
--	--	---

		<p>colchões.» (Bf)</p> <p>«Lia imenso. Tinha conta na livraria Barata e ia lá buscar os livros que queria, e depois passava lá para pagar.» (Bg)</p> <p>«Por acaso, tive sorte porque, na altura, quando eu era criança, havia muito pouca literatura infantojuvenil, e quando acabei de ler esse tipo de livros, passei a ler os livros dos meus pais, que tinham uma biblioteca bastante boa. Também havia um ambiente familiar que o proporcionava.» (Bh)</p> <p>«A infância era completamente analógica! Ou seja, havia talvez menos dispersão, e o objeto livro estava a par dos outros objetos-brinquedo. Tudo era tátil e o livro, obviamente ilustrado, era mais um dos brinquedos. Por isso, a minha memória é anterior à leitura, quando ainda não sabia ler e inventava histórias a partir das imagens (ilustração ou BD) que via nos livros. Quando aprendi a ler devorei os tradicionais clássicos infantis (Anderson e Grimm, sobretudo) mas, especialmente, aqueles títulos de “O Porquê das Coisas” ou uma coleção que havia em fascículos dedicados à História, à Geografia, à Física (elementar, claro) e a outros ramos do conhecimento. Esses foram os primeiros, a que se seguiram as aventuras: muito Salgari, muito Júlio Verne. Depois, no final da infância, como a maior parte da minha geração, devorei a coleção de <i>Os Cinco</i> (quando passei a ler dois por dia a minha família ficou preocupada com a minha sanidade!). As séries portuguesas da Alice Vieira e da Isabel Alçada são posteriores e já não as apanhei. Com a adolescência vieram</p>
--	--	--

		<p>leituras mais “sérias” e aquela coisa horrível dos livros que se tentam ler antes de termos idade para os perceber. Bom, no meio disto há um ponto fundamental: a disponibilidade dos pais para oferecerem livros, para acompanharem as leituras, para explicarem. Tudo isto se passava em casa, pois assim como não havia Playstations, também não havia bibliotecas com atividades infantis nem planos nacionais de promoção de leitura.» (Bi)</p> <p>«Em casa sempre lemos muito (pais e irmãos) e tínhamos uma grande biblioteca.» (Bj)</p> <p>«Eu leio muito desde miúda, desde os meus três anos que aprendi a ler o jornal... e sempre gostei imenso. Lá em casa sempre lemos tudo. Lia aquelas histórias todas antigas, o <i>Sandokan</i>, a <i>Patrícia</i>, <i>Os Cinco</i>, <i>O Bando dos Quatro</i>. Também ia às bibliotecas ver as novidades e lê-las, e também comprava muitos livros.» (Bk)</p> <p>«Lia. De facto, os meus pais habituaram-me cedo a ler.» (Bl)</p> <p>«A minha infância já vem um bocadinho de trás, ainda por cima lá na província, mas lembro-me perfeitamente das carrinhas itinerantes da Gulbenkian, portanto, todas as terças-feiras, quando ela passava lá pela terra, eu aproveitava.» (Bm)</p> <p>«Desde que me conheço, praticamente, que tenho contacto com o livro» (Bn)</p> <p>«quando era mais criança, todos aqueles livros de aventuras, que eu de facto gostava de ler. O corpo humano... as primeiras aprendizagens» (Bn)</p> <p>«desde muito pequena, desde criancinha que gosto de ler. Lá em casa havia sempre livros, os</p>
--	--	---

		meus pais gostavam muito de ler, portanto, eu fui criada entre os livros. Nas prendas que nós tínhamos, fosse nos anos, fosse na Páscoa, fosse no Natal, havia sempre uma prenda que não falhava: era o livro.» (Bo)
	Desenvolveram o gosto pela leitura mais tarde	<p>«Eu também não gostava muito de ler quando andava na escola, e o meu interesse pela leitura veio de uma Hora do Conto que eu achei tão espetacular e, a partir daí, quis ir ver e ouvir cada vez mais.» (Bb)</p> <p>«olhe, é uma coleção, não é a Alice, é uma coleção... olhe, agora não me recordo do nome... mas que líamos, e hoje estão a ser publicadas novas edições da Heidi. Lia aventuras» (Bb)</p> <p>«não foi uma coisa que tivesse sido desde pequenina. Não foi logo em criança, até porque as primeiras experiências com a leitura não foram fáceis, atendendo a que... em casa, era simpático, porque a família ajudava a ler, mas quando fui à biblioteca escolar, e isso aconteceu no liceu, foi um bocadinho complicado, porque eu tinha alguns títulos que me tinham sugerido para a leitura e a articulação com a senhora que estava no atendimento não era fácil» (Bd)</p> <p>«Apesar de ter desenvolvido este gosto mais na adolescência, a partir dos 12, 13 anos, comecei de facto a ficar viciada, e lembro-me que o livro que eu li depois várias vezes durante a adolescência foi <i>A Dama das Camélias</i>, de Alexandre Dumas Filho. Acho que a partir daí nunca mais fui a mesma leitura e comecei a ser muito mais exigente. Até aí era <i>Os Cinco</i>, <i>O Colégio das Quatro Torres</i>, que na altura era</p>

		<p>muito conhecido, mas, de facto, o Alexandre Dumas mudou-me, e a partir daí comecei a ter outro tipo de interesses, outro tipo de gostos.» (Bp)</p>
--	--	---

Categoria 2: Finalidades da Leitura

Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo
Leem para fins profissionais	Indicam as últimas leituras que fizeram	Na área das Ciências da Informação
		<p>«Foi um livro sobre bibliotecas públicas, visto que andamos agora todos nestas andanças com os conteúdos funcionais. Salvo erro, é de um colega de Évora, do José António Calixto.» (Ba)</p> <p>«Para fins profissionais, o manual da IFLA para as bibliotecas públicas. Há dias tive que o rever por causa dos objetivos, por causa da avaliação do desempenho» (Bb)</p> <p>«Eu neste momento voltei ao mundo académico, estou a fazer um doutoramento na nossa área, portanto, o último trabalho que eu desenvolvi teve a ver com arquivos digitais, e lembro-me perfeitamente de que a última leitura profissional que fiz foi de uma obra que, por acaso, não está impressa em papel, é uma dissertação de mestrado, ou uma versão dessa dissertação, que foi editada pela Universidade do Minho e que tem a ver com o processo de arquivo digital.» (Bc)</p> <p>«Teve a ver com uma consulta que fiz a uma documentação da IFLA sobre grupos com necessidades especiais. As pessoas que estão nas</p>

		<p>prisões, os grupos de pessoas mais velhas que estão em lares.» (Bd)</p> <p>«Li uma sobre a gestão da coleção, sobre as diferentes políticas da base de livros.» (Bg)</p> <p>«O que eu vou lendo é a revista que eu recebo, portanto, isso vou lendo. Tirando isso, não...» (Bj)</p> <p>«O último... foi aqui na biblioteca, dentro da prateleira de Biblioteconomia, precisamente <i>Hábitos de Leitura em Portugal</i>, acho que foi esse o título.» (Bm)</p> <p>«Para fins profissionais, foi portanto este último livro agora das <i>Regras Portuguesas de Catalogação</i>, do Dr. José Carlos Sottomayor» (Bn)</p> <p>«Tenho lido livros para o curso, como as <i>Regras Portuguesas de Catalogação</i>.» (Bp)</p>
		<p>Na área das Tecnologias da Informação e da Comunicação</p>
		<p>«Para fins profissionais, li noutro dia um documento que um colega bibliotecário me enviou, publicado pelo Ministério da Educação, um manual em pdf para os professores sobre a utilização das ferramentas <i>Web 2.0</i> em sala de aula.» (Bh)</p>
		<p>Na área da História</p>
		<p>«as últimas leituras que tive assim, nesse sentido mais profissional, foi em relação... temos aqui uma exposição relativa a 1908, e foi recordar algumas coisas, fui ler outras, pronto, para estar mais atualizado, e as coisas estarem mais vivas em relação a 1908, para poder acompanhar aqui a exposição. Foi na semana passada, esta semana»</p>

		(Bi)
		Na área da Gestão
		«Li qualquer coisa sobre gestão da qualidade, agora não posso precisar, mas não li um livro completo, li vários artigos sobre o tema.» (Bf) «Sobre condução de reuniões.» (Bl)
	Indicam as atuais leituras	Na área das Ciências da Informação e da Documentação
		«Estou neste momento a ler as atas do encontro de literatura infantojuvenil em Beja, porque sei que eles primam pela qualidade do que fazem.» (Ba) «Estou a ler o manual da IFLA» (Bb) «De momento, estou a ler um artigo sobre as cores associadas à CDU e estou também a ler sobre o depósito, como é que os depósitos a nível internacional são organizados, por exemplo, e também tenho lido muita coisa sobre gestão.» (Be) «Vou lendo o que a BAD divulga aos sócios, documentação distribuída e divulgada em encontros, conferências, etc. da área de bibliotecas, <i>Cadernos BAD</i> , outras revistas da área, como as <i>Páginas A&B</i> . Leio também várias publicações periódicas sobre esta área, como os <i>Cadernos de Jornalismo</i> , <i>Media XXI</i> , <i>Meios e Publicidade</i> .» (Bj)
		Na área das Tecnologias da Informação e da Comunicação
		«Agora estou a ler um livro sobre tecnologias da informação, mas não me recordo do nome.» (Bp)

		Na área da Gestão de Recursos Humanos
		«Em termos profissionais, o que tenho estado a ler neste momento, é, realmente, sobre a gestão dos recursos humanos.» (Bo)
		Na área do Direito
		«ando a ler sobre legislação» (Bk)
		Na área da Sociologia
		«Eu estou a ler sobre a parte da exclusão social, ligado ao trabalho que tenho nesta biblioteca.» (Bn)
	Não se encontram a ler nada	<p>«Neste momento não estou a ler nada, quer para fins profissionais quer para fins de lazer.» (Bc)</p> <p>«Não estou a ler nada, justamente porque estes projetos estão a decorrer, e outros vão acontecer.» (Bd)</p> <p>«Atualmente, não estou a ler nada para fins profissionais.» (Bf)</p> <p>«Para fins profissionais não me apetece.» (Bg)</p> <p>«De momento, não estou a ler nada para fins profissionais.» (Bh)</p> <p>«Neste momento não.» (Bm)</p>
	Fazem outras referências a leituras para fins profissionais	Na área das Ciências da Informação
		<p>«àquilo que a IFLA tem vindo a publicar regularmente» (Bd)</p> <p>«artigos de opinião de colegas que consigo encontrar na Internet» (Bd)</p> <p>«Vou também muitas vezes ao <i>site</i> da IFLA ver o que há sobre as linhas de orientação, sobre um determinado assunto» (Be)</p>

		<p>«De vez em quando, se necessário, também recorro a um ou outro livro que possa ser útil para a área em que estou ou para o projeto que estou a desenvolver» (Be)</p> <p>«Leio alguns <i>blogs</i> da nossa área, há alguns muito bons de colegas nossos bibliotecários que dão muitas pistas para se encontrar mais informação, quer na área da promoção da leitura, que é o que me interessa, quer na área das tecnologias.» (Bh)</p> <p>«livros relacionados com a qualidade da informação» (Bo)</p>
		Na área das Tecnologias da Informação e da Comunicação
		«Hoje em dia, essencialmente ligados às tecnologias» (Bo)
		Na área de História
		«leio pouco para fins profissionais [...]. Para fins profissionais, é mais na área da História» (Bi)
		Na área da Gestão de Recursos Humanos
		«livros sobre gestão de recursos humanos» (Bo)
		Na área da Arte
		«Como sou uma pessoa que sempre gostou de tudo o que é arte, hoje em dia compro os livros todos à base da arte vocacionada para as crianças e como trabalhar a arte nas crianças.» (Bk)
		Na área da Psicologia
		«[livros sobre] motivação» (Bo)

Leem para fins de lazer	Indicam as últimas leituras que fizeram	Romances
		<p>«O último que li foi da Gaby Hauptmann.» (Bb)</p> <p>«O último livro que eu li penso que foi o último do Saramago [<i>As Pequenas Memórias</i>].» (Bc)</p> <p><i>As Mulheres do Meu Pai</i>, justamente do José Eduardo Agualusa. (Bd)</p> <p>«<i>O Codex</i> [<i>O Codex 632</i>, de José Rodrigues dos Santos]» (Be)</p> <p>«Li um romance de literatura de cordel, se calhar, porque andava muito cansada... não me lembro do título, mas descontraí-me imenso, li-o numa tarde. Depois percebi que na biblioteca tem tido muita saída, porque é uma coisa muito <i>soft</i> (“abraça-me” qualquer coisa, é assim uma coisa... Isabel Wolff [<i>Apaga a Luz e Abraça-me</i>]). (Bf)</p> <p>«Por lazer, li um livro que se chama <i>A Ferver</i> [de Bill Buford].» (Bg)</p> <p>«O último livro que li foi do Pepetela, <i>Jaime Bunda</i>.» (Bh)</p> <p>«Eu estive a ler vários livros da Philippa Gregory que saíram há pouco tempo sobre Henrique VIII, sobre as mulheres de Henrique VIII, Ana Bolena, <i>A Herança de Ana Bolena</i>, as irmãs do rei [<i>Duas Irmãs, Um Rei</i>], que ainda agora estive nos cinemas, portanto, estive a ler esses livros todos dela. Depois, a propósito, vi na base de dados e encontrei vários livros sobre cada uma das mulheres, vou requisitando e tenho estado a ler.» (Bj)</p> <p>«foi o último do José Rodrigues dos Santos» (Bl)</p> <p>«O último que li... José Rodrigues dos Santos... <i>O Sétimo Selo</i>, penso que foi.» (Bm)</p> <p>«para fins de lazer foi <i>O Rio das Flores</i>, do Sousa Tavares» (Bn)</p>

		Crónicas
		«o que saiu agora, mais recente, do Alexandre O'Neill, <i>Já Não Está Cá Quem Falou</i> [<i>Já Cá Não Está Quem Falou</i>], um conjunto de crónicas» (Bi)
		Cartas
		«O último livro que li foi as cartas do António Lobo Antunes. [<i>D'esteviver aqui neste papel descripto - Cartas da Guerra</i>]» (Bp)
		Arte
		«Li agora um compêndio de vários autores que falam de arte, da Taschen e um livro sobre o Barroco.» (Bk)
		Na área da Música
		Acabei recentemente uma coisa do Ruy Castro sobre <i>jazz</i> e música ligeira no século XX [<i>Tempestade de Ritmos: Jazz e Música Popular no Século XX</i>]» (Bi)
		Na área da Política Internacional
		«O último que livro que li assim por lazer, mas assim um bocadinho entre comas, foi o daquela jornalista russa, o diário, daquela que foi morta [<i>Um Diário Russo</i> , de Anna Politkovskaya], esse foi o último que li, na semana passada.» (Ba) «O último que eu li foi aquele diário daquela jornalista russa que foi assassinada [<i>Um Diário Russo</i> , de Anna Politkovskaya].» (Bo)

	Indicam as atuais leituras	Romances
		«Vou comprar a <i>Rainha da Moda</i> [de Caroline Weber] e o segundo volume d’ <i>Os Pilares da Terra</i> [<i>Os Pilares da Terra – volume II</i> , de Ken Follett].» (Bg)
		«Agora estou a ler um livro do Pamuk que se chama <i>O Meu Nome É Vermelho</i> .» (Bh)
		«Estou a reler <i>A Filha do Capitão</i> [de José Rodrigues dos Santos].» (Bl)
		«Estou a ler, como lhe disse, as <i>Memórias de Marlene O’Bryant</i> .» (Bo)
		«Estou a ler o <i>Fala Comigo</i> [de Marti Leimbach]; não me recordo do nome da autora, mas comecei a ler porque ela é professora de escrita criativa na Universidade de Oxford.» (Bp)
		Novelas
		«De momento, estou a ler uma obra do David Mourão-Ferreira que já devia ter lido há mais tempo, <i>Gaivotas em Terra</i> .» (Bd)
		Coletâneas de textos de autor
		«Tenho várias leituras em mãos. Tenho em mãos, vou lendo, vou largando, e depois vou pegando outra vez, <i>Século Passado</i> , do Jorge Silva Melo. Estou em leituras que comprei há dois ou três dias» (Bi)
		Entrevistas
		«o novo livro de entrevistas do Lobo Antunes [<i>Entrevistas com António Lobo Antunes – 1979-2007</i> , por Ana Paula Arnaut], e vou lendo, vou passando aqui e ali, quando me lembro leio um bocadinho, depois ponho de lado, e depois leio outra vez.» (Bi)

		Revistas literárias
		«Anda na pasta uma revista com poesia dedicada ao Jorge de Sena, e sempre que posso leio um bocadinho.» (Bi)
		Na área da História
		« <i>História do Pensamento no Antigo Regime</i> [?]» (Bb) «Agora tenho na mesa de cabeceira um livro sobre a última rainha de Portugal» (Bk)
		Na área da Filosofia
		«Estou a reler o <i>Sentimento de Si</i> , de António Damásio.» (Bl)
		Na área da Gastronomia
		«Tenho uma coisa engraçada para ler, uma brincadeira: um livro de receitas de um senhor que apresenta um programa de televisão, acho-lhe piada.» (Bf)
	Não se encontram a ler nada	«Neste momento ainda não tirei nenhum» (Ba) «Neste momento não estou a ler nada, quer para fins profissionais quer para fins de lazer.» (Bc) «Não, não estou a ler nada.» (Be) «Neste momento não.» (Bm) «Neste preciso momento não estou, mas ofereceram-me um livro há pouco tempo, estou com a cabeça cansada e não me recordo... mas vou começar a ler, não tive foi oportunidade» (Bn)

	Fazem outras referências a leituras para fins de lazer	Romances
		«Margarida Rebelo Pinto, <i>Não Há Coincidências</i> » (Bb)
		«alguns romances» (Bb)
		«em lazer, adoro romances históricos» (Bg)
		«romances» (Bk)
		«gosto de ler romances» (Bn)
		«li o <i>Equador</i> e gostei imenso» (Bp)
		«Gabriel Garcia Marquez, <i>Cem Anos de Solidão</i> » (Bp)
		« <i>As Memórias de Adriano</i> , de Marguerite Yourcenar» (Bp)
		Ensaio
		«também leio alguns ensaios» (Bh)
		Poesia
		«leio alguma poesia» (Bh)
		«poesia, gosto muito de poesia» (Bk)
		Banda Desenhada
		«acho piada à banda desenhada, apenas para ver como é que de um conto se fazem os balões e se chega àquela conversa própria da banda desenhada» (Bb)
		Literatura de Viagens
		«Também gosto muito de literatura de viagens» (Be)
		Literatura Clássica
		«Gosto de literatura clássica também» (Be)
		Na área da História

		<p>«[literatura] histórica» (Be)</p> <p>«No respeito a fins de lazer, leio semanalmente um a dois livros, essencialmente biografias históricas, literatura vária, História.» (Bj)</p> <p>«Eu leio mais sobre História» (Bk)</p>
		Na área da Sociologia
		«eu leio coisas de Sociologia» (Bk)
		Na área da Filosofia
		«[leio sobre] Filosofia» (Bk)
		Na área da Psicologia
		«Estou a ler muitos livros de Psicologia do Desenvolvimento» (Bh)
		Na área da Arquitetura
		«Arquitetura» (Bk)
		Na área do Desporto
		«Eu gosto de tudo, sobretudo de leitura de desporto» (Be)
		Revistas sobre o <i>jet-set</i>
		«revistas cor-de-rosa, praticamente só no verão, para levar para a praia, para descontrair um bocado, mas também levo sempre um livro» (Bk)

<p>Evidenciam hábitos de leitura no sentido de uma atualização diária</p>	<p>Publicações periódicas</p>	<p>«gosto de ler os jornais» (Bb)</p> <p>«Revistas que levo da biblioteca, também gosto de folhear» (Bb)</p> <p>«Tento comprar o <i>Público</i>» (Bd)</p> <p>«jornal semanário» (Bd)</p> <p>«<i>Courrier</i>» (Bd)</p> <p>«Às vezes tenho o hábito, não digo que faça isso todos os dias, mas de manhã vejo os jornais. Vejo os nossos, às vezes passo pelos franceses, ingleses, americanos, e fico por aí.» (Be)</p> <p>«Também leio jornais» (Bh)</p> <p>«costumo comprar o <i>Público</i>» (Bj)</p> <p>«como dou entrada a todo o tipo de jornais e de revistas, de jornais não tanto, mas revistas, todas as semanas vejo a <i>Sábado</i>, a <i>Visão</i>, a <i>Super Interessante</i>, a <i>Magazine Artes</i>» (Bj)</p> <p>«Também leio jornais, é normal eu ler um jornal diário todos os dias.» (Bl)</p> <p>«Tento fazer uma leitura na diagonal pelas publicações diárias, acho que isso é essencial» (Bm)</p> <p>«além dos livros, lemos as publicações periódicas» (Bn)</p> <p>«leitura de periódicos» (Bo)</p> <p>«nesta fase, tenho que ler todos os meses a <i>Pais e Filhos</i>, é fundamental comprar e ler para me sentir mais segura» (Bp)</p>
	<p>Blogs</p>	<p>«cada vez leio menos jornais e leio mais <i>blogs</i>, porque, tirando o <i>Público</i>, não há mais nenhum jornal que me agrade, e cada vez vejo mais o <i>Públicoonline</i>, só compro à sexta-feira por causa do “Ípsilon”.» (Bh)</p>

Categoria 3: Promoção da Leitura

Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Promovem a leitura em contexto laboral	Mostra bibliográfica	<p>«Eu penso que até a simples mostra bibliográfica que aqui está é uma ótima forma de promoção da leitura.» (Ba)</p> <p>«mostras bibliográficas» (Bf)</p> <p>«Tenho ali uns livros para mostrar, os miúdos gostam muito. Um horror, uma coleção horrorosa, com bruxas e isto e aquilo, e para eles é que é a realidade, é o que eles gostam de ler» (Bk)</p> <p>«exposição dos livros mais recentes que nós recebemos» (Bo)</p> <p>«Se há um filme, se saiu um jogo para as consolas que se baseia num livro, nós temos o cuidado de expor isso» (Bo)</p> <p>«mostras bibliográficas» (Bp)</p>
	Leitura e dinamização de histórias	<p>«Hora do Conto» (Bb)</p> <p>«contos tradicionais portugueses» (Bb)</p> <p>«Hora do Conto» (Bc)</p> <p>«conto» (Bf)</p> <p>«horas do conto» (Bh)</p> <p>«Hora do Conto» (Bn)</p> <p>«Hora do Conto» (Bo)</p>
	Ateliers	<p>«ateliers» (Bb)</p> <p>«ateliers» (Bf)</p> <p>«ateliers» (Bn)</p>

	Visitas guiadas à biblioteca	«visitas guiadas» (Bb) «visitas de estudo a alunos de escolas» (Bj)
	Recortes de jornais sobre temas literários	«tenho sempre a preocupação em retirar das páginas literárias [dos jornais que compro] alguma coisa que possa interessar à biblioteca e aos leitores» (Bd)
	Atividades em espaços exteriores à biblioteca	«Também temos um projeto com o hospital, mas este tem a ver com as crianças do Hospital de Santa Maria. Não tem a ver com as crianças que se encontram acamadas, mas com os que se dirigem à consulta externa, em que estão com os pais ou outros acompanhantes. É um excelente local para nós tentarmos motivar a leitura.» (Bd) «pequena exposição em painel sobre as plantas do jardim, sobre as flores, sobre as árvores [biblioteca de jardim]» (Bd)
	Identificação do perfil do utilizador	«Neste momento, nós estamos a iniciar um bocado, a tentar apalpar o terreno, ou seja, ver o que as pessoas gostam e o que não gostam, analisar um bocado o perfil das pessoas que vêm à biblioteca, e também aqui do meio envolvente.» (Be) «Temos outra mais ou menos programada, que vamos fazer em agosto, sobre o gosto dos leitores, sobre os livros que marcaram os próprios leitores. (Bf) «vamos desenvolver um projeto que se chama «O Perfil das Leituras». É um serviço de aconselhamento; vamos fazer um levantamento bibliográfico de livros de acordo com o perfil de cada utilizador [...]. E o objetivo também seria

		encaminhar as novidades para as pessoas, de acordo com os seus interesses» (Bp)
	Cursos de literatura	«Temos tido alguns cursos de literatura.» (Be)
	Comunidades de leitores	«comunidade de leitores» (Be)
	Encontros com escritores e outros agentes culturais	«Às vezes também temos encontros com escritores na parte infantojuvenil.» (Bf) «contactos com escritores e atores» (Bn)
	Desenho	«Promovemos a leitura sempre no contexto da educação pela arte, que agora se chama pomposamente literacia artística. Trabalhamos o texto sempre na perspetiva da ilustração ou da banda desenhada. Temos exposições, em que os miúdos depois fazem exercícios de acordo com as diferentes faixas etárias com base na exposição. As horas do conto também acabam por ter sempre uma parte de ilustração.» (Bh)
	Exposições	«exposições» (Bh) «decorrem exposições, conferências, tudo isso que nós fazemos sobre temas relacionados com a História Contemporânea de Portugal. Supomos que as pessoas, para além de virem aqui assistir, interessam-se por isso, e vão ler, investigar.» (Bi) «exposições» (Bj)
	Apresentação de livros	Temos apresentação de livros, que em si já é um estímulo à leitura, não é? A pessoa vem, conhece um novo livro.» (Bi)

	Conferências, colóquios, palestras	<p>«conferências» (Bi)</p> <p>«conferências» (Bj)</p> <p>«porque é assim, os nossos meninos aqui da Casa Pia, muitos deles não tinham os cuidados de higiene, e nós tivemos aqui uma palestra há pouco tempo sobre a higiene, até convidei uma enfermeira. É uma projeção que se pode utilizar com livros, porque vai incentivar. Fazem-lhes sempre mostra de livros, e nesse dia tínhamos aqui a mostra dos livros sobre a higiene, oral e corporal, e folhearam e alguns até gostaram de ler e até levaram» (Bk)</p> <p>«colóquios» (Bl)</p> <p>«Ao nível de adultos vamos começar agora, vamos tentar fazer uns colóquios até ao fim do ano.» (Bm)</p>
	Sítios Web	<p>«Hemeroteca Digital, que é onde nós vamos pondo na Internet publicações completamente digitalizadas, que são escolhidas, são selecionadas» (Bj)</p>
	Associação da leitura a outras artes	<p>«Nós temos aqui um caso sobre o Beethoven. Toda a gente dizia “ah, isso é um horror, não gosto nada disso”. Fizemos uma apresentação em PowerPoint sobre a vida e obra do senhor, os livros, e o que é facto é que agora as pessoas começam a pensar “aquilo é música clássica mas eu já gosto”. Porquê? Porque já têm conhecimento de que o senhor nasceu na época tal, é alemão... Fez com que as pessoas se incentivassem a ler qualquer coisa sobre aquele tipo de música clássica.» (Bk)</p> <p>«Eu disse-lhe: “Ó Mauro, porque é que não hás</p>

		de ler um livro sobre um pintor qualquer?” O que é facto é que ele hoje está a estudar no Conservatório de Música» (Bk)
	Jogos tradicionais	«jogos tradicionais» (Bn)
	Contacto com o objecto livro	«Normalmente o que nós fazemos é, nos primeiros contactos que as crianças têm, não lhes contamos histórias. Deixamos as crianças à vontade, deixamo-las mexerem nos livros, desarrumarem tudo aquilo que querem, e contactarem com os livros. Esse primeiro contacto é fundamental, e tem resultado.» (Bo)
	Não definidas	«temos as normais» (Bg)
Promovem a leitura em contexto familiar	Leitura de histórias	«Nós às vezes dizemos que se lermos para as crianças mais facilmente se tornam leitoras. Eu fiz isso com a filha que tenho, li muito para ela, li-lhe histórias, e ela tornou-se leitora» (Ba) «Sim, nomeadamente a crianças, costumo sempre, quando vão lá a casa, costumo sempre contar-lhes uma história, ler um livro, costumo até fazer um desenho e explicar. Não sempre, mas de vez em quando, quando surge a oportunidade, faço isso.» (Bn)
	Menção das leituras e discussão de assuntos	«Relativamente aos artigos que lemos, às notícias nos jornais, muitas vezes comentamos em casa, e as preferências literárias de cada um de nós às vezes são diferentes, o que é salutar, porque traz, a nível da informação, um contributo que pode ser até uma boa motivação para outras leituras» (Bd) «Acontece falar sobre isso com a minha mulher,

		<p>do que estou a ler, de coisas que gosto, lemos coisas de que gostamos um ao outro» (Bi)</p> <p>«muitas vezes falamos de livros, porque a minha companheira também é bibliotecária. Falamos mais de livros técnicos porque ela também dá formação. Muitas vezes discutimos os livros que ambos estamos a ler, fazemos comentários como “já viste isto, isto e isto, e isto é importante para isto, e podias fazer isto”.» (Be)</p>
	Sugestões de leitura	<p>«se aparece um artigo ou um livro que ela sabe que me pode interessar, envia-me o <i>link</i>, e vice-versa» (Be)</p> <p>«Sim, nós somos muitos irmãos, portanto, somos uma família que sempre leu muito, sempre teve muitos livros em casa. Não preciso de falar com os meus irmãos sobre determinados livros, porque eu vou a casa deles e eles também têm a casa cheia de livros, andamos todos a ler as mesmas coisas. Em tempos, eu e a minha cunhada líamos aqueles romances históricos e oferecíamos livros uma à outra e dizíamos “ah, não sei se já leste este”, “este acabou de sair”.» (Bj)</p> <p>«Costumo dar dicas para a leitura» (Bn)</p>
	Oferta de livros	<p>«por sorte, os meus sobrinhos gostam muito de ler, gostam imenso de ler, e sempre que é possível, ultimamente nas prendas de Natal e de aniversário, querem sempre livros, são os livros que surgem como presentes. E também para os restantes familiares, preocupo-me» (Bf)</p> <p>«O meu filho também acabou o curso, e não leu um livro na vida. Eu uma vez, em causa de desespero, comprei-lhe em banda desenhada a</p>

		<p>vida do Eusébio, que ele só gosta de futebol e andar de prancha, na água ou na neve, e ele nem a vida do Eusébio leu, portanto nunca leu um livro na vida.» (Bg)</p> <p>«O meu filho não lê. Quando era pequeno lia. Não se pode obrigar. Nós comprávamos-lhe vários tipos de livros» (Bh)</p> <p>«Eu tenho dois netos, tenho um com 18 anos e tenho outro com 13, que, por enquanto, ainda lê. De vez em quando, manda-me um <i>email</i>: “Ó avó, não me queres oferecer este livro?” (Bp)</p>
	Biblioteca familiar	<p>como sou mais desta área das artes e o meu filho gosta muito, nós compramos muitos livros sobre Arte, História, muita coisa, tenho uma biblioteca bastante recheada» (Bk)</p> <p>«a bibliotecazinha em casa» (Bm)</p>
	Contacto com o objeto-livro	<p>«eu tenho todo o interesse em motivá-la desde pequenina, porque acho que as crianças ao levaram, por exemplo, um livro para o banho, mais facilmente o manuseiam e interpretam as imagens. Eu sinto que, de facto, o trabalho que tive com ela desde pequenina, a mostrar-lhe e a dar-lhe, a brincar com ela com os livros, que já tem reflexos hoje» (Bp)</p> <p>«Faço questão que ela viva rodeada de livros e que ela sinta porque, se ela começar a sentir o prazer de manusear um livro já é um início para descobri-los.» (Bp)</p>
	Atividades especiais	<p>«tenho que ler duas horas por dia com intervalo de um quarto de hora, com o sistema dos disléxicos» (Bk)</p>

<p>Conhecem o Plano Nacional de Leitura</p>	<p>Têm uma opinião favorável do Plano</p>	<p>«Penso que é ótimo, pois cada vez mais temos que apoiar os nossos escritores, porque somos o parceiro ideal para darmos a ler o que eles fazem, e eles são os parceiros ideais para nos ajudarem cada vez mais a enriquecer os fundos e a enriquecer o conhecimento de toda a gente, e, para mais, os nossos escritores de literatura infantil, temos muitos e bons. Acho que vai ter resultados muito positivos.» (Ba)</p> <p>«Aquisição de obras recomendadas no Plano e que servem de suporte às atividades, para além do catálogo de toda a rede. Lamentavelmente, as obras do PNL não têm sido atualizadas por falta de verbas para aquisições.» (Bb)</p> <p>«Como sabe, a Câmara Municipal de Lisboa assinou um protocolo com o Plano Nacional de Leitura e considero que é uma excelente oportunidade para uma aproximação entre o setor da cultura e o setor da educação, que nem sempre têm colaborado. O PNL poderá ser um passo decisivo para a nossa profissão e confesso que fiquei muito surpreendido com a publicidade às bibliotecas municipais que tem passado na televisão.» (Bc)</p> <p>«Olhe, eu ainda vou refletir sobre esse assunto, mas julgo que é uma iniciativa excelente. Não é uma coisa original em Portugal, porque já se tinha ouvido falar da sua existência noutros países. De facto, autarquias e escolas devem ser parceiras, e isso é uma forma de aproveitar os recursos existentes e de irmos ao encontro das necessidades das crianças que estão na idade de aprender a ler, ou não, depende do estágio, não é? Portanto, desenvolver competências de leitura</p>
--	--	--

		<p>nos vários grupos etários é o mesmo que nós trabalhamos nas bibliotecas nacionais, o objetivo é comum.» (Bd)</p> <p>«A rede é parceira há pouco tempo. A minha opinião sobre isso é favorável, logicamente, porque acho que realmente a autarquia de Lisboa tem que funcionar quer a nível de promoção quer ao nível das escolas. Acho que as bibliotecas não devem parar por aí, pelo PNL, porque usam os seus esforços só no sentido das escolas. Ou seja, a autarquia de Lisboa faz o protocolo do PNL, mas não volta o seu negócio somente para escolas, porque nós temos que ver também as bibliotecas públicas, não só as bibliotecas escolares, e isso poderá ser negativo se não houver uma estratégia nesse sentido. Estabelecer parcerias, abrir horizontes permite-nos destacar mais uma vez a coleção, e até aqui não tínhamos possibilidade para isso, ou seja, há uma série de vantagens que podemos usufruir.» (Be)</p> <p>«Eu acho que é fundamental, não é? E o facto de ter começado esta implementação na rede escolar é muito importante, porque é na escola que os meninos começam a aprender a ter o gosto pela leitura. Vou dizer uma coisa que é muito triste: com certeza que já ouviu dizer que os meninos quando se portam mal vão para a biblioteca. A biblioteca é vista assim com um papão lá do sítio, e quem se porta mal vai para lá. Eu penso que está a mudar um bocadinho. Eu não critico os professores. É verdade que os professores têm muito trabalho para fazer, e terem mais atividades extra é capaz de ser um bocadinho complicado, e às vezes, também, as bibliotecas escolares têm um número muito restrito de</p>
--	--	---

		<p>documentos, daí que talvez não seja o mais apetecível para os professores, que também têm de cumprir o programa e ficam com pouco tempo para ir à biblioteca. Agora, penso que também tem a ver com as iniciativas que a própria biblioteca escolar tem. Uma lacuna muito grande que há nas bibliotecas escolares deve-se ao facto de estas não terem bibliotecários nem técnicos profissionais. Penso que o PNL vem colmatar algumas dessas necessidades, ao levar um número cada vez maior de autores e também de documentos para as próprias bibliotecas, e isso é fundamental. É importante que alguém da área, com formação em Biblioteconomia, vá para a biblioteca, porque ninguém faz omeleta sem ovos, não é? Os professores aprendem a fazer catalogações, indexações ou outra coisa qualquer, tudo bem, agora dinamizar...É preciso um técnico profissional ou bibliotecários, e há tantos bibliotecários no desemprego, podia ser algo a valorizar... E dar algum incentivo às próprias bibliotecas escolares. Penso que o PNL está a ter um bom trabalho.» (Bf)</p> <p>«Eu tenho uma boa opinião acerca do Plano. Nós não inventámos a roda. Se os ingleses têm os níveis de leitura e de literacia que têm e têm um PNL, se os americanos o têm, se países nórdicos o têm, há necessidade de haver da parte do Estado uma série de programa que permitam elevar os níveis de literacia. A vantagem do Plano neste momento é ter uma intervenção na escola bastante grande, porque os primeiros cinco anos, para além de outros projetos em simultâneo, incidem na leitura orientada na sala de aula. O mais importante que o Plano tem é</p>
--	--	---

		<p>levar a leitura à escola. Está baseado em bons modelos, como os anglo-saxónicos.» (Bh)</p> <p>«Considero-o bastante bom, e acho que tem dado resultados, porque, dentro do hábito do plano da leitura, como nós estamos em rede, até há escolas que nos procuram para vir requisitar livros para as próprias escolas. Como nós funcionamos em rede, embora esta biblioteca seja especializada, eles podem vir aqui, e eu noto que há um aumento do número de pedidos de livros, pelo menos de empréstimo.» (Bl)</p> <p>«Eu acho que é importante, foi importante, realmente, a assinatura do protocolo para o PNL, e, de facto, é enriquecedor, e é uma forma de nós termos conhecimento daquilo que é mais aconselhável à leitura, não é?» (Bn)</p> <p>«Em relação ao PNL, há livros que eu já ouvi falar. Existem livros que não vão fazer parte. Eu costumo dar muita atenção e escolher para a minha filha. Tenho o hábito de ir ver os livros que eles aconselham no PNL. Dou uma oportunidade ao PNL, até porque eu acho que é preciso fazer alguma coisa, e acho que o PNL é o início, não é? Acho que é preciso dar incentivo às bibliotecas, mas acho que é um início, acho que temos de dar atenção.» (Bp)</p>
	<p>Não têm uma opinião favorável do Plano</p>	<p>«Quem não tem dinheiro, não tem vícios. As nossas bibliotecas são 18, e eu acho que eles tinham que ter uma atitude política, que era, de 18, passar para 6, e fechavam as outras, andam a brincar às bibliotecas...» (Bg)</p> <p>«Eu não tenho uma opinião muito forte. Coisas que vi, coisas que li, coisas... O Plano Nacional de Leitura, não sei... qualquer estímulo à leitura</p>

		<p>que não esteja relacionado com o sistema educativo, parece-me um bocadinho vão, parece-me que é a escola o local de eleição disso. E depois o resto, pelo menos pelo que eu tenho visto... a determinada altura ainda acompanhei o processo na sua aplicação prática. Não aqui, mas noutra equipamento da rede. E aquilo era uma, desculpe-me o termo, umas pessegadas, percebe? Pronto, eu percebo, porque em regime laboral nós percebemos. Há pessoas que têm que ter uma função e que têm de fazer alguma coisa. Isso justifica tudo, pronto, mas o Plano em si, quer dizer, não sei, com certeza foi consciente pelas intenções, mas depois a realização prática daquilo... Como lhe digo, fora da escola, aí sim, e aí nem sequer me manifesto, porque não tenho conhecimento do que se passa. Mas fora da escola... o resto são umas coisas assim um bocado... pronto, mas... não é uma opinião muito esclarecida, confesso, não é, pronto, é aquilo que me parece. Mas um bocado... tenho um bocado de mau feitio com estas coisas, não gosto muito.»</p> <p>(Bi)</p> <p>«Eu sei que existe um protocolo, existe relações entre as duas sedes. Não conheço, de facto, esse protocolo, não sei muito bem como é que as coisas estão a funcionar. Acho ótimo que as coisas estejam ligadas, principalmente em termos de tratamento técnico é muito importante, que as escolas não percam tempo, até porque a maior parte das escolas não têm bibliotecários nem têm técnicos, vá, têm os professores bibliotecários, que são importantes para apoiar o estudo das crianças, dos jovens, e dinamizá-los na leitura das suas próprias bibliotecas, agora, de facto,</p>
--	--	--

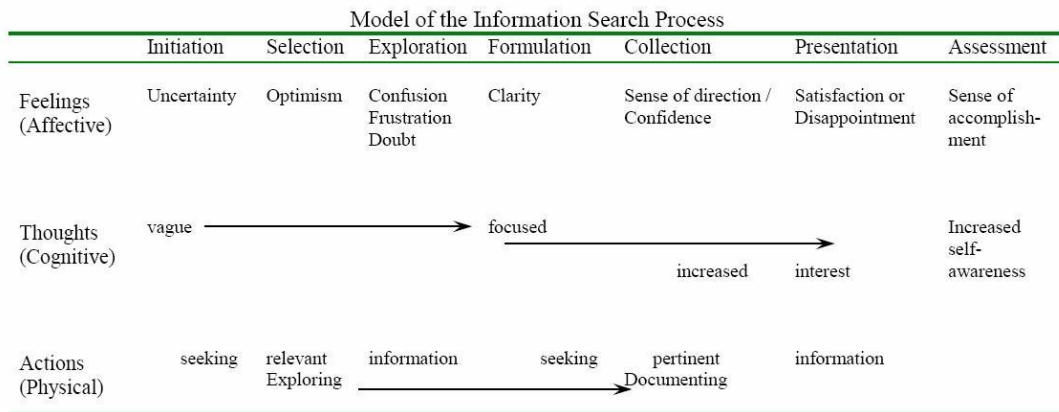
		<p>acho que é importante que as bibliotecas públicas, por terem esse tipo de pessoal tenham o tratamento técnico dessas publicações, para que a rede das escolas possa vir buscar esse tipo de tratamento, que não estejamos todos a catalogar os mesmos livros. No fundo, quem devia ter esse papel era a Biblioteca Nacional, e é isso que está falado há muitos anos; só que a Biblioteca Nacional tem um atraso grande em termos de tratamento técnico, quer de monografias quer de periódicos.» (Bj)</p> <p>«Acho muito bem nós sermos parceiros, só acho que devíamos abordar isso de maneira diferente. Porque é assim, no ano passado foi um bocado restrito. Eles deram uns livros e há escolas que não trabalharam determinados livros, trabalharam outros, e nós, às vezes, estávamos naquele impasse, que a professora dizia “eu não quero trabalhar este livro, quero trabalhar outro”, “vamos trabalhar esse livro”, e às vezes havia um bocadinho de complicações por causa dos livros, porque é assim, como está tudo em rede, resolveram que cada biblioteca, o livro era igual para todas, o que também fez mal, fez uma coisa de mal, que foi o afastamento dos professores e de próprias pessoas que vinham à biblioteca ver a Hora do Conto, “então eu vou a Belém ver a Hora do Conto, amanhã vou à Orlando Ribeiro à mesma hora do conto”, estávamos em rede, mas era igual para todas. Acho que isso é que foi uma grande asneira, porque antigamente... e era isso que eu estava a dizer. As pessoas diziam “então eu estive na Orlando Ribeiro...”, olhavam para aqui e “ah, eu quero marcar uma atividade, diga-me quais são os livros”, são todos iguais, e eu</p>
--	--	--

		<p>disse “olhe, são regras do departamento e eu não posso alterar”, acho que aí é que houve um bocado de falha. Acho que devemos estar em rede, é muito importante, troca de livros, deixar o livro na Camões e ir buscar em Belém, depois vir da Camões, muito bem. Agora trabalhar o mesmo livro nas bibliotecas todas, não. Porque é assim, os próprios professores têm agendado, no início do ano, um calendário que fazem em setembro. Eu antigamente, em setembro, pegava no carro e ia às escolas, ia falar com a diretora e com os professores e perguntava quais eram os temas de interesse que eles tinham para falar na biblioteca, que nós déssemos apoio, e fizemos muitas coisas, teatros de fantoches e tudo, relacionados com os livros do plano de leitura que eles escolheram para aquele ano, e acho que isso assim foi... porque depois uns querem trabalhar uma coisa, outros querem trabalhar outra, e depois na rede são uns obrigatórios e depois dizem-me “vou a Belém, tenho uma Hora no Conto, vou à Camões, tenho a mesma Hora do Conto”, só que em horas diferentes, e eu acho que aí é que falhou um bocadinho.» (Bk)</p> <p>«É o melhor, só que, talvez, nós não tenhamos as condições para acompanhar este PNL.» (Bm)</p> <p>«Eu não tenho uma opinião, embora não a possa fundamentar na prática, porque nós, como temos estado encerrados, não desenvolvemos atividades relacionada com o PNL. Aquilo que eu tenho visto é que, em relação ao contacto que eu tenho com as crianças e às dificuldades que elas têm de leitura, não sei se estará a resultar. De qualquer maneira, nós tivemos o cuidado de, no ano passado, adquirir uma série, completámos a nossa</p>
--	--	---

		coleção. Já tínhamos bastantes livros que foram inseridos no PNL e tentámos privilegiar nas aquisições que fizemos o PNL, adquirindo os livros que estavam lá mencionados.» (Bo)
--	--	--

ANEXO A

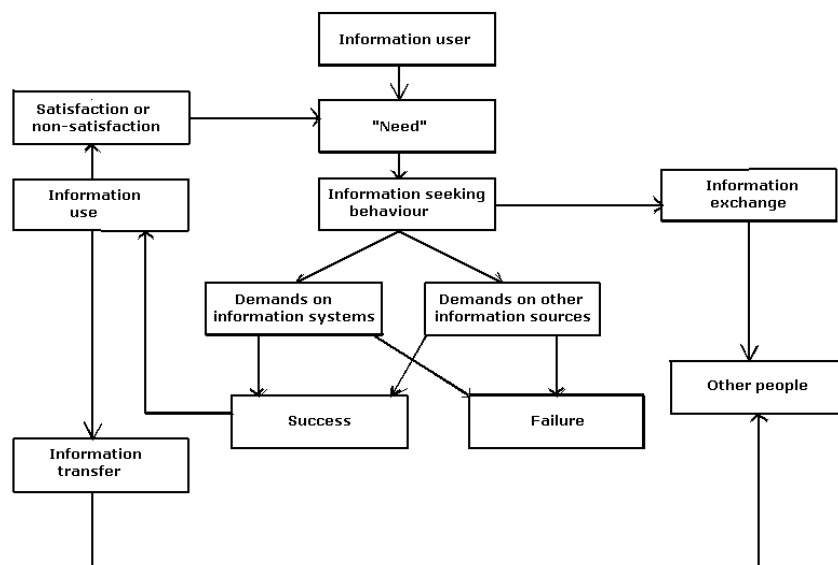
Modelo do processo de procura de informação de Carol Kuhlthau



Fonte: Kuhlthau (2004)

ANEXO B

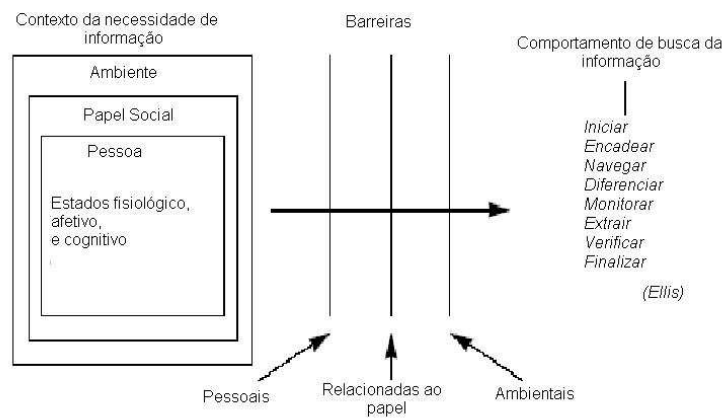
Modelo geral do comportamento informacional de Wilson



Fonte: Wilson (1981)

ANEXO C

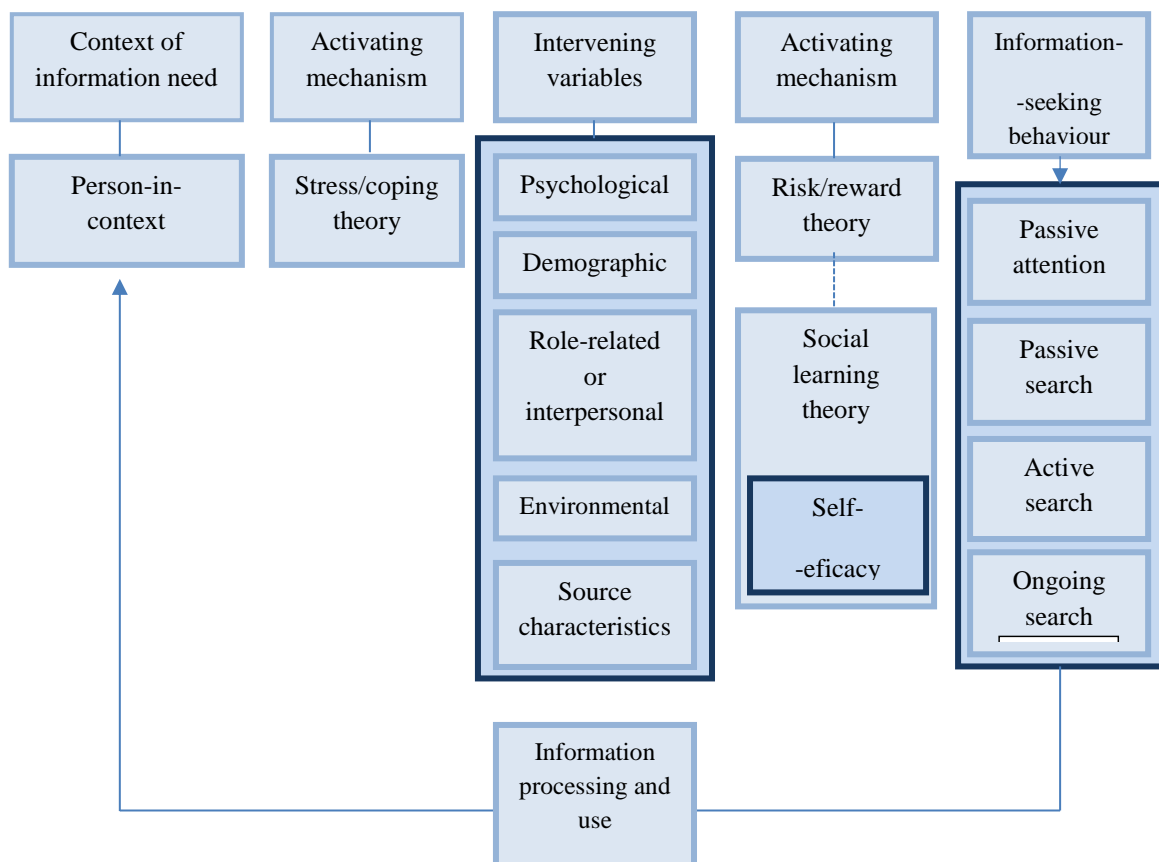
Modelo do comportamento de procura de informação de Wilson



Fonte: Wilson (1999)

ANEXO D

Modelo revisto do comportamento informacional de Wilson e Walsh



Fonte: Wilson e Walsh (1996)

ANEXO E

Domínios de competências e aptidões do Euro-Referencial I-D

TRINTA E TRÊS DOMÍNIOS DE COMPETÊNCIA	VINTE APTIDÕES PRINCIPAIS
Grupo I – Informação I 01 – Relações com os utilizadores e clientes I 02 – Compreensão do meio profissional I 03 – Aplicação do direito de informação I 04 – Gestão dos conteúdos e conhecimentos I 05 – Identificação e validação das fontes de informação I 06 – Análise e Representação da informação I 07 – Pesquisa de informação I 08 – Gestão das colecções e fundos I 09 – Enriquecimento das colecções e fundos I 10 – Tratamento físico dos documentos I 11 – Organização do espaço e equipamento I 12 – Concepção de Produtos e Serviços Grupo T – Tecnologias T 01 – Concepção informática de sistemas de informação documental T 02 – Desenvolvimento informático de aplicações T 03 – Publicação e edição T 04 – Tecnologias da internet T 05 – Tecnologias da informação e comunicação Grupo C - Comunicação C 01 – Comunicação oral C 02 – Comunicação escrita C 03 – Comunicação audiovisual C 04 – Comunicação pela informática C 05 – Prática de uma língua estrangeira C 06 – Comunicação interpessoal C 07 – Comunicação institucional Grupo M – Gestão [Management³] M 01 – Gestão global da informação M 02 – Marketing M 03 – Venda e difusão M 04 – Gestão orçamental M 05 – Gestão de projecto e planificação M 06 – Diagnóstico e avaliação M 07 – Gestão dos recursos humanos M 08 – formação e acções pedagógicas Grupo S – Outros Saberes S 01 – Saberes complementares	A - Relacionamento 1 – Autonomia 2 – (Capacidade de) Comunicação 3 – Disponibilidade 4 – Empatia 5 – (Espírito de) Equipa 6 – (Aptidão para a) Negociação 7 – (Sentido) Pedagógico B – Pesquisa 1 – Espírito de Curiosidade C – Análise 1 – (Espírito de) Análise 2 – (Espírito) Crítico 3 – (Espírito de) Síntese D – Comunicação 1 – Discrção 2 – Capacidade de resposta E – Gestão 1 – Perseverança 2 – Rigor F – Organização 1 – (Capacidade de) Adaptação 2 – (Sentido de) Antecipação 3 – (Espírito de) Decisão 4 – (Espírito de) Iniciativa 5 – (Sentido de) Organização

Fonte: Euro-Referencial I-D

ANEXO F

Serviços disponibilizados pela RMBL

Serviços de leitura e empréstimo de documentos	Serviços de apoio à pesquisa de informação	Serviços para crianças	Serviços para pessoas com dificuldades de visão ou de mobilidade	Serviços educativos e culturais	Outros serviços
Consulta de presença	Referência	Espaço infantojuvenil	Referencialidade cultural	Atividades de Promoção da Leitura	Vários PC com acesso à Internet
Empréstimo domiciliário	Serviço de Informação Bibliográfica – SIB	Catálogo Miúdos LX	Leitura em suportes especiais e em carateres comuns	Serviço de Atividades Culturais e Educativas – SACE	Fotocópias, impressões e digitalizações
Reserva de documentos	Serviço de Atendimento de Publicações Oficiais – SAPO		Impressão em <i>Braille</i> e digitalização de textos	Divulgação de Atividades – «Melting Pot»	<i>BookCrossing</i>
Empréstimo Inter-BLX	Catálogo das BLX		Leitura domiciliária especial	Visitas Guiadas às BLX	
Empréstimo Interbibliotecas			Produção e difusão de publicações	Formação	
			Fomento e apoio de eventos científicos		

Fonte: *Site* da RMBL

